FÁBULAS DAS FLORES

LOUISA MAY ALCOTT

Tradução em prosa poética e edição

CIDICLEI MEDEIROS

Esta obra é de acesso livre para fins educacionais.

É permitida a impressão, cópia e distribuição gratuita deste livro para uso didático, pedagógico e não comercial, desde que mantidos os créditos do autor e a integridade do conteúdo.

É proibida a venda, alteração do conteúdo ou uso comercial sem autorização prévia e expressa do titular dos direitos.

Título: Fábula das Flores
Responsável pela tradução e edição: Cidiclei da Silva Medeiros

1ª edição – 2026
Salvador – BA – Brasil
Publicação independente

https://www.imagismo.com.br/início

Fábula das Flores

Louisa May Alcott

Texto Original: Project Gutenberg

Língua Original: Inglês (1854)

Suporte tecnológico de IA na tradução: Gemini (Google)

Tradução, edição, revisão e adaptação literária: Prof. Cidiclei Medeiros

Louisa May Alcott (1832–1888) foi uma influente escritora e abolicionista americana, criada no círculo intelectual de Emerson e Thoreau. Iniciou sua carreira literária aos 22 anos com a publicação de Fábulas das Flores, uma coletânea de contos de fadas dedicada à filha de Emerson. Após servir como enfermeira na Guerra Civil, alcançou sucesso estrondoso com o clássico Mulherzinhas, obra que garantiu sua independência financeira e revolucionou a literatura juvenil. Paralelamente, escreveu suspenses sob pseudônimo e foi uma fervorosa ativista pelo sufrágio feminino. Sua trajetória é marcada pela defesa da autonomia das mulheres e por um legado que equilibra realismo doméstico e rebeldia social.

Sombras em reflexão, cores, nuvens,
brotos de relva e sudários de lagartas,
ramos sobre os quais as abelhas selvagens pousam,
matizes que colorem a pétala da violeta.

Notas da Floresta, de Emerson

À Srta. Ellen Emerson, para quem eram feitas estas fábulas de flores, são dedicadas por sua amiga, a autora.

Boston, 9 de dezembro de 1854.

SUMÁRIO

Fábulas das Flores 6
O Rei do Gelo ou o Poder do Amor 7
A Visita de Eva ao Mundo das Fadas 18
A Lição da Flor 30
Lírio-Sino e Pluma de Cardo 33
Pequeno Botão 55
Flor do Trevo 62
O Sonho da Pequena Annie ou a Flor da Fada 69
Ondulação, o Espírito da Água 76
Canção das Fadas 87

A lua de verão brilhava intensamente sobre a terra adormecida, enquanto, longe dos olhos mortais, bailava o povo das fadas. Vaga-lumes pendiam em aglomerados luminosos nas folhas orvalhadas, que ondulavam na brisa fresca da noite; e as flores contemplavam, maravilhadas, os pequenos elfos que repousavam entre as frondes das samambaias, balançavam-se nos ramos das videiras, navegavam no lago em taças de lírios ou dançavam no solo musgoso, ao som das campânulas, que tangiam seu repique mais alegre em honra da noite.

À sombra de uma roseira silvestre, sentavam-se a Rainha e suas damas de honra, ao lado do cogumelo argênteo onde o banquete estava servido.

— Agora, meus amigos — disse ela —, para passar o tempo até que a lua brilhante se ponha, vamos cada um contar uma história, ou relatar o que fizemos ou aprendemos hoje. Começarei por vós, Cacho de Sol — acrescentou ela, voltando-se para um adorável elfo que estava deitado entre as folhas perfumadas de uma prímula.

Com um sorriso alegre, Cacho de Sol iniciou sua narrativa:

O Rei do Gelo ou o Poder do Amor

Três pequenas fadas sentavam-se ao campo para o desjejum; cada qual entre as pétalas de sua flor favorita — Margarida, Prímula e Violeta —, mostravam-se tão felizes quanto os elfos costumam ser.

A brisa da manhã as embalava suavemente, e o sol brilhava cálido sobre a relva orvalhada, onde borboletas abriam suas asas festivas, e abelhas, com suas vozes graves, zumbiam entre as flores, enquanto os passarinhos saltitavam alegremente para observá-las.

Sobre um cogumelo prateado, espalhava-se o desjejum; pequenos bolinhos de pó de flores repousavam sobre uma larga folha verde, ao lado de um morango carmesim que, com o açúcar da violeta e o creme da asclépia amarela, formava uma refeição mágica, e a bebida era o orvalho colhido das pétalas brilhantes das flores.

— Ai de mim — suspirou Prímula, ao recostar-se languidamente —, como o sol está ardente! Dai-me mais um pedaço de morango e terei de apressar-me para a sombra das samambaias. Mas, enquanto como, dizei-me, querida Violeta: por que estais todas tão tristes? Quase não vi um rosto feliz desde que retornei da Terra das Rosas; querida amiga, o que significa isso?

— Eu vo-lo contarei — respondeu a pequena Violeta, enquanto lágrimas se acumulavam em seus olhos delicados. — Nossa boa Rainha esforça-se incessantemente para proteger as amadas flores do poder do cruel Rei do Gelo; ela tentou de muitas maneiras, mas todas falharam. Enviou mensageiros à sua corte com presentes valiosos; mas todos retornaram enfermos pela falta de luz solar, cansados e tristes. Nós as vigiamos, indiferentes ao sol ou à chuva, mas seus espíritos sombrios continuam seu trabalho, e permanecemos aqui a chorar por nossas flores fenecidas. Assim nos esforçamos, em vão; e, esta noite, nossa Rainha realizará seu conselho pela última vez. Por isso estamos tristes, querida Prímula, pois ela trabalhou e cuidou de nós, e agora nada podemos fazer para ajudá-la ou aconselhá-la.

— É, em verdade, algo cruel — respondeu sua amiga; — mas, como não o podemos evitar, devemos sofrer pacientemente e não permitir que as tristezas alheias perturbem nossa felicidade. Mas, queridas irmãs, não vedes como o sol está alto? Tenho de arrumar meus cabelos e preparar minha roupa para a noite; portanto, preciso partir, ou ficarei marrom como uma folha seca sob esta luz ardente.

Então, colhendo um pequeno cogumelo para servir-lhe de guarda-sol, ela voou para longe; Margarida logo a seguiu, e Violeta ficou sozinha.

Então ela arrumou a mesa novamente, e a ela vieram destemidamente a formiga e a abelha laboriosas, a borboleta e o pássaro alegres; até mesmo a pobre toupeira cega e a humilde minhoca não foram esquecidas; e com palavras gentis ela falou a todos, enquanto cada qual aprendia algo

com sua bondosa e pequena professora; e o amor que iluminava seu próprio coração resplandecia igualmente sobre todos.

A formiga e a abelha aprenderam a generosidade; a borboleta e o pássaro, o contentamento; a toupeira e a minhoca, a confiança no amor alheio; e cada qual voltou para casa melhor pelo pouco tempo que passara com Violeta.

A noite chegou, e com ela tropas de elfos vieram aconselhar sua boa Rainha que, sentada em seu trono coberto de musgo, olhava ansiosamente para a multidão abaixo, cujas asas brilhantes e vestes farfalhantes reluziam como flores multicoloridas.

Por fim, ela se levantou e, em meio ao profundo silêncio, falou assim:

— Queridas crianças, não nos cansemos de uma boa obra, por mais árdua e exaustiva que seja; pensai nos muitos coraçõezinhos que, em sua tristeza, nos procuram em busca de auxílio. O que seria da terra verdejante sem suas lindas flores, e que lar solitário seria para nós! Sua beleza ilumina nossos corações, e seu amor desperta pensamentos ternos. Deveríamos, então, deixá-las morrer desamparadas e sozinhas? Elas nos dão tudo; não deveríamos trabalhar incessantemente para que floresçam em paz em seus lares tranquilos? Tentamos conquistar o amor do severo Rei do Gelo, mas em vão; seu coração é duro como sua própria terra gelada; nenhum amor pode derretê-lo, nenhuma bondade pode trazê-lo de volta à luz e à alegria. Como, então, protegeremos nossas frágeis flores de seu espírito cruel? Quem nos aconselhará? Quem será nosso mensageiro pela última vez? Falai, meus súditos.

Então, um grande murmúrio surgiu, e muitos se manifestaram: alguns pediam presentes mais valiosos, outros clamavam pela guerra; e os temerosos aconselhavam paciência e submissão. Falaram longamente e com entusiasmo, e suas vozes suaves elevaram-se ao céu.

Subitamente, uma música doce soou no ar, e os brados altos foram silenciados, enquanto, em silêncio contemplativo, as fadas aguardavam o que estava por vir.

Em meio à multidão, surgiu uma pequena figura, com uma coroa de violetas brancas e puras entre as madeixas brilhantes que caíam suavemente ao redor do rosto delicado, onde um rubor profundo brilhava; enquanto, ajoelhada ante o trono, a pequena Violeta dizia:

— Querida Rainha, curvamo-nos ao poder do Rei do Gelo e oferecemos presentes ao seu orgulho, mas fomos até ele com confiança e falamos destemidamente de seus atos malignos? Iluminamos seu coração frio com a suave luz do amor incansável e, com paciência e ternura, mostramos-lhe como o amor pode iluminar e tornar belo até mesmo o destino mais sombrio?

— Nossos mensageiros partiram temerosos e, com olhares frios e palavras corteses, ofereceram-lhe ricos presentes, coisas pelas quais ele não se importava, e com igual orgulho ele os devolveu.

— Então deixai-me, a mais fraca de vosso grupo, ir até ele, confiando no amor que sei que se esconde no coração mais gélido.

— Levarei apenas uma grinalda de nossas mais belas flores; envolvê-las-ei ao redor dele, e seus rostos brilhantes, ao olharem amorosamente para o dele, trarão doces pensamentos à sua mente sombria, e seu suave hálito penetrará como palavras gentis. Então, quando ele as vir fenecer em seu peito, não suspirará por não haver calor ali para mantê-las frescas e belas? Isso farei, querida Rainha, e jamais deixarei seu lar sombrio, até que a luz do sol incida sobre flores tão belas quanto as que desabrocham em nossa amada terra.

A Rainha ouvira em silêncio, mas agora, ao levantar-se e pousar a mão sobre a cabeça da pequena Violeta, disse, voltando-se para a multidão abaixo:

— Nós, em nosso orgulho e poder, erramos; enquanto esta, a mais frágil e humilde de nossos súditos, com a inocência de seu puro coração, aconselhou-nos com mais sabedoria do que o mais nobre de nossa comitiva. Todos que desejarem auxiliar nossa corajosa mensageira, erguei vossas varinhas, para que saibamos quem depositará sua confiança no Poder do Amor.

Cada varinha mágica brilhou no ar, enquanto, com vozes argentinas, elas clamavam: — O Amor e a pequena Violeta!

Então, descendo do trono, de mãos dadas, vieram a Rainha e Violeta, e até a lua se pôr, as Fadas trabalharam para tecer uma grinalda das mais belas flores. Delicadamente, elas as colheram, com o orvalho da noite fresco em suas folhas, e enquanto teciam, entoavam doces encantamentos e sussurravam bênçãos de fadas sobre os mensageiros brilhantes que enviavam para morrer em uma terra sombria, para que seus gentis parentes pudessem florescer ilesos. Finalmente, tudo estava pronto; e as belas flores brilhavam sob a suave luz das estrelas, enquanto ao lado delas estavam as fadas, cantando ao som das harpas de vento:

— Estamos enviando-vos, queridas flores,
A sós para morrer,
Onde vossas gentis irmãs não poderão chorar
Sobre as gélidas covas onde ireis jazer;
Mas vós partirdes para lhes dar vida eterna
Nos lares iluminados onde elas habitam,
E vós sorrides suavemente por isso,
Enquanto nós, tristemente, cantamos adeus.
Rogai por nós com palavras gentis,
E sussurrai com ternura
Vosso generoso amor a esse coração frio,
E ele vos responderá;
E embora definheis em um lar sombrio,
Corações amorosos ainda falarão
Da alegria e da paz que a nós destes:
Flores, queridas flores, adeus!
Corações amorosos ainda falarão
Da alegria e da paz que a nós destes:
Flores, queridas flores, adeus!

O sol da manhã lançava um suave olhar sobre a vasta terra verde que, como um altar imponente, exalava nuvens de perfume, enquanto as flores dançavam alegremente na brisa de verão e os pássaros cantavam seu hino matinal entre as frescas folhas verdes. Então, lá no alto, em asas brilhantes, pairava uma pequena figura. A luz do sol repousava delicadamente sobre os cabelos sedosos, e os ventos acariciavam amorosamente o rosto luminoso, trazendo os aromas mais doces para animá-la.

Assim voou Violeta pelo ar límpido, e a terra parecia sorrir para ela, enquanto, com a coroa brilhante nos braços, singrava por entre as nuvens brancas e macias.

Ela prosseguiu por colinas e vales, rios caudalosos e bosques sussurrantes, até que a luz quente do sol se dissipou, os ventos esfriaram e o ar tornou-se denso com a neve que caía. Então, lá embaixo, avistou a morada do Rei do Gelo. Pilares de gelo duro e cinzento sustentavam o alto telhado arqueado, adornado com pingentes cristalinos. Jardins sombrios estendiam-se ao redor, repletos de flores fenecidas e árvores nuas e curvadas; enquanto nuvens carregadas pairavam baixas no céu escuro, e um vento frio murmurava tristemente pelo ar invernal.

Com o coração palpitante, Violeta apertou ainda mais contra o peito sua coroa de flores desbotada e, com asas cansadas, voou em direção ao palácio sombrio.

Ali, diante das portas fechadas, estavam muitas figuras de rostos sombrios e vozes ásperas e dissonantes, que perguntavam severamente à pequena fada trêmula por que viera até eles. Com delicadeza, ela respondeu, explicando-lhes o motivo de sua visita e implorando que a deixassem passar antes que o vento frio destruísse suas frágeis flores. Então, eles abriram as portas de par em par, e ela entrou.

Paredes de gelo, esculpidas com figuras estranhas, a cercavam; pingentes brilhantes pendiam do teto alto, e a neve branca e macia cobria o chão duro. Em um trono adornado com nuvens, sentava-se o Rei do Gelo; uma coroa de cristais prendia-lhe os cabelos brancos, e um manto escuro, ornamentado com delicados entalhes de gelo, cobria seu peito gélido.

Seu semblante severo não conseguiu deter a pequena Violeta, que seguiu pelo longo corredor, indiferente à neve que se acumulava em seus pés e ao vento gélido que soprava ao seu redor; enquanto o Rei, com olhos admirados, observava a luz dourada que brincava nas paredes escuras à sua passagem.

As flores, como se soubessem qual era o seu papel, desdobraram suas pétalas brilhantes e exalaram seu perfume mais doce, enquanto, ajoelhada ante o trono, a pequena e corajosa fada dizia:

— Ó Rei da desolação e da tristeza, não me mandeis embora até que eu tenha trazido de volta a luz e a alegria que tornarão seu lar sombrio brilhante e belo novamente. Deixai-me chamar de volta aos jardins desolados as belas formas que se foram, e suas vozes suaves, abençoando-vos, trarão ao vosso peito uma alegria inesgotável. Renunciai à vossa coroa e ao vosso cetro de gelo, e deixai a luz do amor cair suavemente sobre vosso coração.

— Então a terra florescerá novamente em toda a sua beleza, e vossos olhos cansados repousarão apenas em belas formas, enquanto a música ecoará por estes salões sombrios, e o amor de corações agradecidos será vosso. Tende piedade dos gentis espíritos das flores e não os condeneis a uma morte prematura, quando poderiam florescer em beleza eterna, tornando-nos mais sábios com seus ensinamentos suaves e a terra mais brilhante com suas belas formas. Estas belas flores, com as preces de toda a Terra das Fadas, eu as deposito diante de vós; ó, não me mandeis embora até que sejam atendidas.

E com lágrimas caindo abundantemente sobre suas tenras pétalas, Violeta depositou a coroa de flores a seus pés, enquanto a luz dourada se intensificava ao incidir sobre a pequena figura que ali se ajoelhava tão humildemente.

O semblante severo do Rei suavizou-se ao contemplar a gentil fada, e as flores pareciam suplicar-lhe; enquanto suas fragrâncias sussurravam-lhe aos ouvidos, com relatos de suas irmãs moribundas e da alegria de levar felicidade aos fracos e aflitos. Mas ele puxou o manto escuro para mais perto do peito e respondeu friamente:

— Não posso atender ao vosso pedido, pequena fada; é de minha vontade que as flores morram. Voltai para vossa Rainha e dizei-lhe que não posso ceder meu poder para agradar a essas flores tolas.

Então Violeta pendurou a coroa acima do trono e, com os pés cansados, saiu novamente para os jardins frios e escuros; e as sombras douradas ainda a seguiam, e onde quer que caíssem, flores desabrochavam e folhas verdes farfalhavam.

Então vieram os Espíritos da Geada e, sob suas asas frias, as flores morreram, enquanto os Espíritos levavam Violeta para uma cela escura e baixa, dizendo, ao deixá-la, que seu Rei estava irado por ela ter ousado permanecer quando ele a mandara embora.

Então, sozinha, ela se sentou, e tristes lembranças de seu lar feliz voltaram-lhe à mente, e ela chorou amargamente. Mas logo vieram visões das delicadas flores morrendo em seus lares na floresta, e suas vozes ressoando em seus ouvidos, implorando que ela as salvasse. Então ela não chorou mais, mas aguardou pacientemente o que estava por vir.

Logo, a luz dourada começou a brilhar fracamente pela cela, e ela ouviu vozes pequeninas pedindo auxílio; e lá no alto, entre as densas teias de aranha, pendiam pobres mosquinhas lutando para se libertar, enquanto seus cruéis inimigos permaneciam em suas redes, observando seu sofrimento.

Com sua varinha, a fada rompeu as amarras que os prendiam, enfaixou delicadamente suas asas quebradas e curou seus ferimentos; enquanto eles jaziam sob a luz quente, cantarolando debilmente em agradecimento à sua bondosa libertadora.

Então, ela dirigiu-se às aranhas pardas e feias e, com palavras gentis, contou-lhes como, na Terra das Fadas, seus parentes teciam todo o tecido élfico e, em troca, as fadas lhes davam alimento; e como viviam felizes entre as folhas verdes, tecendo vestes para seus vizinhos.

— E vós também — disse ela —, fiareis para mim, e eu vos darei alimento melhor do que insetos indefesos. Vivereis em paz e tecereis vossos fios delicados em um manto para o rei severo; e eu entretecerei fios de ouro em meio ao cinza, para que, quando dobrados sobre seu coração frio, pensamentos gentis possam entrar e fazer dele seu lar.

E enquanto ela cantava alegremente, as pequenas tecelãs fiavam seus fios de seda, as moscas de asas brilhantes voavam carinhosamente sobre sua cabeça e, sobre tudo isso, a luz dourada brilhava suavemente.

Quando os Espíritos da Geada contaram ao seu Rei o que ocorria, ele ficou muito admirado e frequentemente se esgueirava para observar o pequeno cômodo ensolarado, onde amigos e inimigos trabalhavam pacificamente juntos. A luz, porém, crescia cada vez mais e flutuava no ar frio, pairando como nuvens brilhantes sobre os jardins sombrios, de onde nem todo o poder dos Espíritos conseguia expulsá-la; e folhas verdes brotavam nas árvores nuas, e flores desabrochavam; mas os Espíritos acumulavam neve sobre elas, e elas curvavam suas cabeças e feneciam.

Por fim, o manto ficou pronto, e em meio aos fios cinzentos brilhavam fios dourados, tornando-o luminoso; e ela o enviou ao Rei, suplicando-lhe que o usasse, pois traria paz e amor para habitar em seu peito.

Mas ele a rejeitou com desdém e ordenou aos seus espíritos que a levassem para uma cela ainda mais fria, nas profundezas da terra; e lá, com palavras ásperas, abandonaram-na.

Mesmo assim, ela continuou cantando alegremente, e as gotas que caíam marcavam o ritmo de forma tão musical que o Rei, em seus gélidos salões de cristal, maravilhou-se com os sons graves e doces que chegavam até ele.

Assim vivia Violeta, e a cada dia a luz dourada tornava-se mais intensa; e, por entre as fendas das paredes rochosas, surgiam bandos de pequenas toupeiras de veludo, implorando para que pudessem ouvir a doce música e repousar na luz cálida.

— Levamos uma vida triste sob a terra fria — disseram elas; — as raízes das flores estão mortas, e nenhum orvalho suave desce para que possamos beber; sementinha ou folhinha alguma encontramos. Ah, bondosa Fada, deixai-nos ser vossos servos: dai-nos apenas algumas migalhas de vosso pão de cada dia, e faremos tudo ao nosso alcance para vos servir.

E Violeta disse que sim; assim, dia após dia, elas trabalharam para abrir um caminho através da terra congelada, para que ela pudesse alcançar as raízes das flores fenecidas; e logo, por onde quer que ela passasse pelas galerias escuras, a luz suave incidia sobre as raízes das flores, e estas, com nova vida, brotavam na terra cálida e impulsionavam a seiva fresca até as flores acima. Elas

floresciam intensamente e dançavam na luz suave, e os Espíritos da Geada tentavam em vão prejudicá-las, pois, quando chegavam sob as nuvens brilhantes, seu poder de fazer o mal os abandonava.

De seu castelo escuro, o Rei contemplou as flores felizes, que acenavam alegremente para ele e, em cores suaves, esforçavam-se para lhe falar sobre o bom e pequeno Espírito que trabalhava tão fielmente lá embaixo para que elas pudessem viver. E quando ele se voltou do brilho exterior para o seu majestoso palácio, este lhe pareceu tão frio e sombrio que ele se envolveu no manto de Violeta e sentou-se sob a grinalda fenecida, em seu trono esculpido em gelo, maravilhado com o estranho calor que dele emanava; até que, por fim, ordenou aos seus Espíritos que trouxessem a pequena fada de sua prisão lúgubre.

Logo, voltaram apressados e imploraram que ele viesse ver como a cela escura tornara-se encantadora. O chão áspero estava coberto de musgo verde-escuro, e trepadeiras floridas cresciam sobre as paredes e o teto, perfumando o ar com seu aroma doce; enquanto, acima, a luz clara e suave projetava sombras rosadas sobre as gotas brilhantes que jaziam entre as folhas perfumadas; e, sob as trepadeiras, estava Violeta, lançando migalhas para as toupeiras peludas que corriam destemidamente ao redor, ouvindo-a cantar para elas.

Quando o velho Rei viu como ela tornara a cela sombria muito mais bela do que os aposentos de seu palácio, pensamentos ternos sussurraram-lhe que atendesse ao seu pedido e deixasse a pequena fada voltar para seus amigos e para seu lar; mas os Espíritos da Geada sopraram sobre as flores e o fizeram ver como eram frágeis e inúteis para um monarca. Então, os pensamentos severos e frios retornaram, e ele ordenou asperamente que ela o seguisse.

Com uma triste despedida de seus amiguinhos, ela o seguiu e, diante do trono, aguardou suas ordens. Quando o Rei viu como o rosto gentil estava pálido e triste, como seu manto era fino e suas asas fracas, e ainda assim como as sombras douradas a envolviam com tanto carinho e brilhavam ao repousarem sobre a varinha que, guiada por um amor paciente, tornara seu lar outrora desolado tão iluminado, ele não pôde ser cruel com aquela que tanto fizera por ele e, em tom bondoso, disse:

— Pequena fada, ofereço-te duas coisas, e podes escolher entre elas. Se eu jurar nunca mais ferir as flores que amas, voltarás para o teu povo e nos deixarás, a mim e aos meus espíritos, exercer a nossa vontade sobre todas as outras flores que desabrocham? A Terra é vasta, e podemos encontrá-las em qualquer lugar; então, por que te importarias com o que acontece às suas semelhantes se as tuas estiverem seguras? Farás isso?

— Ah! — respondeu Violeta, tristemente. — Vós não sabeis que, sob as pétalas brilhantes das flores, bate um pequeno coração que ama e sofre como o nosso? E poderei eu, indiferente à sua beleza, condená-las à dor e ao sofrimento, apenas para salvar as minhas próprias e queridas flores dos inimigos cruéis aos quais as entrego? Ah, não! Preferiria habitar para sempre em vossa cela mais escura a perder o amor desses corações calorosos e confiantes.

— Então, ouvi — disse o Rei — a tarefa que vos dou. Devereis construir para mim um palácio mais belo do que este e, se conseguirdes realizar tal milagre, atenderei ao vosso pedido ou perderei minha coroa real. Agora, ide e começai vossa tarefa; meus Espíritos não vos farão mal, e esperarei até que esteja concluída antes de destruir outra flor sequer.

Então, Violeta saiu para os jardins com o coração pesado, pois havia trabalhado tanto que suas forças estavam quase esgotadas. Mas as flores sussurraram sua gratidão e dobraram suas pétalas como se a abençoassem; e, quando viu o jardim repleto de amigos carinhosos, que se esforçavam para animá-la e agradecer-lhe por seus cuidados, a coragem e as forças retornaram; e, levantando densas nuvens de névoa que a ocultaram das flores admiradas, sozinha e confiante, ela iniciou seu trabalho.

Com o passar do tempo, o Rei do Gelo temeu que a tarefa tivesse sido árdua demais para a fada; sons eram ouvidos por trás das paredes de névoa, sombras brilhantes eram vistas a passar por dentro delas, mas a vozinha nunca mais fora ouvida. Enquanto isso, a luz dourada havia se dissipado no jardim; as flores curvaram suas cabeças, e tudo estava tão escuro e frio quanto no momento em que a gentil fada chegara.

E, para o rei severo, sua morada parecia ainda mais desolada e triste; pois sentia falta da luz cálida, das flores alegres e, acima de tudo, da voz jovial e do rosto radiante da pequena Violeta. Assim, ele vagava por seu palácio sombrio, indagando-se como conseguira viver outrora sem a luz do sol e sem o amor.

E a pequena Violeta foi pranteada como morta no Reino das Fadas, e muitas lágrimas foram derramadas, pois a gentil fada era amada por todos, desde a Rainha até a mais humilde flor. Tristes, velaram por cada pássaro e flor que ela amara, e esforçaram-se para ser como ela em palavras e ações bondosas. Usavam coroas de cipreste e falavam dela como de alguém que jamais tornariam a ver.

Assim viveram em profunda tristeza, até que um dia chegou a eles um mensageiro desconhecido, envolto em um manto escuro, que contemplou com olhos maravilhados o palácio iluminado e os elfos coroados de flores, que o acolheram gentilmente e trouxeram orvalho fresco e frutos rosados para refrescar o forasteiro exausto. Então, ele lhes contou que vinha do Rei do Gelo, que suplicara à Rainha e a todos os seus súditos que viessem ver o palácio que a pequena Violeta construíra; pois o véu de névoa logo seria retirado e, como ela não poderia construir um lar mais belo do que o castelo de gelo, o Rei desejava que seus parentes estivessem presentes para confortá-la e levá-la de volta ao seu lar. E enquanto os elfos choravam, ele lhes contou como ela labutara pacientemente, e como seu amor inesgotável tornara a cela escura brilhante e bela.

Ele lhes contou estas e muitas outras coisas; pois a pequena Violeta conquistara o amor de muitos Espíritos da Geada e, mesmo quando eles matavam as flores que ela tanto se esforçara para trazer à vida e à beleza, ela lhes dirigia palavras gentis e procurava ensinar-lhes a beleza do amor. O mensageiro demorou-se, e sua admiração crescia cada vez mais ao perceber que a fada pudera deixar um lar tão belo para labutar no palácio sombrio de seu cruel mestre, sofrendo com o frio e a

exaustão, para levar vida e alegria aos fracos e aflitos. Quando os elfos prometeram que viriam, ele se despediu da feliz Terra das Fadas e voou tristemente de volta ao seu lar.

Finalmente chegou a hora; e lá fora, em seu jardim árido, sob um dossel de nuvens escuras, estava o Rei do Gelo sentado diante da parede enevoada, atrás da qual se ouviam sons baixos e suaves, como o farfalhar das árvores e o gorjeio dos pássaros.

Logo, pelo ar, chegaram tropas multicoloridas de elfos. Primeiro a Rainha, reconhecida pelos lírios prateados em seu manto branco como a neve e pela coroa resplandescente em seus cabelos, ao lado da qual voava um bando de elfos em tons de carmesim e ouro, tangendo uma doce música em suas trombetas de flores, enquanto ao redor, com rostos sorridentes e olhos brilhantes, flutuavam seus amados súditos.

E lá vieram elas, como um bando de borboletas resplandecentes, suas asas reluzentes e vestes multicoloridas cintilando no ar tênue; e logo as árvores desfolhadas estavam alegres com flores vivas, e suas vozes doces enchiam os jardins de música. Assim como seus súditos, o Rei contemplou as belas elfas e não mais se admirou de que a pequena Violeta chorasse e sentisse saudades de seu lar. Mais escura e desolada parecia sua imponente morada e, quando as fadas pediram flores, ele se envergonhou por não ter nenhuma para lhes ofertar.

Por fim, uma brisa cálida varreu os jardins e as nuvens de neblina se dissiparam, enquanto o Rei do Gelo e os elfos contemplavam, maravilhados, a cena diante deles.

Até onde a vista alcançava, estendiam-se altas árvores verdes cujos galhos pendentes formavam arcos graciosos, através dos quais a luz dourada brilhava suavemente, projetando sombras luminosas no musgo verde-escuro abaixo, onde as mais belas flores ondulavam na brisa fresca e cantavam, em suas vozes graves e doces, quão belo é o Amor.

Trepadeiras floridas enlaçavam as árvores com suas folhas macias, transformando seus troncos ásperos em pilares verdes. Fontes jorravam suas águas cristalinas sobre o teto, e bandos de pássaros de asas prateadas voavam a cantar entre as flores ou chocavam seus ovos com carinho em seus ninhos. Pombas de olhos meigos arrulhavam entre as folhas verdes; nuvens brancas como a neve flutuavam no céu ensolarado, e a luz dourada, mais intensa do que nunca, brilhava suavemente.

Logo, Violeta surgiu pelos longos corredores, com flores e folhas verdes a farfalhar ao seu passar. Ela seguiu até o trono do Rei do Gelo, portando duas coroas: uma de pingentes de gelo brilhantes, a outra de lírios brancos e puros; e, ajoelhando-se diante dele, disse:

— Minha tarefa está cumprida e, graças aos espíritos da terra e do ar, construí um lar tão belo quanto mãos élficas podem moldar. Agora, vós deveis decidir. Sereis o Rei da Terra das Flores e tereis meus gentis parentes como vossos amados amigos? Desejareis possuir paz e alegria eternas, e o amor grato de todos os filhos perfumados da terra verde? Se assim for, aceitai esta coroa de

flores. Mas, se não encontrardes prazer aqui, retornai ao vosso próprio lar gélido e habitai na solidão e na escuridão, onde nenhum raio de sol ou de alegria possa penetrar.

— Enviai vossos espíritos para espalhar tristeza e desolação sobre a Terra feliz, e conquistai para vós o medo e o ódio daqueles que tão de bom grado vos amariam e reverenciariam. Ou, então, tomai esta coroa brilhante, dura e fria como o vosso próprio coração, se rejeitardes tudo o que é luminoso e belo. Ambas estão diante de vós. Escolhei.

O velho Rei olhou para a pequena fada e viu como, com carinho, as sombras brilhantes se reuniam ao seu redor, como que para protegê-la de todo mal; os pássaros tímidos aninhavam-se em seu peito, e as flores tornavam-se mais belas sob seu olhar; enquanto seus gentis amigos, com lágrimas nos olhos fulgurantes, uniam as mãos em súplica e sorriam para ela.

Pensamentos bondosos invadiram sua mente, e ele se voltou para contemplar os dois palácios. O de Violeta, tão belo e encantador, com suas árvores a farfalhar, céus calmos e ensolarados, e pássaros e flores felizes, tudo criado por seu amor e cuidado pacientes. O seu próprio, tão frio, escuro e sombrio; seus jardins vazios onde nenhuma flor podia desabrochar, nenhuma árvore verde podia medrar, nem pássaros alegres podiam cantar — tudo desolado e tenebroso. E, enquanto ele contemplava, seus próprios Espíritos, despojando-se de seus mantos escuros, ajoelharam-se diante dele e suplicaram que não os enviasse para destruir as coisas que as gentis fadas tanto amavam.

— Nós vos servimos por muito tempo e fielmente — disseram eles; — dai-nos agora nossa liberdade, para que possamos aprender a ser amados pelas doces flores que prejudicamos por tanto tempo. Atendei à prece da pequena fada e deixai-a retornar ao seu querido lar. Ela nos ensinou que o Amor é mais poderoso que o Medo. Escolhei a Coroa de Flores, e seremos os súditos mais fiéis que já tivestes.

Então, em meio a uma explosão de música doce e selvagem, o Rei do Gelo colocou a coroa de flores sobre a cabeça e ajoelhou-se diante da pequena Violeta; enquanto, por toda parte, sobre a vasta terra verde, soavam as vozes das flores, cantando seus agradecimentos à gentil fada, e o vento de verão carregava-se de perfumes que elas enviavam como prova de sua gratidão; e, aonde quer que ela fosse, as árvores ancestrais curvavam-se para envolvê-la com seus galhos esguios, as flores encostavam seus rostos macios no dela e sussurravam bênçãos; até mesmo o humilde musgo inclinava-se sobre seus pezinhos, beijando-os à sua passagem.

O velho Rei, rodeado pelas fadas felizes, sentava-se na adorável morada de Violeta e observava seu castelo de gelo derreter sob a luz fulgurante do sol; enquanto seus espíritos, já não mais frios e sombrios, dançavam com os elfos e serviam ao seu Rei com amorosa solicitude.

A luz dourada brilhava cada vez mais, os pássaros cantavam com maior júbilo, e as vozes harmoniosas das flores agradecidas, ecoando pela terra, traziam nova alegria a todos os seus gentis parentes.

Mais brilhantes fulguravam as sombras douradas;
na brisa fresca chegavam suavemente
os tons baixos e doces das flores felizes,
cantando o nome da pequena Violeta.
Entre as árvores verdes foi sussurrado,
e as ondas brilhantes o levaram
até as flores solitárias da floresta,
onde a boa nova ainda não chegara.

Assim, o Rei do Gelo perdeu seu reino,
e seu poder de ferir e devastar.
Violeta triunfou, e o coração gélido
aqueceu-se com música, amor e luz;
e seu belo lar, outrora tão sombrio,
agora repleto de elfos e flores,
trouxe uma alegria que jamais feneceu
durante as longas e luminosas horas de verão.

Assim, pelo poder mágico de Violeta,
todas as sombras escuras se esvaíram,
e sobre o lar das flores felizes
a luz dourada reinou para sempre.
Assim findou-se a missão das fadas,
e toda a Terra das Flores aprendeu
o "Poder do Amor", pelos gestos gentis
que a pequena Violeta realizou.

Quando Cacho de Sol silenciou, outro pequeno elfo se aproximou; e esta foi a história que "Asa de Prata" contou.

A Visita de Eva ao Mundo das Fadas

Lá embaixo, entre a relva e o trevo perfumado, a pequena Eva jazia à beira do riacho, observando as ondas brilhantes que passavam a cantar sob as flores pendentes que medravam em suas margens. Enquanto se perguntava para onde seguiam as águas, ouviu um som tênue e baixo, como uma música distante.

Pensou ser o vento, mas nenhuma folha se movia e, logo, através da água ondulante, surgiu uma pequena e singular embarcação.

Era um lírio-do-vale, cujo caule alto formava o mastro, enquanto as largas folhas que se erguiam das raízes, curvando-se até alcançarem a água, estavam repletas de pequenos elfos alegres; estes bailavam ao som dos sinos de prata dos lírios acima, que tangiam um alegre repique e enchiam o ar com seu hálito perfumado.

O barco das fadas prosseguiu até atingir uma rocha coberta de musgo; e ali parou, enquanto as fadas descansavam sob as pétalas das violetas e cantavam com as ondas dançantes.

Eva contemplou com admiração seus rostos joviais e vestes multicoloridas e, na alegria de seu coração, cantou também, ofertando frutos vermelhos para que as criancinhas se banqueteassem.

Eles olharam com carinho para a criança e, após cochicharem longamente entre si, dois pequenos elfos de olhos fulgurantes voaram sobre a água reluzente e, pousando nas flores de trevo, disseram gentilmente:

— Pequena donzela, muito vos agradecemos por vossa gentileza; e nossa Rainha nos pede que vos perguntemos se gostaríeis de vir conosco ao Reino das Fadas e aprender o que podemos ensinar-vos.

— Eu adoraria ir com vocês, queridas fadas — disse Eva —, mas não posso navegar em seu pequeno barco. Vejam! Posso segurá-las em minha mão e não conseguiria viver entre vocês sem prejudicar seu minúsculo reino, pois sou muito grande.

Então os elfos riram alegremente, enquanto a abraçavam, dizendo:

— Vós sois uma boa menina, querida Eva, por temerdes fazer mal aos mais fracos que vós. Não podeis nos magoar agora. Olhai na água e vede o que fizemos.

Eva olhou para o riacho e viu uma criancinha parada entre os elfos.

— Agora posso ir convosco — disse ela —, mas vede, não consigo mais dar um passo da margem até aquela pedra, pois o riacho agora me parece um grande rio, e não me destes asas como as vossas.

Mas as fadas tomaram-na por cada uma de suas mãos e voaram levemente sobre o riacho. A Rainha e seus súditos vieram ao seu encontro, e todos pareceram felizes em dirigir palavras gentis de boas-vindas à pequena forasteira. Colocaram uma coroa de flores em sua cabeça, encostaram seus rostos suaves no dela, e logo pareceu que os gentis elfos sempre haviam sido seus amigos.

— Agora precisamos retornar ao nosso lar — disse a Rainha —, e vós vireis conosco, pequena.

Houve, então, uma grande agitação enquanto voavam em suas asas fulgurantes; alguns acomodavam almofadas de folhas de violeta no barco, outros dobravam o véu e o manto da Rainha mais firmemente ao seu redor, para que o orvalho que caía não a resfriasse.

O suave bater das ondas frescas contra a embarcação e o doce tilintar dos lírios embalaram a pequena Eva em um sono profundo e, quando ela despertou, encontrava-se no Reino das Fadas. Uma tênue luz rosada, como a do poente, brilhava sobre os pilares brancos do palácio da Rainha enquanto passavam, e as flores adormecidas apoiavam-se graciosamente em seus caules, sonhando sob suas delicadas cortinas verdes. Tudo estava fresco e calmo, e os elfos deslizavam silenciosamente ao redor, para não interromper seu descanso. Conduziram Eva a um leito de pétalas brancas e puras, sobre o qual pendiam as dobras perfumadas de uma rosa carmesim.

— Podeis contemplar as cores vibrantes até que a luz se desfaça, e então a rosa cantará para que descanseis — disseram os elfos, enquanto a envolviam com as folhas macias, beijavam-na delicadamente e retiravam-se furtivamente.

Ela permaneceu deitada por longo tempo, observando as sombras sultis e ouvindo o canto da rosa, enquanto, durante a longa noite, sonhos de coisas belas flutuavam como nuvens luminosas em sua mente; enquanto a rosa inclinava-se amorosamente sobre ela e cantava sob a luz clara do luar.

Com o nascer do sol, as fadas surgiram e, acompanhadas por Eva, apressaram-se para a fonte, cujas águas frescas logo se encheram de pequenas figuras, e o ar ressoou com vozes alegres, enquanto os elfos flutuavam nas ondas azuis entre os belos lírios brancos, ou sentavam-se no musgo verde, alisando seus cabelos brilhantes e cingindo guirlandas frescas de flores orvalhadas. Por fim, a Rainha apareceu, e seus súditos reuniram-se ao seu redor; e, enquanto as flores inclinavam suas cabeças e as árvores silenciavam seu farfalhar, as fadas entoaram seu hino matinal ao Pai dos pássaros e das flores, que fizera da Terra um lar tão belo para elas.

Neste trecho, Alcott apresenta a verdadeira natureza da missão das fadas: a cura e o cuidado com a vida. Para o selo Imagismo, mantive a fluidez clássica e substituí o termo que causava estranheza por uma opção mais lírica e condizente com a atmosfera bucólica.

Aqui está a tradução revisada:

Então, eles voaram para os jardins e, logo, no alto das copas das árvores ou sob as folhas largas, os elfos sentavam-se em pequenos grupos, tomando seu desjejum de frutos e orvalho puro e

fresco; enquanto os pássaros de asas cintilantes vinham destemidamente entre eles, bicando os mesmos frutos maduros e mergulhando seus biquinhos nas mesmas flores, e as fadas abraçavam-nos carinhosamente, acariciavam seus peitos macios e cantavam alegremente para eles.

— Agora, pequena Eva — disseram elas —, vereis que as fadas não são espíritos ociosos e caprichosos, como os mortais acreditam. Vinde, nós vos mostraremos o que fazemos.

Conduziram-na a um aposento encantador, por cujas paredes de folhas verde-escuras a luz penetrava suavemente. Ali jaziam muitos insetos feridos e pequenas criaturas inofensivas, maltratadas por mãos cruéis; e flores pálidas e murchas cresciam ao lado de vasos de ervas medicinais, de cujas folhas frescas emanava um perfume suave e doce.

Eva ficou intrigada, mas seguiu em silêncio sua guia, a pequena Folha de Rosa, que com palavras ternas passava entre as delicadas flores, vertendo orvalho sobre suas raízes frágeis, animando-as com seu falar carinhoso e seu sorriso feliz.

Em seguida, ela se dirigiu aos insetos; primeiro, até uma pequena mosca que jazia em um ninho feito de pétalas de flores.

— Estais a sofrer muito, querido Asa-de-Véu? — perguntou a fada. — Vou enfaixar vossa pobre perninha e Zéfiro irá embalar-vos para que descanseis.

Então, ela envolveu a pobre mosca com folhas frescas e, delicadamente, banhou suas asas, trazendo-lhe uma bebida refrescante; enquanto ele zumbia em agradecimento e esquecia a dor, Zéfiro cantava suavemente e o abanava com suas asas ondulantes.

Eles seguiram adiante, e Eva viu ao lado de cada leito uma fada, que com mãos gentis e palavras amorosas acalmava os insetos sofredores. Por fim, pararam ao lado de uma abelha, que repousava entre as doces flores da madressilva, em um recanto fresco e tranquilo, onde a brisa de verão soprava e as folhas verdes farfalhavam agradavelmente. Contudo, ela parecia não encontrar repouso e murmurava sobre a dor que estava condenada a suportar.

— Por que devo ficar aqui, enquanto meus parentes estão nos campos aprazíveis, desfrutando da luz do sol e do ar fresco? Mãos cruéis condenaram-me a este lugar escuro e a esta dor amarga, sem que eu tenha feito mal algum. Desamparada e esquecida, devo permanecer aqui entre estas pobres criaturas que só pensam em si mesmas? Vinde cá, Folha de Rosa, e curai minhas feridas, pois sou muito mais útil do que um pássaro ou uma mosca ociosos.

Então disse a fada, enquanto banhava a asa quebrada:

— Flor-do-Amor, não deves murmurar. Podemos encontrar a felicidade ao buscar a paciência, mesmo enquanto sofremos. Não foste esquecida nem desamparada; contudo, outros necessitam mais de nosso cuidado do que tu, e àqueles que aceitam com alegria a dor e a tristeza que nos são enviadas, oferecemos nossa ajuda com o maior júbilo. Não precisas quedar-te ociosa,

mesmo deitada aqui na escuridão e no pesar; podes acolher em teu coração todos os sentimentos de melancolia e descontentamento, e se o amor e a paciência florescerem ali, sairás melhor das horas solitárias que aqui passas. Olha para o leito ao teu lado; esta pequena pomba suportou uma dor muito maior do que a tua, e todo o nosso cuidado jamais poderá aliviá-la; contudo, durante os longos dias em que esteve aqui, não proferiu uma palavra maldosa nem um suspiro de lamento. Ah, Flor-do-Amor, este pássaro gentil pode ensinar-te uma lição que te tornará mais sábia e melhor.

Então, uma voz tênue sussurrou:

— Pequena Folha de Rosa, vinde depressa, ou não poderei agradecer-vos como devo por todo o vosso carinho por mim.

Elas dirigiram-se ao leito ao lado da abelha descontente, e ali, sobre a penugem mais macia, jazia a pomba, cujos olhos gentis olhavam com gratidão para a fada, enquanto esta se ajoelhava ao lado do pequeno divã, alisava o peito alvo e macio, envolvia-o com os braços e vertia lágrimas de pesar, enquanto o pássaro ainda sussurrava sua gratidão e amor.

— Querida fada, as mais belas flores alegraram-me com seu doce aroma; o orvalho fresco e as folhas perfumadas sempre estiveram à minha disposição; mãos gentis para cuidar, corações bondosos para amar; e por tudo isso, só posso agradecer e dizer adeus.

Então, as asas trêmulas silenciaram e a paciente pombinha morreu; mas a abelha não murmurou mais, e o orvalho das flores caiu como lágrimas ao redor do leito silente.

Tristemente, Folha de Rosa conduziu Eva dali, dizendo:

— Seio de Lírio terá seu jazigo esta noite sob nossas mais belas flores; e vós vereis que a gentileza e o amor são muito mais valorizados do que o ouro ou a beleza, aqui na Terra das Fadas. Vinde agora ao Palácio das Flores e vede a Corte das Fadas.

Sob arcos verdejantes, repletos de pássaros e flores, ao lado de ondas cantantes, Eva adentrou um salão imponente. O teto, de lírios alvos e puros, repousava sobre pilares de trepadeiras entrelaçadas, enquanto flores multicoloridas projetavam suas sombras translúcidas nas paredes, bailando abaixo no musgo verde-profundo; e suas vozes suaves e doces ecoavam delicadamente pelo palácio ensolarado, ao ritmo do farfalhar das folhas.

Ao lado do trono estava Eva, observando as belas figuras ao seu redor, cada qual em sua própria gama de cores, com asas resplandecentes e varinhas de flores.

De súbito, a música tornou-se mais intensa e melodiosa; as fadas ajoelharam-se e inclinaram as cabeças, enquanto a Rainha avançava por entre a multidão de súditos devotados, com o ar repleto de vozes alegres que cantavam para recebê-la.

Ela colocou a criança ao seu lado, dizendo:

— Pequena Eva, vereis agora como as flores da vossa vasta Terra desabrocham com tamanha vivacidade. Um grupo de pequenos e zelosos jardineiros parte diariamente da Terra das Fadas para delas cuidar e protegê-las, para que nenhum mal sobrevenha aos espíritos gentis que habitam sob suas folhas. Tal missão jamais é revelada pois, como todo o bem, é invisível aos olhos mortais; e somente a corações puros como o teu revelamos nosso segredo. A flor mais humilde que medra é visitada por nossos mensageiros e, amiúde, desabrocha em uma beleza perfumada, desconhecida e desprovida de amor para todos, exceto pelas amigas fadas; estas buscam imbuir os espíritos com todas as virtudes doces e gentis, para que não sejam inúteis na Terra; pois até os mortais mais nobres inclinam-se para aprender com as flores. Agora, Eglantina, o que tens a nos contar sobre tuas homônimas rosadas na Terra?

De um grupo de elfos, cujas varinhas adornadas com rosas indicavam a flor que amavam, surgiu uma fada portando uma pequena urna e, respondendo à Rainha, disse:

— Por colinas e vales, elas florescem, tão frescas e belas quanto o sol e o orvalho de verão as podem tornar. Nenhum caule murcho ou folha ressequida revela qualquer pensamento maligno em seus seios perfumados; e assim, das mais belas de sua espécie, elas colheram este doce orvalho, como sinal de gratidão Àquele cuja ternura e cuidado as mantiveram puras e felizes; e esta, a mais encantadora de suas irmãs, eu a trouxe para habitar entre as flores das fadas que jamais murcham.

Eglantina colocou a urna diante da Rainha e depositou a rosa perfumada sobre o musgo orvalhado ao lado do trono, enquanto um murmúrio de aprovação percorria o salão, à medida que cada varinha élfica acenava para a pequena fada que trabalhara tão bem e fielmente, e que pudera trazer presente tão belo à sua bondosa Rainha.

Então, surgiu uma elfa portando uma folha seca, enquanto seu manto multicolorido e as tulipas roxas em seus cabelos revelavam seu nome e sua missão.

— Querida Rainha — disse ela, tristemente —, traria com prazer notícias tão aprazíveis quanto as de minha irmã, mas, infelizmente, minhas flores são orgulhosas e obstinadas; quando fui colher meu pequeno presente de pétalas coloridas para vossas vestes reais, elas ordenaram-me que trouxesse esta flor murcha e dissesse que não serviriam mais a quem não as fizesse rainhas sobre todas as outras flores. Não produziram orvalho nem mel, mas orgulhosamente cerraram suas pétalas e mandaram-me embora.

— Vossa tarefa foi árdua demais para vós — disse a Rainha, gentilmente, enquanto colocava a flor murcha na urna que Eglantina lhe dera. — Vereis como este orvalho, vindo de um coração doce e puro, dará nova vida e beleza até mesmo a esta pobre flor desbotada. Assim também podereis vós, querida Arco-Íris, com palavras amorosas e ensinamentos gentis, restituir a pureza e a paz perdidas àquelas que o orgulho e o egoísmo devastaram.

Ide mais uma vez até as flores orgulhosas e dizei-lhes que, quando forem rainhas de seus próprios corações, não clamarão por reino mais belo. Cuidai delas com mais ternura do que nunca; certificai-vos de que não lhes falte orvalho nem ar; falai com elas com amor e não deixeis que

palavra ou ação maldosa de sua parte vos irrite. Permiti que vejam, por meio de vosso amor e cuidado pacientes, o quanto mais belas podem ser; e, quando retornardes, estareis portando dádivas de flores humildes e amorosas.

Assim, eles contaram o que haviam feito e receberam de sua Rainha alguma repreensão gentil ou uma palavra carinhosa de elogio.

— Vós ireis cansar-vos disto — disse a pequena Folha de Rosa para Eva. — Vinde agora e vede onde aprendemos a ler as histórias escritas nas folhas das flores, a doce linguagem dos pássaros e tudo o que pode tornar o coração de uma fada mais sábio e melhor.

Então, eles foram para um lugar alegre, onde havia muitos grupos de flores, entre cujas folhas sentavam-se os elfos mirins, aprendendo em seus livros de pétalas tudo o que as mãos das fadas haviam escrito ali.

Alguns estudavam como zelar pelos tenros botões: quando abri-los para a luz do sol e quando protegê-los da chuva; como guardar as sementes que amadureciam e quando depositá-las na terra morna, ou confiá-las ao vento de verão para que chegassem a colinas e vales distantes, onde outras mãos de fadas cuidariam delas e as acalentariam, até que uma irmandade de flores felizes brotasse para embelezar e alegrar o lugar solitário onde haviam caído.

Outros aprendiam a curar os insetos feridos, cujos membros frágeis uma brisa poderia quebrar, e que, não fossem as mãos das fadas, morreriam antes de completar metade de sua breve e feliz vida de verão. Alguns aprendiam como, por meio de sonhos aprazíveis, alegrar e confortar os corações mortais e, por palavras de amor sussurradas, salvar de más ações aqueles que se desviaram, preenchendo os corações jovens com pensamentos gentis e afeições puras, para que pecado algum pudesse macular a beleza da flor humana. Enquanto outros, como crianças mortais, aprendiam o alfabeto das fadas. Assim, os elfos faziam amigos leais por meio do zelo e do amor, e mal nenhum lhes podia atingir, pois aqueles a quem ajudavam a amar e proteger sempre vigiavam para salvaguardá-los.

Eva acenou para as criancinhas alegres, que espreitavam a estranha por entre as folhas, e pôs-se a ouvir as lições das fadas. Vários elfos minúsculos estavam de pé sobre uma folha larga, enquanto a professora sentava-se entre as pétalas de uma flor que se curvava ao lado deles, fazendo perguntas que apenas as fadas se importariam em saber:

— Brilha, se houver nove sementes dentro de uma flor e o vento levar cinco, quantas sementes restariam à flor?

— Quatro — respondeu a pequena.

— Botão de Rosa, se uma prímula abre três folhas em um dia e quatro no dia seguinte, quantas folhas rosadas haverá quando a flor estiver completamente desabrochada?

— Sete — cantava o pequeno elfo alegre.

— Campainha, se um bicho-da-seda tece um metro de tecido de fada em uma hora, quantos metros ele tecerá em um dia?

— Doze — disse a criança fada.

— Prímula, onde fica a Ilha Violeta?

— No Lago das Ondulações.

— Lilla, vós podeis partir para a Terra das Rosas.

— Ao norte fica o Vale das Samambaias, ao sul o rio Onda Ensolarada, a leste a colina Nuvens da Manhã e a oeste a Estrela da Tarde.

— Agora, pequeninos — disse a professora —, podeis ir à pintura, para que nossa visitante veja como restauramos as flores que mãos terrenas danificaram.

Então, Eva viu como, em grandes folhas alvas, as fadas aprendiam a imitar as lindas cores e, com pincéis minúsculos, a realçar o rubor na face da anêmona, a intensificar o azul do olho da violeta e a dar um novo brilho à prímula dourada.

— Já permanecestes aqui tempo suficiente — disseram os elfos, por fim —; temos muitas coisas para vos mostrar. Vinde agora e vede qual é a nossa obra mais querida.

Então, Eva despediu-se das crianças elfas e apressou-se com a pequena Folha de Rosa até os portões. Ali, viu muitos grupos de fadas, envoltas em mantos escuros para que os mortais não as reconhecessem; com a criança entre elas, voaram sobre colinas e vales. Algumas dirigiram-se às choupanas no interior das colinas; outras, para o litoral, a fim de velar pelos humildes pescadores; mas a pequena Folha de Rosa e muitas outras adentraram a cidade ruidosa.

Eva perguntava-se que bem os minúsculos elfos poderiam realizar em um lugar tão grandioso; mas logo descobriu, pois o grupo de fadas dirigia-se aos pobres e desamparados, levando sonhos aprazíveis aos enfermos e idosos, doces e ternos pensamentos de amor e gentileza aos jovens, vigor aos fracos e alegria paciente aos desvalidos e solitários.

Então, a criança deixou de se questionar, e seu amor pelos elfos de coração terno cresceu ainda mais; aqueles que deixaram seu próprio lar venturoso para alegrar e confortar aqueles que jamais souberam quais mãos os vestiram e alimentaram, ou quais corações doaram sua própria alegria para trazer felicidade aos seus.

Permaneceram por muito tempo, e a pequena Eva aprendeu muitas lições; mas, quando ela implorou para que voltassem, eles a conduziram de volta, dizendo:

— Nosso trabalho ainda não terminou; haveríamos de deixar tantos corações tristes quando poderíamos animá-los? Tantos lares sombrios que poderíamos iluminar? Precisamos ficar mais um pouco, pequena Eva, e vós podereis aprender ainda mais.

Então, adentraram um quarto escuro e solitário, e lá encontraram uma criança pálida, de olhos tristes, que vertia lágrimas amargas sobre uma flor murcha.

— Ah — suspirou a pequena —, era minha única amiga, e eu a amava com todo o meu coração solitário; era tudo o que tornava feliz minha vida triste; e ela se foi.

Com delicadeza, a criança ergueu o caule caído e o colocou onde o único e tênue raio de sol penetrava no quarto sombrio.

— Vede — disseram os elfos —, através desta simples flor, manteremos a criança pura e imaculada em meio ao pecado e à tristeza que a cercam. O amor por esta flor a guiará através da tentação e da dor, e ela será um espírito de alegria e consolo para os pecadores e para os que sofrem.

E, com amor incansável, os elfos labutavam entre as folhas murchas, e novo vigor era concedido à flor; enquanto, dia após dia, a criança solitária regava os botões em crescimento, mais profundo tornava-se seu amor pelos amigos invisíveis que lhe deram algo para amar em seu lar desolado; doces e gentis pensamentos preenchiam seu coração enquanto ela se inclinava sobre a planta, e o hálito perfumado da flor era para ela como uma voz que sussurrava sobre todas as coisas belas e encantadoras; e assim como a flor a ensinava, ela ensinava aos demais.

Os zelosos elfos traziam-lhe doces sonhos à noite e pensamentos venturosos durante o dia; e, enquanto ela crescia em beleza infantil, pura e paciente em meio à pobreza e à tristeza, os pecadores sentiam-se repreendidos, os corações aflitos alegravam-se, e os fracos e egoístas esqueciam seus vãos temores ao vê-la viver com confiança, embora sem ninguém para ajudá-la ou confortá-la.

O amor que nutria pela tenra planta mantinha seu próprio coração inocente e resplandecente, e a pura flor humana servia de lição para aqueles que a contemplavam. Em breve, a casa sombria iluminou-se com corações felizes, que aprenderam com a gentil criança a suportar a pobreza e a dor como ela o fizera: perdoando aqueles que lhes causaram sofrimento e injustiça, e buscando a felicidade em humildes atos de caridade e amor.

— Nosso trabalho está feito — sussurraram os elfos e, com bênçãos sobre as duas belas flores, voaram para outros lares; para um velho cego que vivia sozinho, sem ninguém para amá-lo, até que, através de longos anos de trevas e tristeza silenciosa, seu coração se tornara sombrio e gélido. Nenhum raio de sol conseguia alcançar seus olhos obscurecidos, e ninguém estava por perto para sussurrar palavras gentis, para animá-lo ou confortá-lo.

Assim, ele vivia esquecido e só, sem buscar dar alegria a ninguém, pois não possuía nenhuma. A vida era sombria e triste até que os incansáveis elfos chegaram à sua morada desolada, trazendo luz e amor. Sussurraram doces palavras de conforto: como, se os olhos obscurecidos não

conseguiam encontrar luz exterior, haveria de existir uma felicidade infalível dentro de si; sentimentos gentis e pensamentos doces e amorosos poderiam tornar o coração belo, se a tristeza sombria e egoísta fosse dissipada, e tudo se tornaria luminoso e radiante.

Trouxeram crianças alegres, que se reuniram ao seu redor, tornando o lar desolado mais bonito com seus rostinhos jovens, e seu coração triste mais feliz com suas vozes doces e infantis. O amor que elas nutriam era indescritível; a luz do sol invadiu o ambiente, os pensamentos sombrios dissiparam-se, e a Terra tornou-se para ele um lar acolhedor.

Assim, suas mãozinhas conduziram-no de volta à paz e à felicidade; flores desabrocharam ao lado de sua porta, e seu hálito perfumado trouxe pensamentos venturosos de vales aprazíveis e colinas verdejantes; pássaros cantaram para ele, e suas doces vozes despertaram a música em sua própria alma, que jamais deixava de acalmá-lo e confortá-lo. Sons felizes eram ouvidos em sua casa, outrora solitária, e rostos radiantes reuniam-se ao seu redor, ouvindo com ternura enquanto ele se esforçava para contar-lhes todo o bem que a gentileza e o amor lhe haviam feito.

Os elfos continuavam a observar de perto, e o coração do velho iluminava-se à medida que pensamentos bondosos e sentimentos ternos o invadiam e faziam dele seu lar; e quando ele adormeceu, pezinhos pisaram levemente sobre seu túmulo, e mãos amorosas ali depositaram flores perfumadas.

Então, os elfos adentraram as sombrias prisões, onde corações tristes definhavam em solitária melancolia pela alegria e liberdade que haviam perdido. A esses corações chegou o grupo zeloso com palavras ternas, falando da paz que ainda poderiam conquistar com perseverança e lágrimas de arrependimento, despertando, assim, em suas almas, todos os sentimentos sagrados e doces afeições que haviam dormido por tanto tempo.

Eles contavam histórias aprazíveis e entoavam suas canções mais doces para animar e alegrar, enquanto as celas escuras iluminavam-se com a luz do sol e perfumavam-se com as flores que os amorosos elfos haviam trazido; e, por meio de seus ensinamentos gentis, aqueles corações tristes e desesperançados preenchiam-se de esperança paciente e do anseio sincero de reconquistar a inocência e a alegria perdidas.

Assim, a todos que careciam de auxílio ou conforto, acudiam as fadas fiéis; e, quando finalmente retornaram ao Reino das Fadas, muitos foram os corações agradecidos e felizes que deixaram para trás.

Então, através do céu de verão, sobre a terra florida, eles retornaram ao lar; mais felizes pela alegria que haviam proporcionado, mais sábios pelo bem que haviam realizado.

Toda a Terra das Fadas estava ornada de flores, e o vento suave soprava cantando, carregado com seu hálito perfumado. Uma doce música ecoava pelo ar, e tropas de elfos, em seus trajes mais vistosos, apressavam-se para o palácio onde o banquete estava preparado. Em pouco tempo, o salão

iluminado preencheu-se de rostos sorridentes e belas figuras; e a pequena Eva, ao lado da Rainha, pensou jamais ter visto cena tão encantadora.

As sombras multicoloridas das mais belas flores bailavam nas paredes alvas e puras, e as fontes cintilavam à luz do sol, produzindo música enquanto as ondas frescas subiam e desciam; enquanto, de um lado para o outro, com asas ondulantes e vozes alegres, moviam-se os elfos sorridentes, trazendo frutos e mel, ou guirlandas perfumadas para os cabelos uns dos outros.

Festejaram longamente e cantaram com alegria; e Eva, dançando alegremente entre eles, ansiava por ser uma elfa, para que pudesse viver para sempre em um lar tão belo.

Por fim, a música cessou, e a Rainha disse, enquanto pousava a mão nos cabelos brilhantes da pequena Eva:

— Querida criança, amanhã teremos de conduzir-vos ao lar; pois, por mais que desejemos ter-vos conosco, seria injusto causar tanta tristeza aos vossos amados amigos terrenos. Portanto, guiar-vos-emos até a margem do riacho e lá nos despediremos, até que volteis a visitar-nos. Não choreis, querida Folha de Rosa; vós cuidareis das flores da pequena Eva e, quando ela olhar para elas, lembrar-se-á de vós. Vinde agora, levai-a ao Jardim das Fadas e mostrai-lhe o que consideramos nossa visão mais bela. Não choreis mais, mas esforçai-vos para tornar as últimas horas dela conosco o mais felizes possível.

Com carícias suaves e palavras ternas, os zelosos elfos reuniram-se em torno da criança e, com Folha de Rosa ao seu lado, conduziram-na pelo palácio e por caminhos verdes e sinuosos, até que Eva viu o que parecia uma muralha de flores erguendo-se diante dela, enquanto o ar se impregnava dos aromas mais perfumados e de uma música suave e doce, como se as próprias flores estivessem a cantar.

— Onde me trouxestes e o que significam esses sons encantadores? — perguntou Eva.

Olhai e vereis — disse Folha de Rosa, enquanto afastava as trepadeiras —; mas escutai em silêncio, ou nada podereis ouvir.

Então Eva, espreitando por entre as trepadeiras pendentes, contemplou um jardim repleto das mais belas flores; por mais belas que fossem todas as flores que vira na Terra das Fadas, nenhuma era tão esplêndida quanto estas. A rosa brilhava com um carmesim mais profundo; as pétalas macias do lírio eram de um alvo mais puro; o açafrão e a humilde prímula reluziam como a luz do sol, e a violeta era azul como o céu que sorria sobre ela.

— Como são belas — sussurrou Eva —; mas, querida Folha de Rosa, por que as mantendes aqui e por que chamais a isto vossa visão mais bela?

— Olhai novamente, e eu vo-lo direi — respondeu a fada.

Eva olhou e viu, de cada flor, uma pequena forma surgir para saudar os elfos que, com exceção de Folha de Rosa, haviam voado para além da muralha e agora aspergiam orvalho sobre as pétalas brilhantes, conversando alegremente com os espíritos, que se reuniam ao seu redor e pareciam radiantes com sua chegada. A criança viu que cada um ostentava as cores da flor que lhe servia de lar. Delicadas e graciosas eram as pequenas formas; brilhantes eram os cabelos sedosos que emolduravam cada rosto encantador; e Eva ouviu o murmúrio baixo e doce de suas vozes argênteas e o farfalhar de suas asas. Ela contemplou em silêncio e admiração, esquecendo-se de que não sabia quem eram, até que a fada disse:

— Estes são os espíritos das flores, e este é o Lar das Fadas, para onde aqueles cujos corações foram puros e amorosos na Terra vêm florescer em beleza eterna, após o término de sua vida terrena. A flor mais humilde que desabrocha tem um lar conosco, pois a beleza exterior de nada vale se não houver beleza e doçura interior. Vedes aquele espírito encantador a cantar com minha irmã Luar? Um trevo era seu lar, e ela vivia desconhecida, sem amor; ainda assim, permanecia paciente e contente, suportando alegremente as tristezas que lhe eram enviadas. Observamos e vimos como a humilde flor crescia bela e doce, e então, com júbilo, a trouxemos para cá, para florescer junto ao lírio e à rosa. A vida das flores costuma ser breve, pois mãos cruéis as destroem; portanto, é nossa maior alegria trazê-las para cá, onde nenhum passo descuidado ou vento invernal pode prejudicá-las, onde florescem em serena beleza, retribuindo nosso cuidado com seu amor e seus perfumes mais doces.

— Nunca mais colherei uma flor — exclamou Eva —; mas deixai-me ir até elas, querida fada; eu adoraria conhecer os espíritos encantadores e pedir perdão pela tristeza que lhes causei. Posso entrar?

— Não, querida Eva, sois uma criança mortal e não podeis adentrar aqui; mas eu lhes falarei sobre a bondosa menina que aprendeu a amá-los, e eles se recordarão de vós quando partirdes. Vinde agora, pois já vistes o suficiente e precisamos ir embora.

Em uma nuvem rosada da manhã, rodeada pelos zelosos elfos, Eva singrava o céu ensolarado. O vento fresco os levava suavemente e, logo, estavam novamente junto ao riacho, cujas ondas dançavam alegremente, como se os acolhessem.

— Agora, antes de nos despedirmos — disse a Rainha, enquanto se aproximavam da criança —, dizei-me, querida Eva: qual de todos os nossos presentes de fadas vos fará mais feliz? Ele será vosso.

— Boas fadinhas — disse Eva, aconchegando-as nos braços, pois já não era a pequena criança que fora no Reino das Fadas —; queridos e bondosos elfos, o que posso pedir-vos, vós que tanto fizestes para me fazer feliz e me ensinastes tantas lições boas e gentis, cuja memória jamais se apagará? Só posso pedir-vos a força para ser tão pura e gentil quanto vós; tão terna e amorosa com os fracos e aflitos; tão incansável em atos de bondade para com todos. Concedei-me este dom, e vereis que a pequena Eva não se esqueceu do que lhe ensinastes.

— Esse poder será vosso — disseram os elfos, e puseram suas mãos macias sobre a cabeça dela —; nós velaremos por vós em sonhos e, quando quiserdes notícias nossas, perguntai às flores do vosso jardim, e elas vos contarão tudo o que precisardes saber. Adeus. Lembrai-vos do Reino das Fadas e de todos os vossos queridos amigos.

Eles a abraçaram com ternura, e a pequena Folha de Rosa colocou uma coroa de flores sobre sua cabeça, sussurrando suavemente:

— Quando quiserdes retornar a nós, ficai à beira do riacho e acenai com isto no ar, e nós vos receberemos de braços abertos em nossa morada. Adeus, querida Eva. Pensai em vossa pequena Folha de Rosa quando estiverdes entre as flores.

Eva permaneceu a observar as asas brilhantes e a ouvir a música de suas vozes, enquanto voavam em canto para o lar; e, quando finalmente a última pequena forma desapareceu entre as nuvens, ela viu que ao seu redor, onde os elfos haviam estado, as mais belas flores haviam brotado, e a margem dantes solitária do riacho transformara-se em um jardim florido.

Assim, ela permaneceu entre as flores ondulantes, com a guirlanda das fadas nos cabelos e sentimentos venturosos no coração: melhor e mais sábia por sua visita à Terra das Fadas.

— Então, Estrelinha, o que tendes para me ensinar? — perguntou a Rainha.

— Apenas uma pequena canção que ouvi os sinos entoarem — respondeu a fada e, tomando sua harpa, cantou em voz baixa e doce…

Ali crescia uma roseira perfumada onde o riacho corria,
Com dois pequenos botões tenros e uma rosa em plena alegria;
Quando o sol se punha ao oeste, em seu leito de esplendor,
Os pequenos botões se aninhavam no seio da mãe flor,
Enquanto as estrelas brilhantes mantinham sua longa vigília,
E as flores do vale dormiam, em verdejante família;
Então, silenciosamente, em aromas, elas se comunicavam,
Os dois pequenos botões que no seio materno descansavam.

— Ó irmã — disse a pequena, enquanto contemplava o céu —,
— Eu gostaria que os Elfos do Orvalho, sob o noturno véu,
Trouxessem-me uma estrela; pois elas jamais perdem o brilho,
E o Pai não precisa de todas para iluminar o Seu trilho.
As gotas de orvalho que os Elfos trazem a cada dia
E depositam em meu peito, partem com a luz que se envia;
Mas uma estrela brilharia intensamente no verão,
E eu seria a mais bela entre as flores do chão.
Seria muito mais bela que as gotas que o céu destila
Nos lugares altos e baixos, onde a vida cintila.
Eu seria majestosa, com uma estrela a reluzir,
Dando um ar régio ao manto carmesim que irei vestir.

E orgulhosa exclamou:

— Estes vaga-lumes hão de ser minhas joias, já que as estrelas não posso ter.

Nesse instante, uma gota que sobre o vale pairava,
No seio do botão, como estrela suave, descansava;
Mas, impaciente, ela a atirou para longe de sua folha,
E a gota caiu sobre a mãe, como lágrima que se acolhe,
Enquanto a pequena, com obstinação e vaidade,
Aconchegava um vaga-lume em sua falsa claridade.

— Escuta — disse a mãe —, minha filha querida,
Por que buscas uma beleza que não te foi conferida?
O Pai te fez como és; e o que Ele mais deseja
É um coração doce e puro, onde a paz floresça.
Por que recebes com tanta mágoa e descontentamento
O dom amoroso que Ele te enviou neste momento?
Pois o orvalho fresco tornará teu ser muito mais

Como o vaga-lume que em teu peito tolo queres guardar.
Ó, meu pequeno botão, ouve tua mãe com atenção;
Busca a verdadeira beleza, e não a vã distração.
Haverá tristeza nesse coração que não se rende;
Abre tuas folhas, minha filha, e deixa que o inseto se desprenda.

Mas o botão orgulhoso seguiu sua própria vontade,
E apertou o vaga-lume com maior ansiedade;
Até que o inseto, lutando, rasgou-lhe o fino colete
De roxo e verde que o cobria, qual um rico tapete.
Quando o sol nasceu, ela viu com profunda agonia
O desabrochar de sua irmã, que em beleza crescia,
Enquanto ela, outrora tão radiante e singular,
Baixava a cabeça ferida, sem forças para se levantar.

O sol brilhava e o ar de verão, em sua mansidão,
Enchia-se da música das flores em oração;
Mas o botão definhava de sede, angústia e dor,
Ansiando pelo orvalho; mas era tarde, pobre flor.
Então, amargamente, chorou por seu orgulho e vaidade,
Cabisbaixa ao lado da irmã, que era pura claridade.
Então a mãe rosa repousou a cabecinha cansada
Em seu peito e disse, com voz terna e abrandada:

— Tu aprendeste, meu pequeno botão, que, no fim,
Não conquistas a alegria com orgulho assim.
O Pai amoroso envia o sol e a chuva bendita
Para que te tornes uma flor perfeita e infinita;
O doce orvalho para nutrir, a brisa para te alegrar
E a terra como um lar agradável para habitar.
Não deves ser grata por todo esse cuidado e luz,
E manter-te inocente, como a virtude conduz?
Busca, minha pequena flor, a trilha da humildade;
Sê bela por fora e pura por dentro, em verdade.
Assim, no outono tranquilo de tua vida perfumada,
Poderás florescer na morada dos Espíritos, enfim alcançada.

Então, do seio da mãe, onde ainda estava guardada,
A gota de orvalho deslizou para a filha murchada;
A pequena forma ganhou vigor, lágrimas de alegria caíram,
Enquanto o orvalho agia e as folhas se abriram.
E a delicada rosa inclinou-se, com materno fulgor,
Sobre as belas plantinhas que desabrochavam com amor.
A noite voltou, e os vaga-lumes no ar flutuaram;

Mas o botão os deixou passar e as gotas o alimentaram;
Enquanto as estrelas suaves brilhavam no céu de verão,
Sobre a feliz florzinha que aprendera a lição.

Os elfos amantes da música bateram palmas quando o brilho das estrelas cessou; e a Rainha, com um sorriso gentil, colocou uma coroa de flores na cabeça da fada, dizendo:

— A lição do pequeno botão nos ensinará quão triste é o orgulho, e que somente a humildade pode trazer verdadeira felicidade à flor e à fada. Vós sereis o próximo, Zéfiro.

E a pequena fada, que se balançava para lá e para cá sobre uma folha de videira ondulante, assim começou sua história:

— Enquanto eu descansava no seio de uma prímula que se curvava sobre o riacho, uma brisa suave, cansada de brincar, contou-me esta história de Lírio-Sino e Pluma de Cardo.

Lírio-Sino e Pluma de Cardo

— Era uma vez, duas pequenas fadas saíram pelo mundo em busca de fortuna. Pluma de Cardo era um elfo tão alegre e galante quanto qualquer outro que já tenha aberto as asas. Seu manto púrpura e seu gibão verde eram bordados com os fios mais brilhantes, e a pluma em seu chapéu sempre provinha da asa da borboleta mais vistosa.

Mas ele não era amado no Reino das Fadas; pois, como a flor cujo nome e cores ele ostentava, embora belo de se ver, muitos eram os pequenos espinhos de crueldade e egoísmo que se escondiam sob seu manto garboso. Muitas flores delicadas e pássaros inofensivos pereceram por sua mão, pois ele só se importava consigo mesmo, e tudo o que lhe desse prazer deveria ser seu, ainda que corações felizes se tornassem tristes e lares pacíficos fossem destruídos.

Assim era Pluma de Cardo; mas bem diferente era sua pequena amiga, Lírio-Sino. Gentil, compassiva e amorosa, onde quer que seu rosto delicado fosse visto, a alegria e a gratidão faziam-se presentes; nenhuma flor ou inseto sofredor deixava de amar e abençoar a bondosa fada; e, assim, toda a Terra dos Elfos considerava-a sua amiga.

Isso não a tornou vaidosa, nem indiferente aos demais; ela vivia humildemente entre eles, procurando realizar todo o bem que pudesse; e a muitos pássaros sem lar e insetos famintos a quem Pluma de Cardo havia prejudicado, ela alimentou e abrigou; em troca, nenhum mal poderia lhe suceder, pois muitos amigos a rodeavam, buscando retribuir sua ternura e amor com cuidados atentos.

— Ela não teria deixado o Reino das Fadas agora, não fosse para ajudar e aconselhar seu companheiro selvagem, Pluma de Cardo, que, descontente com seu lar tranquilo, buscava fortuna no mundo lá fora; e ela temia que ele sofresse por suas próprias falhas, pois nem todos seriam tão gentis e indulgentes quanto seus semelhantes.

Então, a bondosa fada deixou seu lar e seus amigos para ir com ele; e assim, lado a lado, voaram sob o céu brilhante de verão.

E assim seguiram, por colinas e vales, perseguindo as alegres borboletas ou ouvindo as abelhas, enquanto estas voavam de flor em flor como pequenas donas de casa atarefadas, a cantar enquanto trabalhavam; até que finalmente chegaram a um agradável jardim, repleto de flores e árvores verdes e antigas.

— Vede — exclamou Pluma de Cardo —, que lar encantador é este; vamos descansar entre as folhas frescas e ouvir o canto das flores, pois estou muito cansado e com fome.

Assim, eles adentraram o jardim tranquilo, e os ventos os receberam alegremente, enquanto as flores balançavam em seus caules, oferecendo suas folhas brilhantes para o descanso dos elfos e mel fresco e doce para refrescá-los.

— Agora, querido Cardo, não machuqueis estas flores amigas — disse Lírio-Sino —; vede como elas gentilmente abrem suas folhas e nos oferecem seu orvalho. Seria muito errado de vossa parte retribuir esse cuidado com crueldade e dor. Sede gentil por minha causa, querido Cardo.

Então ela se aproximou das flores, e elas se curvaram amorosamente diante dela e puseram suas folhas macias contra seu rostinho, para que ela pudesse ver como estavam felizes em receber alguém tão boa e gentil; e ofereceram docemente seu orvalho e mel à pequena fada cansada, que se sentou entre suas pétalas perfumadas e olhou sorrindo para as flores felizes, as quais, com suas vozes suaves e baixas, embalaram seu sono com canções.

— Enquanto Lírio-Sino sonhava entre as roseiras, Pluma de Cardo vagueava pelo jardim. Primeiro, roubou o mel das abelhas e sacudiu rudemente as pequenas flores para obter o orvalho que elas haviam acumulado para banhar seus botões. Depois, perseguiu as moscas de asas brilhantes e as feriu com o espinho afiado que carregava como espada; rompeu as teias reluzentes das aranhas, aleijou os pássaros e, logo, por onde passava, jaziam insetos feridos e flores murchas; enquanto o vento levava as notícias pelo jardim, e os pássaros e as flores o viam como um espírito maligno e fugiam ou fechavam suas folhas, com medo de que ele os ferisse.

Assim ele partiu, deixando para trás tristeza e dor, até chegar às rosas onde Lírio-Sino jazia adormecida. Ali, cansado de sua cruel brincadeira, parou para descansar sob uma graciosa roseira, onde cresciam uma única flor desabrochada e um pequeno botão.

— Por que demorais tanto a florescer, pequenina? Já sois muito velha para ficar embalada nesse vosso bercinho verde; deveríeis estar lá fora, entre vossas irmãs flores — disse Pluma de Cardo, enquanto jazia preguiçosamente à sombra da árvore.

— Meu pequeno botão ainda não é forte o suficiente para se aventurar — respondeu a rosa, enquanto se inclinava carinhosamente sobre ele —; a luz do sol e a chuva maculariam sua forma delicada, se desabrochasse agora, mas logo estará apto a suportá-las; até lá, contenta-se em descansar ao lado de sua mãe e esperar.

— Florzinha tola — disse Pluma de Cardo —, vê como depressa te farei desabrochar! Tua espera é inútil.

E, dizendo isso, abriu rudemente as folhas dobradas, expondo-as ao sol e ao ar; enquanto a rosa-mãe implorava à fada cruel que deixasse seu pequeno botão intocado.

— É a minha primeira, a minha única — disse ela —, e eu a cuidei com tanto carinho, na esperança de que logo florescesse ao meu lado; e agora vós a destruístes. Como pudestes ferir a pequena e indefesa flor, que nunca nada fez para vos causar mal?

E enquanto suas lágrimas caíam como chuva de verão, ela se curvou de tristeza sobre o pequeno botão, observando-o tristemente murchar à luz do sol; mas Pluma de Cardo, indiferente à dor que causara, abriu as asas e voou para longe.

Logo o céu escureceu e pesadas gotas começaram a cair. Então, Cardo apressou-se até o lírio, pois seu cálice era profundo, e as folhas brancas caíam como cortinas sobre o leito perfumado; ele era um pequeno elfo delicado e não conseguia dormir entre os trevos e os botões-de-ouro brilhantes. Mas quando pediu à flor que abrisse suas folhas e o acolhesse, ela virou seu rosto pálido e macio e respondeu tristemente:

— Preciso proteger minhas irmãs pequenas e cabisbaixas que feristes, e não posso deixar-vos entrar.

Então Pluma de Cardo ficou furioso e procurou abrigo entre as majestosas rosas; mas elas mostraram seus espinhos afiados e, enquanto seus rostos rosados ardiam de raiva, mandaram-no embora, ou se vingariam do mal que ele fizera a seus gentis parentes.

— Ele teria ficado para lhes fazer mal, mas a chuva caiu forte, e ele apressou-se em partir, dizendo: — As tulipas me acolherão, pois eu elogiei sua beleza, e elas são flores vãs e tolas.

Mas quando ele chegou, encharcado e com frio, implorando por abrigo entre suas densas folhas, elas apenas riram e disseram com desdém:

— Nós vos conhecemos e não vos deixaremos entrar, pois sois falso e cruel, e só nos trareis tristeza. Não precisais vir até nós em busca de outra veste, já que a chuva arruinou vosso belo manto; e não permaneçais aqui, ou vos faremos mal.

Então agitaram suas largas folhas com fúria, espalhando as pesadas gotas sobre as vestes encharcadas do elfo.

— Agora devo ir até as humildes margaridas e violetas azuis — disse Pluma de Cardo —, elas ficarão felizes em deixar entrar uma fada tão delicada; e eu morrerei neste vento frio e nesta chuva.

— Então ele voou, o mais rápido que suas pesadas asas permitiam, em direção às margaridas; mas elas assentiram com a cabeça sabiamente e fecharam suas pétalas ainda mais, dizendo asperamente:

— Ide embora, e não penseis que abriremos nossas folhas para vós e arruinaremos nossas sementes ao permitir que a chuva entre. Bem feito vos seja: conquistar nosso amor e confiança para retribuir com tamanha crueldade! Não encontrareis abrigo aqui, vós cuja mão descuidada feriu nossa amiguinha Violeta e quebrou o coração mais puro que já bateu no peito de uma flor. Estamos muito zangadas convosco, fada malvada; ide embora e escondei-vos.

— Ah — exclamou o elfo, a tremer de frio —, onde encontrarei abrigo? Irei até as violetas: elas me perdoarão e me acolherão.

Mas as margaridas haviam dito a verdade; a delicada florzinha estava morta, e suas irmãs de olhos azuis choravam amargamente sobre suas folhas murchas.

— Agora não tenho amigos — suspirou o pobre Pluma de Cardo —, e devo morrer de frio. Ah, se eu tivesse dado ouvidos a Lírio-Sino, talvez agora estivesse a sonhar sob as folhas de alguma flor.

— Outros podem perdoar e amar, além de Lírio-Sino e Violeta — disse uma voz suave e doce —; não tenho mais nenhum botãozinho para abrigar, e vós podeis entrar aqui.

Era a mãe rosa quem falava, e Pluma de Cardo viu como as pétalas brilhantes haviam empalidecido e como o caule esguio estava curvado. Triste, envergonhado e admirado com as palavras de perdão da flor, ele repousou a cabeça cansada no seio que ele mesmo enchera de tristeza, e as folhas perfumadas o envolveram cuidadosamente.

Mas ele não conseguia encontrar descanso. A rosa esforçava-se por confortá-lo; mas, quando pensava que ele dormia, as lembranças de seu botão perdido a invadiam, e o pequeno coração batia tão tristemente onde ele jazia, que o sono não vinha; enquanto as lágrimas amargas que ele fizera correr caíam sobre ele com mais frieza do que a chuva lá fora. Então ele ouviu as outras flores a sussurrarem entre si sobre sua crueldade e a tristeza que ele trouxera para o lar feliz delas; e muitas se perguntavam como a rosa, que mais sofrera, ainda podia perdoá-lo e protegê-lo.

— Jamais poderei perdoar quem me roubou os filhos. Posso baixar a cabeça e morrer, mas não poderei dar felicidade a quem me tirou todos os meus — disse Jacinto, inclinando-se com carinho sobre os pequenos que floresciam ao seu lado.

— A querida Violeta não é a única que nos deixará — soluçou a pequena Resedá —; a mãe rosa murchará como seu pequeno botão, e perderemos nossa professora mais gentil. Sua última lição é o perdão; mostremos nosso amor por ela e pela gentil desconhecida Lírio-Sino, ao não proferirmos nenhuma palavra ou pensamento maldoso contra aquele que nos trouxe toda essa dor.

As palavras raivosas foram silenciadas e, durante a longa noite, nada se ouviu além do gotejar da chuva e dos suspiros suaves da roseira.

Logo a luz do sol retornou e, com ela, Lírio-Sino procurou por Pluma de Cardo; mas ele, tomado pela vergonha, fugiu furtivamente.

Quando as flores expressaram sua tristeza à bondosa Lírio-Sino, ela chorou amargamente pela dor que seu amigo causara e, com palavras amorosas, esforçou-se por confortar aqueles a quem ele havia afligido; com delicadeza, curou os pássaros feridos e zelou pelas flores que ele ferira, a trazer a cada dia orvalho e luz do sol para refrescá-las e fortalecê-las, até que todas estivessem bem novamente. E, embora lamentassem a morte de seus amigos, ainda assim perdoaram Pluma de Cardo por causa daquela que tanto fizera por elas. Assim, em breve, botões mais belos do que os

que ela perdera repousavam no seio da mãe rosa; e, por todo o seu sofrimento, ela foi bem recompensada pelo amor de Lírio-Sino e de suas irmãs flores.

E quando o pássaro, a abelha e a flor estavam fortes e belos novamente, a gentil fada despediu-se e voou para encontrar seu amigo, a deixar para trás muitos corações agradecidos que lhe deviam a alegria e a vida.

— Enquanto isso, Pluma de Cardo seguia por colinas e vales e, por um tempo, foi gentil e amável com todos os seres vivos. Sentia muita falta da pequena amiga que deixara seu lar feliz para cuidar dele; mas era orgulhoso demais para admitir sua culpa e, assim, continuou, na esperança de que ela o encontrasse.

Um dia ele adormeceu e, quando acordou, o sol já se havia posto e o orvalho começava a cair; as flores estavam fechadas e ele não tinha para onde ir, até que uma pequena abelha amiga, atrasada por causa de sua pesada carga de mel, convidou a fada cansada a acompanhá-la.

— Ajudai-me a levar meu mel para casa e podereis ficar conosco esta noite — disse ela gentilmente.

Então, Pluma de Cardo acompanhou-a de bom grado e logo chegaram a um jardim encantador, onde, entre as mais belas flores, erguia-se a colmeia, coberta de trepadeiras e adornada por árvores floridas. Vaga-lumes estavam à entrada para iluminar-lhes o caminho e, ao entrarem, a fada pensou em como devia ser encantador viver em um lugar tão belo. O chão de cera era puro e branco como mármore, enquanto as paredes eram formadas por favos de mel dourados, e o ar era perfumado com o aroma das flores.

— Não podereis ver nossa Rainha esta noite — disse a abelhinha —, mas mostrar-vos-ei um leito onde podereis descansar.

E ela conduziu a fada cansada a uma pequena cela onde, sobre um leito de folhas floridas, o elfo dobrou as asas e adormeceu.

Assim que o primeiro raio de sol invadiu a morada, ele foi despertado por uma música suave. Era o canto matinal das abelhas.

— Despertai! Despertai! Pois o raio primeiro
Do sol lá no alto já brilha dourado,
Nas ondas que fluem em tom fagueiro
Sob o doce vinhedo florido e orvalhado.

Despertai! Despertai! Pois o canto suave
Do hino que os pássaros entoam no ar
Vem flutuando em brisa tão leve,
Pela mata sombreada a nos despertar;

Então cada asa abri,
Trabalhai e cantai aqui,
Nas horas de sol que hão de brilhar;
Pela terra tão plena,
Em jornada serena,
Um dia entre as flores a viajar!

Despertai! Despertai! Pois o vento de verão
Mandou que as flores se pusessem a abrir;
Da violeta o azul despertou do chão,
E a rosa adormecida ele fez ressurgir.
Elas balançam em caules esguios,
Frescas e belas, com doce perfume,
A esperar que colhamos, em nossos desvios,
O orvalho de mel que o sol não consome.

Então cada asa abri,
Trabalhai e cantai aqui,
Nas horas de sol que hão de brilhar;
Pela terra tão plena,
Em jornada serena,
Um dia entre as flores a viajar!

Logo, seu amigo veio convidá-lo a levantar-se, pois a Rainha desejava falar-lhe. Então, com seu manto púrpura graciosamente lançado sobre o ombro e seu pequeno chapéu segurado respeitosamente na mão, ele seguiu Asa Ágil até o grande salão, onde a Rainha era servida por seus pequenos pajens. Alguns traziam-lhe orvalho fresco e mel; outros a abanavam com pétalas de flores perfumadas, enquanto outros espalhavam as mais doces fragrâncias no ar.

— Pequena fada — disse a Rainha —, sede bem-vinda ao meu palácio; teremos o maior prazer em ter-vos conosco, contanto que obedeçais às nossas leis. Não passamos os agradáveis dias de verão em ociosidade e prazer, mas cada um trabalha pela felicidade e bem de todos. Se nossa casa é bela, foi graças ao nosso trabalho; e aqui vivemos como uma grande e amorosa família; nenhuma tristeza, preocupação ou discórdia pode entrar, enquanto todos obedecerem à voz daquela que busca ser uma Rainha sábia e gentil para eles. Se ficardes conosco, ensinar-vos-emos muitas coisas. Ordem, paciência e trabalho: quem pode ensiná-los tão bem quanto aqueles que são os emblemas dessas virtudes?

— Nossas leis são poucas e simples. Deveis colher diariamente vossa porção de mel e certificar-vos de que vossa cela esteja doce e fresca, assim como vós mesmo deveis estar; levantar-vos com o sol e dormir com ele. Não deveis danificar nenhuma flor ao realizar vosso trabalho, nem tomar mais do que vossa justa porção de mel; pois, se elas tão gentilmente nos dão alimento, seria cruel tratá-las com algo além de gentileza e gratidão. Agora, ficareis conosco e aprendereis o que até os mortais buscam saber: que o trabalho traz a verdadeira felicidade?

E Pluma de Cardo disse que ficaria e moraria com eles; pois estava cansado de vagar sozinho e pensou que poderia viver ali até que Lírio-Sino chegasse, ou até se cansar das abelhas bondosas. Então, tiraram-lhe as vestes vistosas e o vestiram como eles, com a capa de veludo preto com faixas douradas no peito.

— Vinde conosco — disseram elas.

E assim partiram para os campos verdejantes, onde tomaram o café da manhã entre as flores orvalhadas; e então, até o pôr do sol, voaram de botão em botão, a cantar enquanto trabalhavam; e, por um instante, Pluma de Cardo sentiu-se mais feliz do que quando quebrava flores e feria pássaros delicados.

— Mas logo se cansou de trabalhar o dia todo sob o sol e ansiou por ser livre novamente. Não encontrava prazer na companhia das abelhas operosas e suspirava por estar longe dali com suas amigas ociosas, as borboletas; então, enquanto as outras trabalhavam, ele dormia ou brincava e, na pressa de obter sua parte, arrancava as flores e tomava tudo o que elas haviam guardado para o próprio sustento. E não fora apenas isso; ele contava histórias tão sedutoras sobre a vida que levava antes de vir morar com elas, que muitas ficaram infelizes e descontentes; e aquelas que antes não desejavam alegria maior do que o amor e os elogios de sua bondosa Rainha, agora a desobedeciam e a culpavam, a despeito de tudo o que ela fizera por elas.

A Rainha suportou por muito tempo as palavras e ações cruéis deles; e quando finalmente descobriu que fora a fada ingrata quem causara toda aquela perturbação em seu reino tranquilo, ela se esforçou, com palavras doces e indulgentes, para mostrar-lhe todo o mal que ele praticara; mas ele não quis ouvir e continuou a destruir a felicidade daqueles que tanto haviam feito por ele.

— Então, quando ela viu que nenhuma bondade conseguia tocar o coração dele, disse:

— Pluma de Cardo, nós vos acolhemos, um estranho sem amigos; alimentamos-vos, vestimos-vos e tornamos nossa casa o mais agradável possível. Em troca de todo o nosso cuidado, trouxestes descontentamento e problemas aos meus súditos, além de tristeza e preocupação para mim. Não posso permitir que meu reino pacífico seja por vós perturbado; portanto, ide e buscai outro lar. Podereis encontrar outros amigos, mas nenhum vos amará mais do que nós, se fôsseis digno disso; portanto, adeus.

E as portas daquele lar outrora feliz, que ele perturbara, fecharam-se atrás dele.

Então, ele ficou muito colérico e determinado a causar grande pesar à boa Rainha. Por isso, procurou as abelhas ociosas e teimosas, que ele tornara descontentes, ordenando-lhes que o seguissem e tomassem o mel que a Rainha armazenara para o inverno.

— Vamos festejar e divertir-nos neste agradável verão — disse Pluma de Cardo —; o inverno está longe, por que desperdiçar estes dias lindos a trabalhar arduamente para armazenar a

comida que poderíamos desfrutar agora? Vinde, vamos aproveitar o que produzimos e não pensar mais no que a Rainha disse.

Enquanto as abelhas trabalhadeiras estavam entre as flores, ele conduziu os zangões até a colmeia e apoderou-se do mel, a destruir e devastar o lar das amáveis abelhas. Então, temendo que elas, em sua tristeza e raiva, pudessem lhe fazer mal, Pluma de Cardo voou para longe em busca de novos amigos.

— Após muitas andanças, ele finalmente chegou a uma grande floresta e ali, junto a um lago tranquilo, parou para descansar. Delicadas flores silvestres cresciam perto dele no musgo verde-escuro, com as cabeças pendentes, como se escutassem o suave canto do vento entre os pinheiros. Pássaros de olhos brilhantes o observavam de seus ninhos, e insetos multicoloridos dançavam sobre o lago fresco e calmo.

— Este é um lugar agradável — disse Pluma de Cardo —; será meu lar por um tempo. Vinde cá, libélula azul, eu adoraria fazer vossa amizade, pois estou completamente sozinho.

A libélula dobrou suas asas brilhantes ao lado do elfo, ouviu a história que ele contou, prometeu fazer amizade com o solitário e esforçou-se por tornar a floresta um lar feliz para ele.

— Após muitas andanças, ele finalmente chegou a uma grande floresta e ali, junto a um lago tranquilo, parou para descansar. Delicadas flores silvestres cresciam perto dele no musgo verde-escuro, com as cabeças pendentes, como se escutassem o suave canto do vento entre os pinheiros. Pássaros de olhos brilhantes o observavam de seus ninhos, e insetos multicoloridos dançavam sobre o lago fresco e calmo.

— Este é um lugar agradável — disse Pluma de Cardo —; será meu lar por um tempo. Vinde cá, libélula azul, eu adoraria fazer vossa amizade, pois estou completamente sozinho.

A libélula dobrou suas asas brilhantes ao lado do elfo, ouviu a história que ele contou, prometeu fazer amizade com o solitário e esforçou-se por tornar a floresta um lar feliz para ele.

— Assim, ali vivia Pluma de Cardo, e muitos amigos bondosos reuniam-se ao seu redor, pois ele lhes falava gentilmente e eles nada sabiam dos atos cruéis que ele cometera; e, por um tempo, ele foi feliz e contente. Mas, por fim, cansou-se dos pássaros gentis e das flores silvestres, e buscou novo prazer a destruir a beleza da qual estava farto; e logo os amigos que o haviam acolhido com tanta gentileza passaram a vê-lo como um espírito maligno e afastavam-se quando ele se aproximava.

Por fim, seu amigo, a libélula, implorou-lhe que deixasse o tranquilo lar que ele perturbara. Então, Pluma de Cardo ficou furioso e, enquanto a libélula dormia entre as flores que se debruçavam sobre o lago, levou uma aranha feia até o local e ordenou-lhe que tecesse suas teias em volta do inseto adormecido e o prendesse firmemente. A cruel aranha obedeceu de bom grado à fada

ingrata; e logo a pobre libélula não conseguia mover nem as patas nem as asas. Então, Pluma de Cardo voou para longe pela floresta, a deixar tristeza e problemas para trás.

— Ele não havia viajado muito quando se cansou e deitou-se para descansar. Dormiu por um longo tempo e, quando acordou e tentou se levantar, suas mãos e asas estavam amarradas; enquanto ao seu lado estavam duas figuras estranhas, com rostos e vestes escuras, que farfalhavam como folhas secas e que gritaram para ele enquanto ele se debatia para se libertar:

— Ficai quieto, elfo travesso! Estais sob o poder dos Brownies e sereis bem punido por vossa crueldade antes que vos deixemos partir.

Assim, o pobre Pluma de Cardo jazia tristemente, a imaginar o que aconteceria e a desejar que Lírio-Sino viesse ajudá-lo e confortá-lo; mas ele a havia deixado, e ela não podia ajudá-lo agora.

— Logo, um grupo de Brownies surgiu a farfalhar pelo ar e reuniu-se ao redor dele; enquanto um deles, que usava uma cúpula de bolota na cabeça e era o Rei deles, disse, ao postar-se ao lado do elfo trêmulo:

— Cometestes muitas atrocidades e causastes muita tristeza a corações felizes; agora estais em meu poder e manter-vos-ei prisioneiro até que vos arrependais. Não sabeis habitar a Terra sem prejudicar as coisas belas que vos foram dadas para desfrutar; portanto, vivereis sozinho na solidão e na escuridão, até que aprendais a encontrar a felicidade em atos gentis e a esquecer-vos de vós mesmo ao dar alegria aos outros. Quando tiverdes aprendido isso, eu vos libertarei.

Então, os Brownies levaram-no até uma rocha alta e escura e, atravessando uma pequena porta, conduziram-no a uma cela minúscula, tenuemente iluminada por uma fresta por onde entrava um único raio de sol; e ali, por longos e longos dias, o pobre Pluma de Cardo sentou-se sozinho, a olhar com olhos melancólicos para a pequena abertura, ansiando por estar lá fora, na terra verdejante. Ninguém vinha visitá-lo, exceto os silenciosos Brownies que lhe traziam comida diariamente; e com lágrimas amargas ele chorava por Lírio-Sino, a lamentar sua crueldade e egoísmo, enquanto buscava praticar algum ato de bondade que pudesse expiar seus erros.

Uma pequena trepadeira que crescia do lado de fora da rocha onde ele estava preso começou a rastejar e espreitava pela fenda, como que para alegrar o elfo solitário, que a acolheu com muita alegria; e diariamente ele regava as folhas macias da planta com a pequena porção de água que lhe era oferecida, para que a pequena trepadeira pudesse viver, mesmo que isso escurecesse cada vez mais sua cela sombria.

Os atentos Brownies viram esse ato de bondade e trouxeram-lhe flores frescas e muitas outras dádivas, que Pluma de Cardo recebeu com gratidão, embora nunca soubesse que fora sua gentileza para com a videira que lhe rendera esses prazeres. Assim, o pobre elfo esforçou-se por ser mais gentil e altruísta, e a cada dia tornava-se mais feliz e melhor.

Enquanto Pluma de Cardo permanecia prisioneiro na cela solitária, Lírio-Sino o procurava por toda parte e, com tristeza, seguia seus rastros pelos corações pesarosos que ele deixara para trás. Ela curou as flores murchas, consolou a tristeza da Rainha das Abelhas, trouxe de volta seus súditos descontentes e restaurou a paz e a ordem no lar, a deixá-los a abençoá-la.

Assim, ela prosseguiu sua jornada até chegar à floresta onde Pluma de Cardo perdera sua liberdade. Ela libertou a libélula faminta e cuidou dos pássaros feridos; mas, embora todos aprendessem a amá-la, ninguém sabia para onde os Brownies haviam levado seu amigo, até que uma brisa suave passou a sussurrar e lhe contou que uma doce voz fora ouvida, a entoar canções de fadas, no fundo de uma rocha coberta de musgo.

— Então, Lírio-Sino saiu pela floresta à procura da voz. Buscou e escutou em vão por muito tempo; até que um dia, enquanto vagava por um vale solitário, ouviu um som fraco e baixo de música, e logo depois uma voz distante a cantar melancolicamente:

— O sol de verão brilha forte,
O ar de verão é suave;
Alegres cantam os pássaros da mata,
As flores desabrocham com graça.

— Mas, no fundo da rocha escura e fria,
Eu habito em triste lamento,
Ansiando por ti, querida amiga,
Lírio-Sino! Lírio-Sino!

— Pluma de Cardo, querido Pluma de Cardo, onde estais? — exclamou alegremente Lírio-Sino, enquanto voava de pedra em pedra. Mas a voz silenciou, e ela teria procurado em vão se não tivesse visto uma pequena trepadeira, cujas folhas verdes, a balançar de um lado para o outro, pareciam chamá-la; e, enquanto estava entre suas flores, ela cantou:

— Através da luz do sol e do ar de verão,
eu te procurei por muito tempo,
guiada por pássaros e flores,
e agora por teu acento.

— Pluma de Cardo! Pluma de Cardo!
Por colinas e vales, aqui vem Lírio-Sino
para te consolar.

— Então, por entre as folhas da videira, dois bracinhos estenderam-se para ela, e Pluma de Cardo foi encontrado. Assim, Lírio-Sino fez sua morada à sombra da videira e trouxe tanta alegria a Pluma de Cardo que sua cela solitária lhe parecia mais agradável do que todo o resto do mundo; e ele tornava-se, a cada dia, mais parecido com sua gentil amiga. Mas isso não durou muito, pois um dia ela não apareceu. Ele observou e esperou por um longo tempo pelo rostinho que costumava

espreitar, a sorrir, por entre as folhas da videira. Chamou e acenou pela estreita abertura, mas Lírio-Sino não respondeu; e ele chorou tristemente ao pensar em tudo o que ela fizera por ele e que agora não podia ir à sua procura para ajudá-la, pois perdera a liberdade por seus próprios atos cruéis e perversos.

— Por fim, ele implorou insistentemente ao silencioso Brownie que lhe dissesse para onde ela partira.

— Oh, deixai-me ir até ela — implorou Pluma de Cardo —; se ela estiver triste, eu a consolarei e mostrarei minha gratidão por tudo o que ela fez por mim. Querido Brownie, libertai-me e, quando ela for encontrada, voltarei e serei vosso prisioneiro novamente. Suportarei e sofrerei qualquer perigo por ela.

— Lírio-Sino está segura — respondeu o Brownie —; vinde, e descobrireis a provação que a aguarda.

— Então, ele conduziu o elfo errante para fora de sua prisão até um grupo de samambaias altas e pendentes, sob cuja sombra um grande lírio branco fora colocado, a formar uma pequena tenda, dentro da qual, em um leito de musgo verde e espesso, jazia Lírio-Sino em um sono profundo; a luz do sol entrava suavemente, e tudo estava fresco e tranquilo.

— Não podeis acordá-la — disse o Brownie, enquanto Pluma de Cardo a envolvia ternamente em seus braços. — É um sono mágico, e ela não despertará até que tragais presentes dos Espíritos da Terra, do Ar e da Água. É uma tarefa longa e árdua, pois não fizestes amigos para vos ajudar e tereis de buscá-los sozinho. Este é o teste que vos daremos; e se o vosso amor por Lírio-Sino for forte o suficiente para afastar-vos de toda crueldade e egoísmo, e tornar-vos gentil e amoroso como deveis ser, ela despertará para receber-vos e amar-vos ainda mais ternamente do que antes.

— Então Pluma de Cardo, a lançar um último olhar para a pequena amiga que tanto amava, partiu sozinho para sua longa tarefa.

— A morada dos Espíritos da Terra foi a primeira que ele buscou encontrar, e ninguém lhe dizia onde procurar. Vagou por toda parte, através de florestas sombrias e colinas solitárias, sem ninguém para animá-lo quando triste e cansado, nem alguém para guiá-lo em seu caminho. Ele prosseguiu, a pensar em Lírio-Sino e, por ela, a tudo suportar; pois, em sua prisão silenciosa, muitos sentimentos gentis e pensamentos bondosos haviam brotado em seu coração, e agora ele se esforçava por ser amigo de todos e conquistar o amor e a confiança daqueles a quem outrora procurara prejudicar e destruir cruelmente.

— Mas poucos acreditaram nele, pois se lembravam de suas falsas promessas e más ações, e não confiavam mais nele; assim, o pobre Pluma de Cardo encontrou poucos que o amassem ou se importassem com ele. Ele vagou por muito tempo e procurou com cuidado, mas não conseguiu

encontrar a morada dos Espíritos da Terra. E quando finalmente chegou ao agradável jardim onde ele e Lírio-Sino se separaram pela primeira vez, disse para si mesmo:

— Aqui ficarei por um tempo e tentarei, por meio de boas ações, conquistar o perdão das flores pela dor e tristeza que lhes causei há muito tempo; e talvez elas aprendam a me amar e a confiar em mim. Assim, mesmo que eu nunca encontre os Espíritos, serei mais digno do afeto de Lírio-Sino se me esforçar por expiar o mal que fiz.

— Então, ele caminhou entre as flores, mas elas fecharam suas folhas e encolheram-se, a tremer de medo; enquanto os pássaros fugiam para se esconder entre as folhagens à sua passagem. O pobre Pluma de Cardo ficou triste e ansiava por contar-lhes como havia mudado; mas elas não o ouviam. Então, ele tentou mostrar, com gestos silenciosos de bondade, que não lhes fazia mal; e logo os pássaros bondosos tiveram pena do elfo solitário e, quando ele se aproximava, cantavam canções de alegria e deixavam cair frutinhas maduras em seu caminho, pois ele não quebrava mais seus ovos nem machucava seus filhotes.

— E quando as flores viram isso, e perceberam que o outrora cruel elfo agora regava e cuidava dos pequenos botões, alimentava os insetos famintos e ajudava as formigas atarefadas a carregar suas pesadas cargas, elas compartilharam da piedade dos pássaros e desejaram confiar nele; mas ainda não ousavam. Certo dia, enquanto passeava pelo jardim, ele chegou à pequena rosa que outrora ferira tão tristemente. Muitos botões agora desabrochavam ao seu lado, e seu rosto terno irradiava orgulho materno enquanto ela se inclinava carinhosamente sobre eles. Mas quando Pluma de Cardo chegou, viu com tristeza como ela instruiu os botões a fechar suas cortinas verdes e se esconder sob as folhas, pois havia perigo próximo; e, a inclinar-se ainda mais sobre eles, parecia esperar com temor trêmulo a chegada do cruel elfo.

— Mas nenhuma mão rude arrancou seus pequeninos de seus braços, nenhuma palavra maldosa foi proferida; em vez disso, uma suave chuva de orvalho caiu levemente sobre eles, e Pluma de Cardo, a inclinar-se ternamente sobre eles, disse:

— Querida flor, perdoai a tristeza que um dia vos causei e confiai em mim agora, pelo bem de Lírio-Sino. Sua gentileza transformou minha crueldade em bondade, e eu retribuiria de bom grado todo o mal que fiz; mas ninguém me amará nem confiará em mim agora.

Então, a pequena rosa olhou para cima e, enquanto as gotas de orvalho brilhavam como lágrimas felizes sobre suas pétalas, ela disse:

— Eu vos amarei e confiarei em vós, Pluma de Cardo, pois realmente mudastes muito. Fazei vosso lar entre nós, e minhas irmãs flores logo aprenderão a amar-vos como mereceis. Não por causa da doce Lírio-Sino, mas por vós mesmo, tornar-me-ei vossa amiga; pois sois gentil e amável agora, e digno do nosso amor. Olhai para cima, minhas pequenas, não há perigo por perto; olhai para cima e dai as boas-vindas a Pluma de Cardo em nosso lar.

Então os pequenos botões ergueram seus rostinhos rosados, dançaram novamente em seus caules e acenaram gentilmente para Pluma de Cardo, que sorriu para eles em meio a lágrimas de alegria e beijou a doce e indulgente Rosa, que o amou e confiou nele quando ele estava mais desolado e sem amigos. Mas as outras flores murmuravam entre si, e Jacinto disse:

— Se Pétala de Rosa é sua amiga, certamente nós também podemos ser; contudo, temo que ele logo se canse dessa gentileza e volte a ser o elfo malvado que era antes, e nós sofreremos por nossa bondade para com ele agora.

— Ah, não duvideis dele! — exclamou a bondosa e pequena Resedá —; certamente algum espírito bom transformou o malvado Pluma de Cardo neste bom pequeno elfo. Vede como ele delicadamente afasta as folhas que sombreiam a pálida Campânula, e ouvi agora como ele canta suavemente enquanto embala a pequena Rosa para dormir. Ele fez muitas coisas boas, embora ninguém, exceto Pétala de Rosa, tenha sido gentil com ele, e ele está muito triste. Ontem à noite, quando acordei para fechar as pétalas, ele estava sentado a chorar ao luar, tão amargamente, que desejei dizer-lhe uma palavra gentil. Queridas irmãs, vamos confiar nele.

E todas disseram que a pequena Resedá tinha razão; e, a abrir bem as suas folhas, convidaram-no a vir, beber o seu orvalho e deitar-se entre as pétalas perfumadas, a tentar confortar a sua tristeza. Pluma de Cardo contou-lhes tudo e, depois de muito cochicharem entre si, disseram:

— Sim, nós vos ajudaremos a encontrar os Espíritos da Terra, pois estais a esforçar-vos por ser bom e, por amor a Lírio-Sino, faremos muito por vós.

Então, chamaram uma pequena toupeira de olhos brilhantes e disseram:

— Pelo-Macio, nós vos demos um lar agradável entre as nossas raízes, e sois uma amiguinha agradecida; portanto, guiareis o querido Pluma de Cardo até a morada dos Espíritos da Terra?

— Pelo-Macio disse que sim; e Pluma de Cardo, a agradecer às gentis flores, seguiu seu pequeno guia por longas galerias escuras, cada vez mais fundo na terra, enquanto um vaga-lume voava à frente para iluminar o caminho. Eles seguiram adiante e, depois de um tempo, chegaram a uma trilha iluminada por joias brilhantes penduradas nas paredes. Ali, Pelo-Macio e Lampejo, o vaga-lume, deixaram-no, a dizer:

— Não podemos guiar-vos mais longe; agora deveis seguir sozinho, e a música dos Espíritos vos conduzirá ao seu lar.

— Então, subiram rapidamente o caminho sinuoso, e Pluma de Cardo, guiado pela doce música, seguiu solitário. Ele logo chegou a um lugar encantador, cujos salões dourados brilhavam com joias que cintilavam intensamente e projetavam sombras multicoloridas nas vestes reluzentes dos pequenos Espíritos, que dançavam lá embaixo ao som de suaves sinos prateados.

— Por muito tempo, Pluma de Cardo ficou a observar as formas brilhantes que cintilavam e luziam ao seu redor; mas sentia falta das flores e da luz do sol, e alegrava-se por não ser um Espírito da Terra. Finalmente, eles o avistaram e, a acolhê-lo com alegria, convidaram-no a juntar-se à dança. Mas Pluma de Cardo estava triste demais para isso; e quando lhes contou toda a sua história, eles não insistiram mais, mas procuraram confortá-lo. Uma delas, a quem chamavam de Pequeno Brilho (pois sua coroa e manto brilhavam com os diamantes mais reluzentes), disse:

— Tereis de trabalhar para nós antes de ganhar um presente para mostrar aos Brownies; vedes aqueles sinos dourados que fazem uma música tão linda quando os balançamos para lá e para cá? Trabalhamos muito para conquistá-los, e podereis ganhar um deles se realizardes a tarefa que vos dermos.

— E Pluma de Cardo disse: — Nenhuma tarefa será difícil demais para mim, pelo bem da querida Lírio-Sino.

— Então, conduziram-no a um lugar estranho e escuro, iluminado por tochas, onde tropas de Espíritos voavam atarefadamente de um lado para o outro, entre rochas úmidas e através de galerias escuras que desciam profundamente na terra. — O que fazem aqui? — perguntou Pluma de Cardo.

— Eu vos contarei — respondeu o pequeno Brilho —, pois eu mesmo já trabalhei aqui. Alguns deles vigiam as raízes das flores, a mantê-las frescas e fortes; outros recolhem as gotas límpidas que escorrem das rochas úmidas e formam uma pequena nascente que, a crescer cada vez mais, sobe em direção à luz e jorra em algum campo verdejante ou floresta solitária, onde os pássaros silvestres vêm beber e as flores silvestres estendem suas folhas sedentas sobre as ondas claras e frescas, enquanto dançam, a levar alegria e frescor aonde quer que vão. Outros moldam as joias brilhantes em formas encantadoras e fazem as moedas da sorte que damos aos mortais que amamos. E aqui deveis trabalhar arduamente até conquistar a flor dourada.

— Então, Pluma de Cardo foi para o meio dos Espíritos e juntou-se às suas tarefas; ele cuidava das raízes das flores, recolhia as gotas de água e moldava as moedas da sorte. Trabalhou arduamente e por muito tempo, e muitas vezes se sentia triste e cansado, frequentemente tentado por pensamentos cruéis e egoístas; mas ele pensava em Lírio-Sino e esforçava-se por ser gentil e amoroso como ela fora; e logo os Espíritos aprenderam a amar o elfo paciente, que deixara seu lar para trabalhar entre eles por amor à sua gentil amiga.

— Finalmente, o pequeno Brilho aproximou-se dele e disse: — Já fizestes o suficiente; vinde agora, dançai e festejai conosco, pois a flor dourada foi conquistada.

— Mas Pluma de Cardo não podia ficar, pois metade de sua tarefa ainda não estava concluída; e ele ansiava pela luz do sol e por Lírio-Sino. Então, a despedir-se gentilmente, apressou-se pelo caminho iluminado pelas tochas até a luz novamente; e, a abrir suas asas, voou sobre colinas e vales até chegar à floresta onde Lírio-Sino dormia.

— Era de manhã cedo, e a luz rosada brilhava intensamente através das folhas de lírio sobre ela, quando Pluma de Cardo entrou e depositou seu primeiro presente aos pés do Rei Brownie.

— Saístes-vos bem — disse ele. — Recebemos boas notícias vossas, trazidas pelos pássaros e pelas flores, e estais realmente a buscar reparar o mal que fizestes. Olhai agora para vossa amiguinha e, depois, ide buscar com os Espíritos do Ar vosso segundo dom.

— Então, Pluma de Cardo despediu-se novamente de Lírio-Sino e voou para longe entre as nuvens, a buscar os Espíritos do Ar; mas, embora tenha vagado até que suas asas cansadas não o suportassem mais, foi em vão. Assim, fraco e triste, deitou-se para descansar sobre uma larga folha de videira, que tremulava suavemente ao vento; e, enquanto jazia, viu abaixo de si a casa das gentis abelhas que tanto perturbara e que Lírio-Sino ajudara e consolara.

— Tentarei obter o perdão delas e mostrar-lhes que já não sou o elfo cruel que tanto as prejudicou — pensou Pluma de Cardo —, e quando voltarem a ser minhas amigas, pedirei sua ajuda para encontrar os Espíritos do Ar; se eu o merecer, elas me ajudarão de bom grado em meu caminho.

— Então, ele voou para o campo lá embaixo e correu apressadamente de flor em flor, até encher uma pequena campânula azul com mel doce e fresco. Depois, aproximou-se silenciosamente da colmeia e, a colocá-la perto da porta, escondeu-se para observar. Logo seu amigo Asa-Ágil voltou a voar para casa e, ao avistar a pequena taça, cantarolou de alegria e chamou seus companheiros para junto de si.

— Certamente, algum bom elfo o colocou aqui para nós — disseram eles. — Vamos levá-lo à nossa Rainha; é tão fresco e perfumado que será um presente perfeito para ela. — E o acolheram alegremente, sem imaginar quem o havia colocado ali.

— Assim, todos os dias, Pluma de Cardo enchia uma taça de flores e a colocava à porta; e a cada dia as abelhas ficavam mais e mais maravilhadas, pois muitas coisas estranhas aconteciam. As flores do campo falavam do bom espírito que as observava, e os pássaros cantavam sobre o mesmo bondoso pequeno elfo que trazia musgo macio para seus ninhos e alimento para seus filhotes famintos; enquanto tudo ao redor da colmeia se tornava mais belo desde a chegada do elfo.

— Mas as abelhas nunca o viram, pois ele temia não ter feito ainda o suficiente para conquistar seu perdão e amizade; então, vivia sozinho entre as videiras, a trazer-lhes mel diariamente e a praticar alguma boa ação. Por fim, enquanto dormia em uma campânula, uma pequena abelha passou por perto e o reconheceu como o malvado Pluma de Cardo; então chamou seus amigos e, enquanto eles voavam a murmurar ao seu redor, ele acordou.

— O que faremos convosco, elfo travesso? — disseram eles. — Estais em nosso poder, e picar-vos-emos se não ficardes quieto.

— Vamos fechar as pétalas da flor ao redor dele e deixá-lo aqui a morrer de fome — gritou um deles, que ainda não havia esquecido toda a tristeza que Pluma de Cardo lhes causara há muito tempo.

— Não, não, isso seria muito cruel, querido Zunido — disse o pequeno Hum; — vamos levá-lo à nossa Rainha, e ela nos dirá como demonstrar nossa indignação pelas maldades que ele cometeu. Vede como ele chora amargamente; sejamos bondosos com ele, e ele não nos fará mais mal.

— Que bom, pequeno Hum! — exclamou um bondoso pisco-de-peito-ruivo, que se aproximara a saltitar para ouvir as abelhas. — Queridos amigos, não sabeis que este é o bom espírito que habita tão silenciosamente entre nós, a velar pelos pássaros e flores, a trazer alegria a todos que ajuda? É ele quem vos traz a taça de mel todos os dias e depois parte silenciosamente, para que nunca saibais quem trabalha tão fielmente por vós. Sejam bondosos com ele, pois, se fez algo errado, já se arrependeu, como podeis ver.

— Será que este é o Pluma de Cardo travesso? — disse Asa-Ágil.

— Sim, sou eu — disse Pluma de Cardo —, mas não sou mais cruel e maldoso. Tentei conquistar vosso amor com paciência e dedicação. Ah, confiai em mim agora, e vereis que não sou mais o travesso Pluma de Cardo.

Então, as abelhas curiosas o conduziram até sua Rainha e, quando ele contou sua história e implorou por perdão, este lhe foi concedido de bom grado; e todas se esforçaram por mostrar-lhe que era amado e digno de confiança. Então, ele perguntou se elas poderiam dizer-lhe onde habitavam os Espíritos do Ar, pois não podia esquecer-se da querida Lírio-Sino; e, para sua grande alegria, a Rainha disse que sim, e ordenou ao pequeno Hum que guiasse Pluma de Cardo até a Terra das Nuvens.

O pequeno Hum obedeceu alegremente; e Pluma de Cardo o seguiu, enquanto ele voava cada vez mais alto entre as nuvens macias, até que, ao longe, avistaram uma luz radiante.

— Ali está a casa deles, e preciso deixar-vos agora, querido Pluma de Cardo — disse a pequena abelha; e, a despedir-se dele, voou a cantar de volta; enquanto Pluma de Cardo, a seguir a luz, logo se encontrou na morada dos Espíritos do Ar.

O céu estava dourado e púrpura como um pôr do sol de outono, e longas paredes de nuvens brilhantes o envolviam. Uma luz rosada brilhava através da névoa prateada, sobre colunas reluzentes e o teto colorido; ventos suaves e perfumados sussurravam ao redor, e pequenas formas etéreas flutuavam de um lado para o outro.

Por muito tempo Pluma de Cardo maravilhou-se com a beleza ao seu redor; então, dirigiu-se aos Espíritos brilhantes, contou sua história e pediu um presente. Mas eles responderam como os Espíritos da Terra:

— Primeiro deveis nos servir e, então, nós, com prazer, vos daremos um manto de luz solar como o nosso.

E então contaram-lhe como espalhavam sementes de flores sobre a terra, para embelezar e iluminar lugares solitários; como vigiavam as flores durante o dia e espalhavam orvalho à noite, a levar a luz do sol a lugares escuros e ventos suaves para refrescar e alegrar.

— O céu estava dourado e púrpura como um pôr do sol de outono, e longas paredes de nuvens brilhantes o envolviam. Uma luz rosada brilhava através da névoa prateada, sobre colunas reluzentes e o teto colorido; ventos suaves e perfumados sussurravam ao redor, e pequenas formas etéreas flutuavam de um lado para o outro.

— Por muito tempo, Pluma de Cardo maravilhou-se com a beleza ao seu redor; então, dirigiu-se aos Espíritos brilhantes, contou sua história e pediu um presente. Mas eles responderam como os Espíritos da Terra:

— Primeiro deveis nos servir e, então, nós, com prazer, vos daremos um manto de luz solar como o nosso.

— E então contaram-lhe como espalhavam sementes de flores sobre a terra, para embelezar e iluminar lugares solitários; como vigiavam as flores durante o dia e espalhavam orvalho à noite, a levar a luz do sol a lugares escuros e ventos suaves para refrescar e alegrar.

— Estas são as coisas que fazemos — disseram eles —, e deveis nos ajudar por um tempo.

— E Pluma de Cardo alegremente acompanhava os belos Espíritos; durante o dia, unia-se à luz do sol e à brisa em seu trabalho silencioso; à noite, com Luz das Estrelas e seus espíritos irmãos, sobrevoava a terra iluminada pela lua, a deixar cair orvalho fresco sobre as flores fechadas e a trazer sonhos felizes aos mortais adormecidos. Muitas boas ações foram realizadas, muitas palavras gentis foram proferidas; e, a cada dia, seu coração se tornava mais leve, e seu poder de dar alegria aos outros, mais forte.

— Por fim, Luz das Estrelas o dispensou do trabalho e alegremente lhe deu o presente que ele havia conquistado. Então, sua segunda tarefa foi concluída, e ele voou alegremente de volta para a terra verdejante e para Lírio-Sino, que jazia em sono profundo.

— O luar prateado brilhava sobre ela quando ele veio lhe entregar o segundo presente; e o Brownie falou com mais gentileza do que antes:

— Mais uma provação, Pluma de Cardo, e ela despertará. Segui em frente com coragem e conquistai vosso último e mais difícil dom.

— Então, com o coração leve, Pluma de Cardo partiu em direção aos riachos e rios, a buscar os Espíritos da Água. Mas procurou em vão; até que, a vagar pela floresta onde os Brownies o fizeram prisioneiro, parou junto ao lago tranquilo.

— Enquanto estava ali parado, ouviu um som de dor e, a olhar para a grama alta ao seu lado, viu a libélula cuja bondade ele outrora retribuíra com dor e tristeza, e que agora jazia a sofrer e sozinha.

— Pluma de Cardo inclinou-se ternamente ao lado dela, a dizer:

— Querida Agita-Asas, não tenhais medo de mim. Terei prazer em aliviar vossa dor, se me permitirdes; sou vosso amigo e anseio por mostrar-vos o quanto lamento por todo o mal que vos fiz, quando fostes tão gentil comigo. Perdoai-me e deixai-me ajudar-vos e confortar-vos.

— Então, ele enfaixou a asa quebrada e falou com tanta ternura que Agita-Asas não duvidou mais dele e voltou a ser sua amiga.

— Dia após dia, Pluma de Cardo velava ao seu lado, a fazer pequenos leitos de musgo fresco para que ela descansasse, a abaná-la enquanto dormia e a cantar doces canções para animá-la quando acordada. E muitas vezes, quando a pobre Agita-Asas ansiava por dançar novamente sobre as ondas azuis, o elfo a carregava nos braços até o lago e, sobre uma folha larga, com uma bandeira verde como vela, eles flutuavam na água tranquila; enquanto os companheiros da libélula voavam ao redor deles, a brincar alegremente.

— Finalmente, a asa quebrada sarou, e Pluma de Cardo disse que precisava procurar os Espíritos da Água novamente.

— Posso dizer-vos onde encontrá-los — disse Agita-Asas. — Deveis seguir aquele pequeno riacho, e ele vos levará ao mar, onde os Espíritos habitam. Eu faria muito mais por vós, querido Pluma de Cardo, mas não posso, pois eles vivem nas profundezas das ondas. Encontrareis algum amigo bondoso para ajudar-vos em vossa jornada; e assim, adeus.

— Pluma de Cardo seguiu o pequeno riacho, enquanto este serpenteava pelos campos e vales, a crescer cada vez mais, até alcançar o mar. Ali, o vento soprava forte, e as grandes ondas rolavam e quebravam aos pés de Pluma de Cardo, enquanto ele permanecia na praia, a observar as ondulações dançarem e brilharem ao sol.

— Como encontrarei os Espíritos neste vasto mar, sem ninguém para ajudar-me ou guiar-me? Contudo, esta é minha última tarefa e, pelo bem de Lírio-Sino, não devo temer nem hesitar agora — disse Pluma de Cardo. Então, ele voou de um lado para o outro sobre o mar, a olhar através das ondas. Logo avistou, bem abaixo, os galhos da árvore de coral.

Pensou ele: — eles deviam estar ali — e, a dobrar as asas, mergulhou no mar profundo e frio. Mas viu apenas monstros assustadores e formas escuras que se aglomeravam ao seu redor; e, a tremer de medo, lutou para voltar à superfície.

As grandes ondas o sacudiram de um lado para o outro, a lançá-lo, ferido e fraco, na praia. Ali ele jazia, a chorar amargamente, até que uma voz ao seu lado disse:

— Pobre pequeno elfo, o que vos aconteceu? Estas ondas bravias não são companheiras de brincadeira adequadas para uma criatura tão delicada como vós. Contai-me a vossa tristeza e eu vos consolarei.

E Pluma de Cardo, a olhar para cima, viu uma ave marinha branca ao seu lado, que tentou animá-lo com palavras amigáveis. Então, ele contou todas as suas andanças e como procurou os Espíritos do Mar.

— Certamente, se a abelha e a flor fazem a sua parte para ajudar-vos, os pássaros também vos ajudarão — disse a ave marinha. — Chamarei meu amigo, o Nautilus, e ele vos levará em segurança ao Palácio de Coral, onde os Espíritos habitam.

Então, a abrir suas grandes asas, ela voou para longe e, logo, Pluma de Cardo viu um pequeno barco a vir, a dançar sobre as ondas e a esperar por ele na costa.

Ele saltou para dentro. Nautilus içou sua pequena vela ao vento, e o barco leve deslizou velozmente sobre o mar azul. Por fim, Pluma de Cardo exclamou:

— Vejo belos arcos lá embaixo; deixai-me ir, é a morada dos Espíritos!

— Não, fechai os olhos e confiai em mim. Eu vos levarei em segurança até o fundo — disse Nautilus.

Então, Pluma de Cardo fechou os olhos e escutou o murmúrio do mar enquanto afundavam lentamente pelas ondas. O som suave o embalou para dormir e, quando acordou, o barco havia desaparecido e ele estava entre os Espíritos da Água, em seu estranho e belo lar.

Arcos imponentes de coral branco como a neve curvavam-se sobre ele, e as paredes de conchas de cores vivas estavam adornadas com lindas flores marinhas; a luz do sol, a brilhar nas ondas, projetava sombras prateadas no chão, onde pedras cintilantes brilhavam na areia. Uma brisa fresca e suave soprava pelas guirlandas ondulantes de musgo marinho brilhante, e o murmúrio distante das ondas a quebrar chegava suavemente ao ar. Logo, tropas de Espíritos graciosos passaram a voar e, quando encontraram o elfo errante, reuniram-se ao seu redor, a trazer conchas de pérolas repletas de pedras preciosas e todos os presentes raros e estranhos que jazem sob o mar.

Mas Pluma de Cardo não desejava nada disso e, quando sua história foi contada, os bondosos Espíritos tiveram pena dele; e a pequena Pérola suspirou, enquanto lhe contava sobre a

longa e cansativa tarefa que ele deveria realizar antes de poder ganhar uma coroa de pérolas brancas como a neve, como as que eles usavam. Mas Pluma de Cardo havia ganhado força e coragem em suas andanças, e não vacilou agora, quando o conduziram a um lugar entre os artesãos de coral e lhe disseram que ele deveria trabalhar ali, até que os galhos frondosos alcançassem a luz e o ar, através das ondas que dançavam acima.

Com a paciente esperança de ainda ser digno de Lírio-Sino, o elfo deixou os espíritos encantadores e seu lar agradável para trabalhar entre os construtores de coral, onde tudo era estranho e sombrio. Trabalhou por muito tempo; mas as ondas continuavam a rolar muito acima deles, e sua tarefa ainda não estava concluída; e muitas lágrimas amargas o pobre Cardo derramou, e ele ansiava tristemente por ar e luz do sol, pelo canto dos pássaros e pelo perfume das flores. Frequentemente, envolto nas vestes mágicas que os Espíritos lhe deram para que pudesse passar ileso entre as criaturas temíveis que ali habitavam, ele emergia à superfície do mar e, a deslizar pelas ondas, contemplava com saudade as colinas, agora azuis e escuras tão distantes, ou observava os bandos de pássaros de verão, a viajar para uma terra mais quente; e eles traziam tristes lembranças de antigas florestas verdes e campos ensolarados para o pequeno elfo solitário a flutuar no grande e selvagem mar.

Dia após dia se passou, e lentamente a tarefa de Pluma de Cardo se aproximava do fim. Os trabalhadores de coral trabalhavam diligentemente, mas ele trabalhava ainda mais; Inseto e Espírito se maravilhavam cada vez mais com a diligência e a paciência do pequeno e silencioso elfo, que tinha uma palavra amigável para todos, embora nunca participasse de suas brincadeiras.

Pluma de Cardo parou por um momento, a contemplar com alegria a beleza que o seu próprio esforço ajudara a criar. Então, aproximou-se da amiguinha adormecida e colocou a coroa de pérolas sobre a sua fronte. No instante em que o terceiro presente a tocou, um tremor de vida percorreu o seu pequeno corpo; as pálpebras cerradas estremeceram, e Lírio-Sino abriu os olhos, a sorrir para o amigo que tanto sofrera por sua causa.

O Brownie e as outras criaturas da floresta, que a vigiavam de longe, aproximaram-se a celebrar o despertar da pequena fada; e, naquele lugar antes tão sombrio, todos se uniram em uma dança de alegria, pois sabiam que a bondade e a paciência de Pluma de Cardo haviam, por fim, vencido a tristeza e o sono profundo.

— Ó Lírio-Sino, querida Lírio-Sino, acordai! Fui fiel a vós, e agora minha missão está cumprida.

Então, com um sorriso, Lírio-Sino acordou e contemplou com olhos maravilhados a beleza que surgira ao seu redor.

— Querido Pluma de Cardo, o que significam essas coisas belas, e por que estamos neste lugar encantador?

— Escutai, Lírio-Sino — disse o Rei dos Brownies, a aparecer ao lado dela.

E então, ele contou tudo o que Pluma de Cardo havia feito para demonstrar seu amor por ela; como ele havia vagado por terras distantes a buscar os dons das fadas e trabalhado arduamente para conquistá-los; como ele havia sido amoroso, verdadeiro e terno, mesmo a estar mais sozinho e abandonado.

— Pássaros, abelhas e flores o perdoaram, e ninguém é mais amado e confiável agora por todos do que o outrora cruel Cardo — disse o Rei, enquanto se inclinava diante do feliz elfo, que se curvou profundamente diante dele.

— Aprendestes a beleza de um coração gentil e bondoso, querido Pluma de Cardo; e agora sois digno de tornar-vos amigo daquela por quem tanto fizestes. Colocai a coroa em sua cabeça, pois ela é agora a Rainha de todas as fadas da floresta.

E enquanto a coroa brilhava na cabeça que Lírio-Sino inclinou sobre o peito de Pluma de Cardo, a floresta pareceu ganhar vida com pequenas formas que brotavam das flores e folhas e se reuniam ao seu redor, a trazer presentes para sua nova rainha.

— Se eu sou a Rainha, então vós sois o Rei, meu querido Cardo — disse a fada. — Aceitai a coroa, e eu vos darei uma grinalda de flores. Trabalhastes e sofrestes por minha causa, e somente vós deveis governar esses pequenos elfos cujo amor conquistastes.

— Guardai vossa coroa, Lírio-Sino, pois ali vêm os Espíritos com seus presentes para Pluma de Cardo — disse o Brownie.

E, enquanto apontava com sua varinha, de entre as raízes musgosas de uma velha árvore surgiram os Espíritos da Terra, com seus sinos de flores a tilintar suavemente enquanto se aproximavam, e suas vestes de joias a brilhar ao sol. Os Espíritos se dirigiram para onde Pluma de Cardo estava sob a sombra das flores, com Lírio-Sino ao seu lado; e então surgiu a pequena Fagulha, a acenar com uma flor dourada, cuja música prateada preencheu o ar.

— Querido Pluma de Cardo — disse o Espírito brilhante —, o que tanto vos esforçastes para conquistar para outrem, permiti-nos oferecer agora como um sinal do nosso amor por vós.

Assim que ela parou, grupos flutuantes de belos Espíritos do Ar desceram pelo ar, a trazer consigo um manto brilhante, e eles também expressaram seu amor pelo gentil elfo que havia habitado com eles.

Então, suavemente, na brisa, veio uma música distante, a aproximar-se cada vez mais, até que, sobre as ondas ondulantes, surgiram os Espíritos da Água a cantar, em seus barcos de conchas multicoloridas; e, ao colocarem sua coroa brilhante na cabeça de Pluma de Cardo, as flores ressoaram alto e os pássaros cantaram alegremente, enquanto todas as fadas da floresta exclamavam, com vozes prateadas:

— Lírio-Sino e Pluma de Cardo! Vida longa ao nosso Rei e Rainha!

— Vós também tendes uma história para nos contar, querida Olho-de-Violeta? — disse a Rainha, assim que Zéfiro parou de cantar.

A pequena elfa, com esse nome, olhou de entre as folhas floridas onde estava sentada e, com um sorriso, respondeu:

— Enquanto eu tecia guirlandas no campo, ouvi uma prímula contar esta história para sua amiga Vara-de-Ouro...

Pequeno Botão

Em uma grande floresta, no alto entre os galhos verdes, viviam o Pássaro Peito-Marrom e sua companheira de olhos brilhantes. Eles eram muito felizes; seu ninho estava pronto, os quatro ovos azuis repousavam no ninho macio, e a pequena companheira os chocava pacientemente, enquanto o marido cantava, contava-lhe histórias encantadoras e lhe trazia frutinhas doces e minhocas.

Tudo corria bem, até que um dia ela encontrou no ninho um pequeno ovo branco com uma faixa dourada ao redor.

— Minha amiga — exclamou ela —, vinde ver! De onde pode ter vindo este belo ovo? Meus quatro ovos estão aqui, e este também; o que vós achais?

O marido balançou a cabeça gravemente e disse:

— Não vos assusteis, meu amor; sem dúvida foi alguma fada madrinha que nos deu isto, e encontraremos algum presente dentro; não o toqueis, mas sentai-vos com cuidado sobre ele, e veremos com o tempo o que nos foi enviado.

Então, não disseram nada a respeito e, logo, sua casa tinha quatro passarinhos a piar; e então o ovo branco se abriu e, eis que uma menininha cantava lá dentro. Como ficaram maravilhados, e como a acolheram, enquanto ela permanecia quentinha sob a asa da mãe, e como os passarinhos a amavam!

Havia grande alegria na floresta, e os pais estavam orgulhosos de sua família, e ainda mais da pequena que chegara; enquanto todos os vizinhos acorreram para ver a filhinha da Dona Peito-Marrom. E a pequena menina conversava com eles e cantava tão alegremente que eles poderiam ouvi-la para sempre. Logo, ela se tornou a alegria de toda a floresta, a dançar de árvore em árvore, a fazer de cada ninho seu lar, e nenhum era tão bem-vindo quanto a pequena Pequeno Botão; e assim viveram felizes na velha e verde floresta.

O pai agora tinha muito trabalho para alimentar sua família, e petiscos deliciosos ele trazia para a pequena Pequeno Botão. Os frutos silvestres eram seu alimento, o orvalho fresco nas flores sua bebida, enquanto as folhas verdes serviam de vestimentas; e assim ela encontrou roupas nas flores do campo e um lar feliz com a Mãe Peito-Marrom; e todos na floresta, das árvores majestosas aos pequenos musgos na relva, eram amigos da alegre criança.

E todos os dias ela ensinava aos passarinhos canções doces e, enquanto sua música alegre ecoava pela velha floresta, os pinheiros escuros e austeros cessavam seu aceno solene para que pudessem ouvir os sons suaves que se esgueiravam pelas trilhas escuras da mata; e crianças mortais vinham escutar, a dizer baixinho:

— Ouçam as flores a cantar, e não as toquem, pois as fadas estão aqui.

Então, veio um grupo de pequenos elfos tristes até Pequeno Botão, a rogar para que pudessem ouvir a doce música; e quando ela os pegou pela mão e falou gentilmente com eles, eles choraram e disseram tristemente, quando ela lhes perguntou de onde vinham:

— Outrora, vivíamos no Reino das Fadas, e como éramos felizes! Mas, infelizmente, não éramos dignos de um lar tão belo e fomos lançados ao mundo frio. Vejam nossas vestes, parecem folhas secas; nossas asas estão desbotadas, nossas coroas desapareceram, e levamos vidas tristes e solitárias nesta floresta escura. Deixai-nos ficar convosco; vossa música alegre soa como canções de fadas, e vós sois tão amável e nos falais com tanta gentileza. É bom estar perto de alguém tão adorável e bondosa; e vós podeis dizer-nos como podemos tornar-nos belos e inocentes novamente. Dizei-nos que podemos ficar convosco, bondosa donzela.

E Pequeno Botão disse: “Sim”, e eles ficaram; mas seu bondoso coraçãozinho se entristecia ao vê-los a chorar tão tristemente, e nada do que ela dizia conseguia alegrá-los; até que, finalmente, ela disse:

— Não choreis, e eu irei até a Rainha Gota de Orvalho e implorarei que ela vos deixe voltar. Direi a ela que estais arrependidos e que fareis qualquer coisa para reconquistar seu amor; que estais tristes e ansiais por perdão. Direi isso e muito mais, e confio que ela atenderá à minha prece.

— Ela não vos dirá não, querido Pequeno Botão — disseram as pobres fadas —; ela vos amará como nós e, se pudermos voltar ao nosso lar perdido, não teremos palavras para vos agradecer o suficiente. Ide, Pequeno Botão, e se houver poder nos presentes das fadas, sereis tão feliz quanto o amor de nossos corações puder vos proporcionar.

A notícia da partida de Pequeno Botão espalhou-se pela floresta, e todos os seus amigos vieram a despedir-se, pois com o sol da manhã ela partiria; e cada um trouxe um pequeno presente, pois a terra das fadas era distante, e ela teria uma longa jornada pela frente.

— Não, vós não ireis por conta própria, minha filha — disse a Mãe Peito-Marrom —; vosso amigo Asa-Dourada a carregará. Chamai-o aqui para que eu possa acomodar-vos corretamente, pois se cairdes, meu coração se partirá.

Então chegou Asa-Dourada, e Pequeno Botão estava sentada em segurança na almofada de folhas violetas; e era realmente encantador ver seu rostinho alegre, a espiar por baixo da aba larga de seu chapéu de prímula, enquanto sua borboleta, como montaria, agitava suas asas brilhantes à luz do sol. Depois veio a abelha com seus sacos de mel amarelos, que ela implorou que a pequena levasse, e a pequena aranha marrom que vivia sob as grandes folhas trouxe um véu para o chapéu dela e a suplicou que o usasse, para que o sol não brilhasse muito forte; enquanto a formiga chegou a trazer um pequeno morango, para que ela não sentisse falta de sua fruta favorita. A mãe lhe deu bons conselhos, e o pai ficou com a cabeça inclinada para o lado, e seus olhos redondos a brilhar de alegria, ao pensar que sua pequena Pequeno Botão estava a ir para a Terra das Fadas.

Então, todos cantaram alegremente juntos, até que ela desapareceu de vista por trás das colinas e eles não a viram mais.

E então Pequeno Botão deixou a velha floresta para trás. Asa-Dourada a carregou rapidamente, e ela contemplou as montanhas verdes e as cabanas dos camponeses, que se erguiam entre as árvores frondosas; e a terra parecia brilhante, com seus amplos rios azuis a serpentear por prados macios, os pássaros a cantar e as flores, que mantinham seus olhos brilhantes sempre voltados para o céu.

E ela cantava alegremente enquanto flutuavam no ar límpido, enquanto seu amigo marcava o ritmo com suas asas ondulantes e, à medida que avançavam, tudo se tornava mais belo; e assim chegaram à Terra das Fadas.

Ao passar pelos portões, Pequeno Botão já não se surpreendia com o choro e a tristeza das fadas exiladas pela perda de seu amado lar. Nuvens brilhantes flutuavam no céu ensolarado, a lançar um arco-íris de luz sobre os palácios das fadas abaixo, onde os elfos dançavam; enquanto o canto suave e delicado das flores ecoava pelo ar perfumado, a misturar-se à música das ondas ondulantes que corriam sob as trepadeiras floridas que se inclinavam sobre elas.

Tudo era brilhante e belo; mas a bondosa pequena Pequeno Botão não quis se demorar, pois as figuras das fadas chorosas estavam diante dela; e embora as flores balançassem alegremente em seus caules para recebê-la, e os ventos suaves beijassem sua face, ela não se deteve, mas seguiu para o Palácio das Flores, para um agradável salão cujas paredes eram formadas por rosas carmesim, em meio às cujas folhas sentavam-se pequenos elfos, a tocar doce música em suas harpas. Quando viram Pequeno Botão, reuniram-se ao seu redor e a conduziram através dos arcos adornados de flores até um grupo das mais belas fadas, que estavam reunidas em torno de um majestoso lírio, em cuja taça perfumada estava sentada uma cujo manto púrpura e coroa brilhante indicavam que ela era sua Rainha.

Pequeno Botão ajoelhou-se diante dela e, enquanto lágrimas escorriam por seu rostinho, contou-lhe sua missão e implorou fervorosamente que as fadas exiladas fossem perdoadas e não ficassem a definhar longe de seus amigos e parentes. E enquanto ela orava, muitos choravam com ela; e quando ela parou e esperou por sua resposta, muitos se ajoelharam ao seu lado, a pedir perdão para os infelizes elfos.

Com os olhos marejados, a Rainha Gota de Orvalho respondeu:

— Pequena donzela, vossa oração amoleceu meu coração. Elas não serão deixadas tristes e sozinhas, nem vós voltareis sem uma palavra gentil para animá-las e confortá-las. Perdoaremos suas faltas e, quando puderem trazer uma coroa, um manto e uma varinha de fada perfeitos, serão novamente recebidas como filhas de sua amada Rainha. A tarefa é árdua, pois somente as melhores e mais puras podem confeccionar as vestes de fada; contudo, com paciência, elas ainda poderão restaurar o brilho de suas vestes. Adeus, boa pequena donzela; vinde com elas, pois, não fosse por vós, elas teriam vivido para sempre fora dos muros do Reino das Fadas.

— Que vós tenhais boa viagem e adeus — gritaram todos, enquanto, com mensagens carinhosas para suas pobres amigas, a carregavam até os portões.

Dia após dia, a pequena Pequeno Botão trabalhava arduamente, a animar as fadas que, zangadas e desapontadas, não davam ouvidos às suas palavras gentis, mas se afastavam e sentavam-se sozinhas, a chorar. Elas entristeceram seu coração bondoso com muitas palavras cruéis; mas ela as suportou pacientemente e, quando lhe disseram que jamais conseguiriam realizar uma tarefa tão árdua e que deveriam viver para sempre na floresta escura, ela respondeu gentilmente que o lírio branco como a neve precisava ser plantado e regado com lágrimas de arrependimento antes que o manto da inocência pudesse ser conquistado; que o sol do amor precisava brilhar em seus corações antes que a luz pudesse retornar às suas coroas apagadas; e que atos de bondade precisavam ser praticados antes que o poder retornasse às suas varinhas agora inúteis.

Então, plantaram os lírios; mas logo murcharam e morreram, e nenhuma luz iluminou suas coroas. Não praticaram nenhuma gentileza, a preocupar-se apenas consigo mesmas; e quando perceberam que seu trabalho fora em vão, desistiram e ficaram sentadas, a chorar. Pequeno Botão, com trabalho incessante e cuidado paciente, cuidou dos lírios, que floresceram intensamente; as coroas se tornaram brilhantes e, em suas mãos, as varinhas tinham poder sobre pássaros e flores, pois ela se esforçava para dar felicidade aos outros, a esquecer-se de si mesma. E as fadas ociosas, com palavras de agradecimento, tomaram as vestes dela e, então, com Pequeno Botão, partiram para a Terra das Fadas, e ficaram com o coração a palpitar diante dos portões, onde multidões de amigas fadas vieram a recebê-las.

Mas quando a Rainha Gota de Orvalho os tocou com sua varinha, enquanto passavam, a luz de suas coroas se apagou, suas vestes ficaram como folhas secas e suas varinhas perderam o poder.

Em meio às lágrimas de todas as fadas, a Rainha as conduziu até os portões e disse:

— Adeus! Não está em meu poder ajudar-vos; a inocência e o amor não existem em vossos corações e, se não fosse por esta incansável jovem, que trabalhou enquanto vós choráveis, jamais teríeis retornado ao lar perdido. Ide e lutai novamente, pois enquanto tudo não for mais belo e puro, não poderei chamar-vos de meus.

— Adeus! — cantaram as fadas chorosas, enquanto os portões se fechavam para seus amigos rejeitados; que, humilhados e de coração partido, se reuniram em volta de Pequeno Botão; e ela, com palavras de encorajamento, os guiou de volta para a floresta.

O tempo passou, e as fadas não fizeram nada para recuperar seu amado lar. Elas não choravam mais, mas observavam a pequena Pequeno Botão, enquanto ela cuidava diariamente das flores, a restaurar sua força e beleza, ou com palavras gentis voava de ninho em ninho, a ensinar os passarinhos a viverem felizes juntos; e por onde passava, bênçãos caíam, e corações amorosos se enchiam de gratidão.

Então, um a um, os elfos secretamente praticaram pequenos atos de bondade e encontraram uma alegria silenciosa em troca. As flores olhavam para eles com carinho enquanto passavam, os pássaros cantavam para animá-los quando pensamentos tristes os faziam chorar. E logo a pequena Pequeno Botão descobriu seus atos gentis, e suas palavras amigáveis lhes deram novas forças. Assim, dia após dia, eles a seguiram e, como um bando de espíritos guardiões, voaram para longe, a levar consigo alegria e paz.

E não apenas pássaros e flores os abençoavam, mas também os seres humanos; pois com mãos ternas guiavam as criancinhas para longe do perigo e mantinham seus jovens corações livres de maus pensamentos; sussurravam palavras reconfortantes aos enfermos e levavam aromas doces e belas flores aos seus aposentos solitários. Enviavam belas visões aos idosos e cegos, para rejuvenescer e iluminar seus corações com pensamentos felizes.

Mas com a maior ternura velavam pelos pobres e aflitos, e muitas mães pobres abençoavam as mãos invisíveis que preparavam comida para seus filhos famintos e envolviam seus membros nus em roupas quentes. Muitos homens pobres se maravilhavam com as belas flores que brotavam em seus pequenos jardins, a alegrá-los com suas formas vibrantes e a embelezar seus lares sombrios com sua beleza, e contemplavam seus campos antes áridos, onde agora ondulavam as espigas douradas, a virar suas largas folhas para o sol quente e a prometer-lhes uma fartura de grãos para alimentar-se; enquanto seus rostos abatidos se iluminavam e seus corações aflitos se enchiam de gratidão para com os espíritos invisíveis que lhes haviam trazido tanta alegria.

Assim, o tempo passou e, embora as fadas exiladas sentissem muita falta de casa, a saber que não a mereciam, continuavam a trabalhar arduamente, na esperança de um dia rever os amigos que haviam perdido; enquanto a alegria em seus próprios corações enchia suas vidas de felicidade.

Certo dia, a pequena Pequeno Botão apareceu para eles e disse:

— Escutai, queridos amigos. Tenho uma tarefa difícil para vós. É um grande sacrifício para vós, fadas amantes da luz, passar o longo inverno na terra escura e fria, a vigiar as raízes das flores, para mantê-las livres das pequenas larvas e vermes que procuram prejudicá-las. Mas na ensolarada primavera, quando elas florescerem novamente, seu amor e gratidão vos darão lares felizes entre suas folhas brilhantes.

— É uma tarefa árdua, e não posso recompensar-vos por todo o vosso cuidado, a não ser pelas bênçãos das delicadas flores que tereis salvo da morte. De bom grado vos ajudaria; mas meus amigos alados estão a preparar-se para sua jornada rumo a terras mais quentes, e eu preciso ajudá-los a ensinar seus filhotes a voar e a garantir que cheguem em segurança. Depois, durante o inverno, devo procurar as moradas dos pobres e sofredores, confortar os doentes e solitários e dar esperança e coragem àqueles que, em sua pobreza, se perdem. Essas coisas devo fazer; mas quando as flores desabrocharem novamente, estarei convosco para dar as boas-vindas aos nossos amigos vindos de além-mar.

Então, com lágrimas nos olhos, as fadas responderam:

— Ah, nosso querido Pequeno Botão, vós assumistes a tarefa mais difícil, e quem poderá recompensar-vos por todos os vossos atos de ternura e misericórdia neste vasto mundo? Se algum mal vos acontecesse, nossos corações se partiriam. Trabalharemos com confiança na terra, e os pensamentos em vós nos confortarão; pois sem vós seríamos seres inúteis e jamais conheceríamos a alegria que as boas ações trazem. Sim, querido Pequeno Botão, trabalharemos com alegria entre as raízes, para que as belas flores possam exibir suas vestes mais vistosas para vos receber.

Então, nas profundezas da terra, as fadas habitavam, e nenhuma geada ou neve podia prejudicar as flores que cultivavam. Cada pequena semente era depositada na terra macia, regada e vigiada. Raízes tenras eram envoltas em folhas secas, para que nenhuma gota gelada as atingisse; e as flores sonhavam em segurança, até que os ventos de verão as fizessem desabrochar; enquanto o coração de cada fada se tornava mais leve, à medida que cada ato gentil era realizado com ternura.

Por fim, a neve derreteu e eles ouviram vozes suaves a chamá-los para subir; mas, pacientemente, trabalharam até que as sementes e as raízes estivessem verdes e fortes. Então, com passos ágeis, apressaram-se para a terra, onde, sobre colinas e vales, flores brilhantes e árvores em botão sorriam sob a luz quente do sol; as pétalas se curvavam amorosamente diante deles e tocavam seus sinos coloridos, até que o ar perfumado se encheu de música; enquanto as majestosas árvores agitavam seus grandes galhos acima deles e espalhavam folhas macias a seus pés.

Então vieram os pássaros alegres, a animar a floresta com suas vozes festivas, a chamar uns aos outros enquanto voavam entre as trepadeiras, a construir suas casinhas. Os elfos esperaram muito e, finalmente, ela chegou com o Pai Peito-Marrom. Dias felizes se passaram; e as flores de verão estavam em seu auge de beleza, quando Pequeno Botão convidou as fadas a virem com ela.

Montados em borboletas de asas brilhantes, eles voaram sobre a floresta e o prado, até que com olhos alegres avistaram as paredes floridas do Reino das Fadas.

Pararam diante dos portões e, logo, tropas de elfos amorosos saíram ao seu encontro. E seguiram pelos jardins ensolarados até o Salão dos Lírios, onde, entre os estames dourados de uma graciosa flor, estava sentada a Rainha; enquanto nas amplas folhas verdes ao redor, repousavam as pequenas damas de honra de olhos brilhantes.

Então, em meio ao profundo silêncio, a pequena Pequeno Botão, a guiar as fadas até o trono, disse:

— Querida Rainha, trago de volta vossos súditos, mais sábios por sua tristeza, mais fortes por sua dura provação; e agora qualquer soberana poderia orgulhar-se deles e curvar-se para aprender com eles que dar alegria e paz aos outros nos traz alegria quadruplicada, a gerar uma felicidade dupla nas bênçãos àqueles que ajudamos. Durante os meses sombrios, quando poderiam ter habitado entre as belas flores do Sul, sob um céu sorridente, eles labutaram na terra escura e silenciosa, a preencher os corações dos gentis Espíritos das Flores com amor grato, sem buscar recompensa alguma além do conhecimento de suas próprias boas ações e da alegria que estas sempre trazem. Isso eles fizeram sem reclamar e sozinhos; e agora, por toda parte, bênçãos florais

caem sobre eles, e os ventos de verão trazem as boas novas àqueles que se abatem na tristeza; e nova alegria e força isso traz, enquanto anseiam pelos amigos cujo cuidado gentil trouxe tanta felicidade aos seus queridos parentes.

— Não são eles dignos de vosso amor, querida Rainha? Não conquistaram eles o seu amado lar? Dizei que estão perdoados, e tereis conquistado o amor de corações puros como as vestes brancas como a neve que agora os cobrem.

Assim que Pequeno Botão parou, a Rainha tocou as fadas maravilhadas com sua varinha, e as vestes escuras e desbotadas caíram; e por baixo, os mantos de folhas de lírio brilhavam puros e imaculados à luz do sol. Então, enquanto lágrimas de alegria rolavam, a Rainha Gota de Orvalho colocou as coroas brilhantes nas cabeças curvadas das fadas ajoelhadas e depositou diante delas as varinhas que suas próprias boas ações haviam tornado poderosas.

Eles se voltaram para agradecer à pequena Pequeno Botão por todo o seu amor paciente, mas ela havia partido; e lá no alto, no ar límpido, viram a pequena figura a retornar à floresta tranquila.

Ela não precisava de recompensa além da alegria que havia proporcionado. Os corações das fadas estavam puros novamente, e seu trabalho estava feito; contudo, toda a Terra das Fadas havia aprendido uma lição com a gentil Pequeno Botão.

— Então, pequeno Raio de Sol, o que tendes para nos contar? — disse a Rainha, a olhar para um elfo de olhos brilhantes, que estava meio escondido no musgo profundo a seus pés.

— Eu também, como a Estrela Cintilante, não tenho nada além de uma canção para oferecer — respondeu a fada; e então, enquanto a doce voz do rouxinol se misturava à sua, ela pôs-se a cantar.

Flor de Trevo

Num prado tranquilo e agradável,
sob um céu de verão,
onde as velhas árvores verdes balançavam seus galhos
e o vento a cantar;

Onde um pequeno riacho a murmurar
suavemente,
e nuvens passageiras a projetar sombras
na grama ondulante abaixo;

Onde o canto suave e delicado de pássaros
se espalhava pelo ar perfumado,
e a luz dourada do sol brilhava sem ofuscamento
sobre tudo o que era mais fresco e belo;

Ali florescia uma linda irmandade
de pequenas flores felizes,
juntas neste lar agradável,
durante as tranquilas horas de verão.

Nenhuma mão rude as colhia,
nenhum vento gélido as destruía;
raios de sol quentes sorriam para elas durante o dia
e o orvalho suave a cair à noite.

Assim, ali, à beira do riacho,
sob as velhas árvores verdes,
as flores viviam entre suas amigas,
os raios de sol e a brisa.

Certa manhã, quando as flores despertaram,
perfumadas, frescas e belas,
um pequeno verme rastejou por perto
e implorou por abrigo.

— Ah! Tende piedade de mim — suspirou o verme —
sou solitário, pobre e fraco;
um pequeno lugar para descansar,
queridas flores, é tudo o que busco.

— Não sou belo e vivi sem o amor

de borboletas, pássaros e abelhas.
Mal sabiam eles que nesta forma escura
residia a beleza que ainda poderiam ver.

— Então, deixai-me repousar no musgo verde profundo,
a tecer meu pequeno túmulo
e dormir meu longo sono ininterrupto
até que as primeiras flores da primavera cheguem.

— Então, voltarei com vestes mais belas
e retribuirei vosso cuidado gentil
com o amor agradecido do humilde verme;
gentis flores, oh, deixai-me ficar!

Mas a rosa selvagem mostrou seus pequenos espinhos,
enquanto seu rosto suave brilhava de orgulho;
a violeta se escondeu sob as samambaias caídas,
e a margarida se desviou.

A pequena Houstonia riu com desdém,
enquanto a dançar em seu caule esguio;
enquanto a prímula se curvava às ondas ondulantes
e a sussurrar a história para elas.

Uma grama de olhos azuis olhou para o verme,
enquanto ele silenciosamente se afastava,
e gritou: — Tu prejudicarás nossas delicadas folhas,
e por isso não podes ficar.

Então, uma voz doce e suave chamou de longe:
— Vem cá, pobre verme, para mim;
o sol repousa quente neste lugar tranquilo,
e eu compartilharei minha casa contigo.

As flores maravilhadas olharam para cima para ver
quem havia oferecido um lar ao verme:
era uma Flor de Trevo, cujas folhas esvoaçantes
pareciam a acenar para que ele viesse;

Ela habitava um pequeno recanto ensolarado,
onde ventos frescos a sussurrar,
e abelhas e borboletas murmurantes vinham
a pousar no peito da flor.

Através das folhas, a luz do sol se esgueirava
e parecia a demorar-se ali,
como se gostasse de iluminar o lar
de alguém tão doce e belo.

Seu rosto rosado sorriu gentilmente para baixo,
enquanto o verme solitário se aproximava;
e sua voz baixa, a sussurrar suavemente, disse:
— Pobre criatura, tu és bem-vinda aqui;

— Bem ao meu lado, no musgo verde e macio,
encontrarás um leito tranquilo,
onde poderás dormir suavemente até a primavera,
com minhas folhas estendidas sobre ti.

— Eu tenho pena e amo-te, verme solitário,
embora não sejas gracioso ou belo;
pois muitas formas escuras e sem beleza
abrigam corações bondosos;

— Não mais vagarás pela terra verde e agradável,
solitário e pobre,
pois em mim encontraste um amigo amoroso;
repousa, pois, em meu pequeno lar.

Então, no fundo de seu tranquilo leito de musgo,
protegido do sol e da chuva,
o verme agradecido teceu seu túmulo de inverno,
à sombra da flor.

E o trevo guardou bem seu repouso,
até que as folhas do outono secaram,
até que todas as suas irmãs flores se foram,
e seu sono de inverno se aproximou.

Então suas folhas murchas foram suavemente espalhadas
sobre o verme adormecido abaixo,
antes que a fiel florzinha repousasse
sob a neve de inverno.

A primavera chegou novamente, e as flores brotaram
de seus tranquilos túmulos de inverno,
e alegremente a dançar em seus caules delgados,
e a cantar com as ondas ondulantes.

Suavemente, os ventos quentes beijaram suas faces;
brilhantemente, os raios de sol caíram,
enquanto, uma a uma, elas retornavam
para seus lares de verão.

E o pequeno Trevo floresceu mais uma vez,
rosado, doce e belo,
e pacientemente vigiava junto ao leito de musgo,
pois o verme ainda dormia ali.

Então, suas irmãs flores gritaram com desdém,
enquanto a ondular no ar de verão:
— O verme feio era desamparado e pobre;
pequeno Trevo, por que te importas?

— Então não vigies mais, nem fiques sozinha,
longe de tuas irmãs flores;
vem, dança e festeja, e passa conosco
estas agradáveis horas de verão.

— Temos pena de ti, tola florzinha,
por acreditares no que o falso verme disse;
ele não virá com uma vestimenta mais bela,
pois jaz morto no musgo verde.

Mas o pequeno Trevo continuou a vigiar,
sozinho em seu lar ensolarado;
ela não duvidou da sinceridade do pobre verme
e confiou que ele viria.

Finalmente, a pequena cela se abriu de par em par,
e uma borboleta cintilante,
a sair do musgo, em asas douradas,
alçou voo para o céu ensolarado.

Então, as flores maravilhadas exclamaram:
— Trevo, tua vigília foi em vão;
ele apenas buscou abrigo aqui
e jamais retornará.

E as flores cruéis dançaram de alegria
ao vê-lo partir;
pois o amor por uma bela borboleta
é precioso para o coração de uma flor.

Temiam que ele permanecesse na casa de Trevo
e retribuísse seu terno cuidado;
então, dançaram de alegria quando, enfim, ele alçou voo
e silenciosamente partiu.

Então, a pequena Trevo curvou a cabeça,
enquanto suas lágrimas suaves a cair como orvalho;
pois seu coração gentil se entristeceu ao descobrir
que as palavras de suas irmãs eram verdadeiras,

E o inseto que ela observara por tanto tempo,
indefeso, pobre e solitário,
ingrato por todo o seu cuidado fiel,
voara em suas asas douradas.

Mas enquanto se curvava em silenciosa tristeza,
ouviu a pequena Margarida clamar:
— Ó irmãs, olhai! Eu o vejo agora,
ao longe no céu ensolarado;

— Ele está a voltar da Terra das Nuvens,
levado pelo ar perfumado;
vede como ele desce em direção à terra,
nunca borboleta alguma foi tão bela!

— Abri bem vossas folhas, para que ele possa escolher
a flor que achar mais bela.
Então a rosa selvagem brilhou com um rubor mais intenso,
enquanto a acenar orgulhosamente em seu caule;

A prímula curvou-se para as ondas azuis e claras,
e fez delas seu espelho.
A pequena Houstonia dançou alegremente
e abriu bem suas folhas brancas;

Enquanto Margarida a sussurrar sua alegria e esperança,
ao lado de suas amigas alegres.
Violeta espiou por entre as altas samambaias verdes
e ergueu seu suave olho azul,

Para observar a forma brilhante que reluzia
ao longe no céu de verão.
Elas não pensaram mais no verme feio
que outrora despertara seu desprezo;

Mas agora olhavam e ansiavam pela borboleta,
enquanto o vento suave a carregar.

A forma brilhante se aproximava cada vez mais,
e as flores se tornavam mais belas;
cada uma o acolhia com seus tons mais doces;
cada uma oferecia seu mel e orvalho.

Mas em vão a acenar, a sorrir e a chamar,
e a desabotoar ainda mais suas pétalas;
a forma cintilante continuava a flutuar,
a passar por Violeta, Margarida e Rosa.

Voou levemente para o lar agradável
da flor mais verdadeiramente bela,
pousou suavemente no peito do Trevo
e ali dobrou suas asas brilhantes.

— Querida flor — sussurrou a borboleta —
por tanto tempo me esperaste;
agora cheguei, e meu amor grato
iluminará teu lar.

— Tu me amaste e cuidaste de mim quando estava sozinha,
velaste por mim por muito tempo e com carinho;
e agora me esforçarei para demonstrar a gratidão
que o pobre verme não pôde expressar.

— Raios de sol e brisa chegarão até ti,
e o orvalho mais fresco a cair;
tudo o que uma flor pode desejar é teu,
pois tu és merecedora de tudo.

— E o lar que compartilhaste com o verme solitário
será o lar da borboleta;
e encontrarás, querida e fiel flor,
uma amiga amorosa em mim.

Então, através das longas e brilhantes horas de verão,
sob o sol e sob a chuva,
juntas em seu lar feliz,
viveram a borboleta e a flor.

— Ah, isso é muito lindo! — exclamaram os elfos, a reunir-se em volta da pequena Raio de Sol quando ela parou de cantar, para colocar uma guirlanda em seus cabelos e elogiar sua canção.

— Agora — disse a Rainha —, chame-nos Luar e Vento de Verão, pois eles viram muitas coisas agradáveis em suas longas andanças e terão prazer em nos contá-las.

— Faremos o nosso melhor com a maior alegria, querida Rainha — disseram os elfos, enquanto a dobrar suas asas ao lado dela.

— Agora, Vento de Verão — disse Luar —, até que chegue a tua vez, sente-se aqui e abana-me enquanto eu conto esta história de…

O Sonho da Pequena Annie ou a Flor das Fadas

Num jardim grande e agradável, a pequena Annie estava sentada sozinha, e parecia muito triste, pois gotas que não eram orvalho a cair rapidamente sobre as flores ao seu redor; estas a olhavam com espanto e se inclinavam ainda mais para perto, como se desejassem animá-la e confortá-la. O vento quente levantava seus cabelos brilhantes e beijava suavemente sua face, enquanto os raios de sol, a olhar com muita ternura para seu rosto, desenhavam pequenos arco-íris em suas lágrimas e a envolviam com carinho. Mas Annie não dava atenção ao sol, ao vento ou às flores; as lágrimas brilhantes continuavam a cair, e ela se esquecia de tudo, exceto de sua tristeza.

— Pequena Annie, dize-me por que choras — disse uma voz baixa em seu ouvido; e, a olhar para cima, a criança viu uma pequena figura em pé sobre uma folha de videira ao seu lado; um rosto adorável sorria para ela, em meio a mechas de cabelo brilhantes, e asas reluzentes estavam a dobrar-se sob— Quem és tu, coisinha adorável? — exclamou Annie, a sorrir em meio às lágrimas.

— Sou uma fada, minha pequena, e vim para te ajudar e te consolar; agora dize-me por que choras, e deixa-me ser tua amiga — respondeu o espírito, enquanto a sorrir ainda mais gentilmente para o rosto perplexo de Annie.

— Então és mesmo um pequeno elfo, como aqueles de que eu lia nos meus livros de contos de fadas? Tu cavalgas borboletas, dormes em taças de flores e vives entre as nuvens?

— Sim, faço todas essas coisas, e muitas outras ainda mais estranhas, que teus livros de contos de fadas jamais poderão contar; mas agora, querida Annie — disse a Fada, a inclinar-se para mais perto —, dize-me por que não encontrei sol em teu rosto; por que essas grandes gotas brilham nas flores, e por que ficas sentada sozinha quando o pássaro e a abelha estão a chamar-te para brincar?re uma túnica branca e brilhante, que esvoaçava ao vento.

— Ah, vós não ireis mais amar-me se eu contar tudo — disse Annie, enquanto as lágrimas a cair novamente; — Eu não sou feliz, porque não sou boa; como vou aprender a ser uma criança paciente e gentil? Boa Fada, podes ensinar-me?

— Com prazer te ajudarei, Annie, e se realmente desejas ser uma criança feliz, primeiro deves aprender a vencer muitas paixões que agora acalentas e fazer do teu coração um lar para sentimentos gentis e pensamentos felizes; a tarefa é difícil, mas darei esta flor mágica para te ajudar e aconselhar. Inclina-te para cá, para que eu a coloque no teu peito; nenhuma mão poderá tirá-la daqui até que eu desfaça o feitiço que a mantém ali.

Enquanto falava, a Elfa tirou de seu peito uma graciosa flor, cujas pétalas brancas como a neve brilhavam com uma estranha e suave luz.

— Esta é uma flor mágica — disse a Elfa —, invisível a todos os olhos, exceto aos teus; agora ouve enquanto te conto o seu poder, Annie. Quando teu coração estiver cheio de pensamentos

amorosos,quando alguma boa ação for feita, algum dever bem cumprido, então da flor surgirá a fragrância mais doce e suave, para recompensar-te e alegrar-te.

— Mas quando uma palavra maldosa estiver em teus lábios, quando um sentimento egoísta e raivoso surgir em teu coração, ou quando uma ação cruel e maldosa estiver prestes a ser feita, então ouvirás o suave e baixo toque do sino da flor; ouve seu aviso, deixa que a palavra não seja dita, a ação não seja feita, e na alegria tranquila do teu próprio coração, e no perfume mágico da flor em teu peito, encontrarás uma doce recompensa.

— Ó fada bondosa e generosa, como poderei agradecer-te por este lindo presente! — exclamou Annie. — Serei fiel e ouvirei meu sininho sempre que ele tocar. Mas nunca mais te verei? Ah! Se ao menos ficasses comigo, eu seria realmente boa.

— Não posso ficar agora, pequena Annie — disse o Elfo —, mas quando chegar outra primavera, voltarei aqui para ver como o presente da fada funcionou. E agora, adeus, querida criança; sê fiel a ti mesma, e a flor mágica jamais murchará.

Então a gentil fada envolveu o pescoço de Annie com seus bracinhos, deu-lhe um beijo suave na bochecha e, a abrir bem suas asas brilhantes, voou a cantar entre as nuvens brancas que a flutuar no céu.

E a pequena Annie sentou-se entre suas flores e observou, com alegria maravilhada, a flor de fada a brilhar em seu peito.

Os dias agradáveis da primavera e do verão passaram, e no jardim da pequena Annie as flores de outono desabrochavam por toda parte, com o sol e o orvalho de cada dia a torná-las ainda mais belas e brilhantes; mas a flor das fadas, que deveria ser a mais linda de todas, pendia pálida e murcha no colo da pequena Annie; sua fragrância parecia ter desaparecido por completo, e a música clara e suave de seu sino de aviso ressoava frequentemente em seus ouvidos.

Quando a fada a colocou ali pela primeira vez, Annie ficou satisfeita com seu novo presente e, por um tempo, obedeceu ao sino da fada, a tentar frequentemente obter algum perfume da flor com palavras e ações gentis e agradáveis; então, como disse a fada, ela encontrou uma doce recompensa no perfume estranho e suave da flor mágica, que a brilhar em seu peito; mas pensamentos egoístas a tentavam, ela cedia e palavras rudes escapavam de seus lábios; e então a flor murchava, pálida e sem perfume, o sino da fada a tocar melancolicamente, Annie esquecia suas melhores resoluções e voltava a ser uma criança egoísta e teimosa.

Por fim, ela desistiu, mas ficou furiosa com a flor fiel e quis arrancá-la do peito; porém, o feitiço da fada ainda a mantinha presa, e todas as suas palavras raivosas apenas faziam o som da flor soar mais alto e triste. Então, ela não deu atenção à música prateada que a ressoar em seus ouvidos, e a cada dia se tornava mais infeliz, descontente e cruel; assim, quando chegaram os dias de outono, ela não estava melhor graças ao presente da gentil fada, e ansiava pela primavera, para que o presente retornasse; pois agora o eco constante da música melancólica a deixava muito triste.

Numa manhã ensolarada, quando sopravam ventos frescos e frios e não havia uma nuvem no céu, a pequena Annie caminhava entre suas flores, a observar atentamente cada uma, na esperança de encontrar a Fada, a única que podia colher a flor mágica de seu seio. Mas ela ergueu as folhas murchas, espiou em vão o orvalho dentro das pétalas; nenhum pequeno Elfo estava ali escondido, e ela se afastou tristemente de todas, a dizer:

— Irei para os campos e bosques e a procurarei lá. Não ouvirei mais essa música enfadonha, nem usarei mais esta flor murcha.

E assim ela saiu para os campos, onde a grama alta farfalhava à sua passagem, e pássaros tímidos a observar de seus ninhos; onde lindas flores silvestres balançavam ao vento e abriam suas folhas perfumadas para acolher as abelhas zumbidoras, enquanto borboletas, como flores aladas, a dançar e a brilhar ao sol.

A pequena Annie olhou, procurou e perguntou a todos se alguém poderia lhe falar da Fada que ela buscava; mas os pássaros a olharam maravilhados com seus olhos suaves e brilhantes, e continuaram a cantar; as flores acenaram sabiamente em seus caules, mas não falaram, enquanto a borboleta e a abelha a zumbir e a voar para longe, uma ocupada demais, a outra preguiçosa demais, para ficar e lhe dizer o que ela perguntava.

Então ela atravessou vastos campos de trigo amarelo, que a ondular ao seu redor como uma floresta dourada; ali, grilos a cantar, gafanhotos a saltar e formigas a trabalhar atarefadas, mas não podiam lhe dizer o que ela tanto desejava saber.

— Agora irei até as colinas — disse Annie —, talvez ela esteja lá.

E assim, seus pezinhos subiam e desciam as encostas verdes; ela procurou por muito tempo e chamou em vão; mas nenhuma fada apareceu. Então, ela foi até a margem do rio e perguntou às alegres libélulas e aos lírios brancos e frescos se a fada estivera ali; mas as ondas azuis a ondular na areia branca a seus pés, e nenhuma voz lhe respondeu.

Então, a pequena Annie adentrou a floresta; e enquanto caminhava pelas trilhas escuras e frescas, as flores silvestres sorriam para ela, esquilos alegres a observar, a balançar-se entre os cipós, e pombas a arrulhar suavemente enquanto ela passava; mas ninguém conseguia responder. Assim, cansada de sua longa e inútil busca, ela sentou-se entre as samambaias e se deliciou com os morangos rosados que cresciam ao seu lado, a observar, enquanto isso, as nuvens carmesim da noite que a brilhar ao redor do pôr do sol.

O vento noturno a sussurrar entre os galhos, a embalar as flores para dormir; os pássaros selvagens a cantar seus hinos vespertinos, e tudo na floresta se acalmava e se aquietava; a luz púrpura se tornava cada vez mais pálida, a cabeça da pequena Annie pendia cada vez mais para baixo, as altas samambaias se curvavam para protegê-la do orvalho, os pinheiros sussurrantes a cantar uma suave canção de ninar; e quando a lua de outono surgiu, sua luz prateada brilhou sobre a

criança, onde, aninhada sobre musgo verde, ela dormia em meio às flores silvestres na velha e escura floresta.

E a noite toda, ao lado dela, permaneceu a Fada que ela procurava, e por meio de um feitiço e encanto élficos, enviou este sonho à criança adormecida.

A pequena Annie sonhou que estava sentada em seu próprio jardim, como tantas vezes antes, com sentimentos de raiva no coração e palavras rudes nos lábios. A flor mágica a cantar seu suave aviso, mas ela não dava atenção a nada, a não ser aos seus próprios pensamentos perturbados; assim estava sentada, quando de repente uma voz baixa sussurrou em seu ouvido:

— Pequena Annie, olha e vê as coisas más que estás a acalentar; eu darei formas apropriadas aos pensamentos e sentimentos que agora habitam teu coração, e verás quão grande será o poder deles, a menos que os expulsas para sempre.

Então Annie viu, com medo e espanto, que as palavras raivosas que proferira se transformaram em formas escuras e desagradáveis, cada uma a mostrar claramente de qual defeito ou paixão surgira. Algumas das formas tinham rostos carrancudos e olhos brilhantes e flamejantes; esses eram os espíritos da Raiva. Outras, com olhares sombrios e ansiosos, pareciam reunir tudo o que conseguiam alcançar, e Annie percebeu que quanto mais ganhavam, menos pareciam ter; e essas ela sabia que eram as formas do Egoísmo. Havia também espíritos do Orgulho, que dobravam suas vestes sombrias ao redor de si e se afastavam com desdém de todos os outros. Esses e muitos outros, a pequena Annie viu, que haviam surgido de seu próprio coração e tomado forma diante de seus olhos.

Quando os viu pela primeira vez, eram pequenos e fracos; mas, à medida que os observava, pareciam crescer e ganhar força, e cada um adquiria um estranho poder sobre ela. Ela não conseguia afastá-los de sua vista, e eles se tornavam cada vez mais fortes, escuros e desagradáveis aos seus olhos. Pareciam lançar sombras negras sobre tudo ao redor, obscurecer a luz do sol, murchar as flores e afastar tudo o que era belo e luminoso; enquanto se erguia lentamente ao seu redor, Annie viu um muro alto e escuro, que parecia bloquear tudo o que ela amava; ela não ousou mover-se nem falar, mas, com um estranho medo no coração, sentou-se a observar as formas indistintas que a pairar ao seu redor.

A parede sombria se elevava cada vez mais, as flores próximas a ela a murchar lentamente, a luz do sol a esvair-se lentamente; mas, por fim, ambas desapareceram, a deixá-la sozinha atrás da parede lúgubre. Então, os espíritos se reuniram ao seu redor, a sussurrar coisas estranhas em seu ouvido, a ordenar-lhe obediência, pois por sua própria vontade ela havia entregado seu coração para ser seu lar, e agora era sua escrava.

Então, ela não pôde mais ouvir nada, mas, a afundar-se entre as flores murchas, chorou lágrimas tristes e amargas por sua liberdade e alegria perdidas; então, através da escuridão, brilhou uma luz fraca e suave, e em seu peito ela viu sua flor encantada, sobre cujas pétalas brancas como a neve suas lágrimas reluziam.

A luz radiante tornou-se cada vez mais clara e brilhante, até que os espíritos malignos se afastaram para a sombra escura da parede, a deixar a criança sozinha.

A luz e o perfume da flor pareceram dar nova força a Annie, e ela se levantou, a dizer, enquanto se inclinava para beijar a flor em seu peito:

— Querida flor, ajuda-me e guia-me agora, e eu ouvirei tua voz e obedecerei alegremente ao meu fiel sino de fada.

Então, em seu sonho, ela sentiu como os espíritos a tentavam e perturbavam, e como, não fosse por sua flor, eles a teriam levado de volta, a tornar tudo escuro e sombrio como antes. Ela lutou bravamente por muito tempo, e lágrimas frequentemente a cair; mas após cada nova provação, sua flor mágica a brilhar mais intensamente, e seu aroma se tornava mais doce, enquanto os espíritos perdiam ainda mais o poder de tentá-la.

Enquanto isso, trepadeiras verdes e floridas subiam pela alta e escura parede, a esconder sua aspereza de sua vista; e sobre elas ela observava com muita ternura, pois logo, onde folhas e flores verdes desabrochavam, a parede abaixo enfraquecia e desmoronava. Assim, a pequena Annie trabalhou e esperou, até que, um a um, os espíritos malignos fugiram, e em seu lugar surgiram formas brilhantes, com olhos gentis e lábios sorridentes, que a cercaram com palavras tão amorosas e trouxeram tanta força e alegria ao coração de Annie, que nenhum mal ousou entrar. Enquanto a parede sombria afundava lentamente, e por cima de grinaldas de flores perfumadas, ela retornava ao mundo agradável, o presente da fada já não mais pálido e murcho, mas agora a brilhar como uma estrela sobre seu peito.

Então, a voz grave falou novamente no ouvido adormecido de Annie, a dizer:

— As paixões sombrias e desagradáveis que contemplaste estão em teu coração; vigia bem enquanto elas são poucas e fracas, para que não obscureçam toda a tua vida e excluam o amor e a felicidade para sempre. Lembra-te bem da lição do sonho, querida criança, e deixa que os espíritos brilhantes façam do teu coração a sua morada.

E com aquela voz a soar em seu ouvido, a pequena Annie acordou e descobriu que tudo não passara de um sonho; mas, como outros sonhos, ele não se dissipou; e enquanto estava sentada sozinha, banhada pela luz rosada da manhã, a observar a floresta despertar para a vida, ela pensou nas formas estranhas que vira e, a olhar para a flor em seu peito, resolveu silenciosamente se esforçar, como fizera em seu sonho, para trazer de volta a luz e a beleza às suas folhas murchas, a fim de ser o que a Fada esperava que ela se tornasse: uma criança paciente e gentil. E, ao ter esse pensamento em mente, a flor ergueu sua cabeça murcha e, a olhar para o rostinho sério curvado sobre ela, pareceu, com seu hálito perfumado, responder ao pensamento silencioso de Annie e fortalecê-la para o que pudesse vir.

Entretanto, a floresta estava agitada, os pássaros a cantar seus alegres bons-dias de árvore em árvore, enquanto folhas e flores se viravam para saudar o sol, que surgia a sorrir para o mundo;

e assim, sob os galhos da floresta e através dos campos orvalhados, a pequena Annie voltou para casa, melhor e mais sábia por causa de seu sonho.

As flores de outono já haviam morrido e desaparecido, folhas amarelas a farfalhar no chão, ventos gélidos a assobiar entre as árvores despidas, e a neve fria e branca do inverno a cair suavemente; contudo, agora, quando tudo lá fora parecia escuro e sombrio, no peito da pequena Annie a flor mágica desabrochava mais bela do que nunca. A lembrança de seu sonho na floresta jamais se apagara, e através das provações e tentações ela se mantivera fiel, a manter sua resolução inabalável; raramente o sino de alerta soava em seu ouvido, e raramente a fragrância da flor deixava de pairar ao seu redor, ou a luz mágica de iluminar tudo por onde caía.

Assim, durante o longo e frio inverno, a pequena Annie permaneceu como um raio de sol em sua casa, a cada dia a tornar-se mais rica no amor dos outros e mais feliz consigo mesma; muitas vezes era tentada, mas, a lembrar-se de seu sonho, ouvia apenas a música do sino da fada, e o pensamento ou sentimento ruim desaparecia, os espíritos sorridentes da gentileza e do amor se aninhavam em seu coração, e tudo voltava a brilhar.

Assim, a criança crescia melhor e mais feliz, a flor mais bela e doce, até que a primavera chegou a sorrir sobre a terra, despertou as flores, libertou os riachos e acolheu de volta os pássaros; então, diariamente, a criança feliz sentava-se entre suas flores, a ansiar pelo retorno do gentil Elfo, para que pudesse expressar sua gratidão por todo o dom mágico que recebera.

Finalmente, um dia, enquanto a cantar sentada no recanto ensolarado onde floresciam todas as suas mais belas flores, cansada de contemplar o céu distante à espera da pequena figura que ansiava ver, ela se inclinou para olhar com amor e alegria para a flor em seu seio; e enquanto olhava, suas pétalas dobradas se abriram amplamente e, a emergir lentamente do cálice branco e profundo, apareceu o rosto sorridente do adorável Elfo cuja vinda ela esperava há tanto tempo.

— Querida Annie, não me procures mais; estou aqui em teu próprio peito, pois aprendeste a amar meu presente, e ele cumpriu sua função fiel e bem — disse a Fada, a olhar para o rosto feliz e radiante da criança e a envolvê-la com seus bracinhos com ternura.

— E agora, trouxe outro presente do Reino das Fadas, como uma recompensa merecida para ti, querida criança — disse ela, depois que Annie expressou toda a sua gratidão e amor; então, a tocar a criança com sua varinha brilhante, a Fada pediu que ela olhasse e escutasse em silêncio.

E de repente o mundo pareceu mudar para Annie; pois o ar estava repleto de sons estranhos e doces, e ao seu redor a flutuar formas encantadoras. Em cada flor, pequenos elfos sorridentes a cantar alegremente enquanto a balançar-se entre as folhas.

A cada brisa, espíritos brilhantes e etéreos passavam a flutuar; alguns a abanar seu rosto com o hálito fresco e a balançar seus longos cabelos, enquanto outros tocavam os sinos das flores e produziam um farfalhar agradável entre as folhas.

Na fonte, onde a água a dançar e a cintilar ao sol, ela via, sobre cada gota, pequenos espíritos alegres que a respingar e a flutuar nas ondas claras e frescas, a cantar tão alegremente quanto as flores, sobre as quais espalhavam orvalho brilhante. As árvores altas, enquanto seus galhos a farfalhar ao vento, cantavam uma canção baixa e sonhadora, enquanto a grama ondulante se enchia de vozes que ela nunca ouvira antes. Borboletas a sussurrar lindas histórias em seu ouvido, e pássaros a cantar canções alegres em uma doce língua que ela nunca entendera. A terra e o ar pareciam repletos de beleza e de uma música que ela jamais havia imaginado até então.

— Dize-me, querida Fada, o que significa! É outro sonho, ainda mais belo, ou a terra é realmente tão linda assim? — exclamou ela, a olhar com admiração e alegria para o Elfo, que repousava sobre a flor em seu peito.

— Sim, é verdade, querida criança — respondeu a Fada —, e poucos são os mortais a quem concedemos este lindo presente; o que para ti é agora tão cheio de música e luz, para os outros não passa de um agradável mundo de verão; eles jamais conhecerão a linguagem das borboletas, dos pássaros ou das flores, e são cegos a tudo aquilo que te dei o poder de ver.

— Estas criaturas belas são agora tuas amigas e companheiras de brincadeiras, e elas te ensinarão muitas lições agradáveis e te proporcionarão muitas horas felizes; enquanto o jardim onde antes te sentavas, a chorar lágrimas tristes e amargas, agora está iluminado por tua própria felicidade, repleto de amigos amorosos por teus próprios pensamentos e sentimentos bondosos; e assim se tornou um agradável lar de verão para a gentil e feliz criança, cuja flor no peito jamais murchará. E agora, querida Annie, preciso ir; mas a cada primavera, com as primeiras flores, voltarei para visitar-te e trazer algum presente de fada. Guarda bem a flor mágica, para que eu a encontre toda bela e radiante quando voltar.

Então, com uma despedida carinhosa, a gentil Fada a flutuar para cima pelo ar ensolarado, a sorrir para a criança, até desaparecer nas nuvens brancas e macias, e a pequena Annie ficou sozinha em seu jardim encantado, onde tudo era iluminado pela luz radiante e perfumado com o aroma de sua flor de fada.

Quando o Luar cessou, Vento de Verão largou seu leque de folhas de rosa e, a recostar-se em sua casca de bolota, contou esta história de

Ondulação, o Espírito da Água

Nas profundezas do mar azul vivia Ondulação, um feliz espírito da água; o dia inteiro ela bailava sob os arcos de coral, tecia guirlandas de flores marinhas brilhantes ou flutuava nas grandes ondas que cintilavam à luz do sol. Contudo, o passatempo que ela mais amava era permanecer deitada nas conchas multicoloridas da praia, a ouvir a música suave e murmurante que as vagas lhes haviam ensinado há muito tempo; ali, por horas, o pequeno espírito observava o mar e o céu, enquanto cantava alegremente para si mesma.

Mas, quando as tempestades surgiam, ela apressava-se para baixo das águas revoltas, onde tudo era calmo e tranquilo. Com seus espíritos irmãos, aguardava até que o tempo melhorasse; escutava com tristeza, nesse ínterim, os gritos daqueles que as ondas bravias destruíram e lançaram no mar furioso, e que logo chegavam, pálidos e gélidos, ao lar agradável dos espíritos. Então, eles vertiam lágrimas de piedade sobre os corpos sem vida e os depositavam em sepulturas silenciosas, onde flores desabrochavam e joias brilhavam na areia.

Essa era a única tristeza de Ondulação, que frequentemente pensava naqueles que sofriam pelos amigos amados, os quais agora dormiam nas profundezas das cavernas de coral escuras e silenciosas; de bom grado, ela teria salvado a vida daqueles que jaziam ao seu redor, mas o vasto oceano era muito mais poderoso do que todos os Espíritos de coração terno que habitavam seu seio. Assim, ela apenas podia chorar por eles e deitá-los para o sono eterno onde nenhuma onda cruel pudesse causar-lhes mais dano.

Certo dia, enquanto uma terrível tempestade assolava a região, e os Espíritos viam grandes ondas que rolavam como nuvens carregadas sobre suas cabeças, e ouviam os ventos selvagens a ecoar ao longe, através das águas espumantes, uma criancinha chegou à sua morada. Seus olhos estavam fechados como se estivesse em sono profundo; os longos cabelos caíam como algas marinhas ao redor de seu rosto pálido e gélido, e as mãozinhas ainda seguravam as conchas que colhera na praia, no instante em que as grandes vagas a arrastaram para o mar revolto.

Com lágrimas ternas, os Espíritos depositaram a pequena figura em seu leito de flores e, cantando canções melancólicas, como se para tornar seu sono mais calmo e profundo, velaram por ela com carinho e por um longo tempo, até que a tempestade se acalmou e tudo voltou à tranquilidade.

Enquanto Ripple cantava sobre a criancinha, através do rugido distante dos ventos e das ondas, ela ouviu uma voz selvagem e pesarosa, que parecia pedir socorro. Ela escutou por um longo tempo, pensando ser apenas o eco de sua própria canção plangente, mas acima da música, ainda soava o triste e lamentoso grito. Então, afastando-se silenciosamente, ela deslizou através da espuma e dos respingos, até que, através das nuvens que se dissipavam, a luz do sol brilhou sobre ela vinda do céu tranquilo; e, guiada pelo som triste, ela flutuou até que, bem à sua frente na praia, viu uma mulher estendendo os braços e, com uma voz triste e suplicante, implorando ao mar inquieto que lhe devolvesse a criancinha que tão cruelmente lhe havia levado. Mas as ondas

espumavam contra as rochas nuas a seus pés, misturando seus respingos frios com suas lágrimas, e não responderam à sua súplica.

Ao ver a dor da mãe, Ondulação desejou confortá-la; então, ao inclinar-se ternamente a seu lado, onde ela estava ajoelhada na praia, o pequeno Espírito contou-lhe como seu filho dormia tranquilamente, lá longe, em um lugar encantador, onde lágrimas de tristeza eram vertidas e mãos gentis depositavam guirlandas sobre ele. Mas em vão ela sussurrou palavras amáveis; a mãe, em prantos, apenas chorava:

— Querido Espírito, não podeis usar nenhum feitiço ou encantamento para que as ondas tragam de volta meu filho, tão cheio de vida e força como quando o arrancaram de mim? Ó, devolvei-me meu filhinho, ou deixai-me deitar a seu lado no seio do mar cruel.

— Com o maior prazer ajudar-vos-ei, se puder, embora meu poder seja limitado; portanto, não vos aflijais mais, pois buscarei na terra e no mar algum amigo que possa trazer de volta tudo o que perdestes. Vigiai diariamente na praia e, se eu não retornar, sabereis que minha busca foi em vão. Adeus, pobre mãe; vereis vosso filhinho novamente, se o poder das fadas for capaz de trazê-lo de volta.

Com essas palavras animadoras, Ondulação saltou para o mar; enquanto isso, a sorrir em meio às lágrimas, a mulher observava o espírito gentil até que sua coroa brilhante desapareceu nas ondas.

Ao chegar em casa, Ondulação correu para o palácio da Rainha e relatou-lhe sobre a criança, a mãe aflita e a promessa que fizera.

— Boa pequena Ondulação — disse a Rainha, após ouvi-la —, vossa promessa jamais poderá ser cumprida; não há poder algum sob o mar capaz de realizar esse feitiço, e jamais conseguireis alcançar a morada dos Espíritos do Fogo para obter deles uma chama que aqueça o pequeno corpo e lhe devolva a vida. Sinto pena da pobre mãe e ajudá-la-ia com o maior prazer; contudo, infelizmente, sou um Espírito como vós e não posso servi-la como tanto desejo.

— Ah, querida Rainha! Se tivésseis visto a sua tristeza, também procuraríeis cumprir a promessa que fiz. Não posso deixá-la esperar por mim em vão, sem que antes eu tenha feito o meu melhor; portanto, dizei-me onde habitam os Espíritos do Fogo, e eu lhes pedirei a chama que dará vida à criança e tamanha felicidade à mãe triste e solitária. Indicai-me o caminho e deixai-me partir.

— É muito, muito longe, bem acima do sol, onde nenhum Espírito jamais ousou aventurar-se — respondeu a Rainha. — Não posso mostrar-vos o caminho, pois este se faz pelo ar. Querida Ondulação, não vades, pois nunca podereis alcançar aquele lugar distante; algum mal certamente vos acontecerá e, então, como viveremos sem nosso Espírito mais querido e gentil? Ficai aqui conosco em vosso lar agradável e não penseis mais nisso, pois jamais poderei permitir vossa partida.

Contudo, Ondulação não quis quebrar a promessa que fizera e suplicou com tanta veemência e com palavras tão comoventes que a Rainha, por fim, com pesar, deu seu consentimento. Ondulação, alegre, preparou-se para a jornada. Ela, com seus espíritos irmãos, construiu um túmulo de conchas delicadas e coloridas, onde a criança poderia repousar até que ela viesse despertá-la para a vida; então, ao rogar-lhes que vigiassem fielmente sobre o pequeno, despediu-se e partiu corajosamente em sua longa e desconhecida viagem para paragens distantes.

— Percorrerei a vasta terra até encontrar um caminho ao sol, ou algum amigo bondoso que me carregue; pois, ai de mim! Não tenho asas e não posso planar pelo ar azul como faço pelo mar — disse Ondulação para si mesma, enquanto bailava sobre as ondas, que a levavam rapidamente em direção a uma costa distante.

Ela viajou por longo tempo pelo oceano sem rumo, sem amigos para lhe dar alegria, exceto as aves marinhas brancas que passavam em voo e apenas paravam para mergulhar as amplas asas ao seu lado, antes de partirem silenciosamente. Às vezes, grandes navios navegavam por perto e, então, com olhos saudosos, o pequeno Espírito contemplava os rostos que miravam o mar; pois muitas vezes eram pessoas gentis e agradáveis, e ela as teria chamado de bom grado para convidá-las à amizade. Contudo, jamais entenderiam a estranha e doce língua que ela falava, nem mesmo veriam o rosto encantador que lhes sorria acima das águas; suas vestes azuis e transparentes eram apenas água para aqueles olhos, e os colares de pérolas em seus cabelos, espuma e borrifos brilhantes; assim, na esperança de que o mar fosse mais gentil com eles, ela flutuou silenciosamente em seu curso e deixou-os para trás.

Por fim, avistaram-se colinas verdejantes, e as ondas alegremente levaram o pequeno Espírito adiante até que, ao ondularem suavemente sobre a areia branca e macia, deixaram-no na agradável praia.

— Ah, que lugar encantador! — disse Ondulação, enquanto passava por vales ensolarados, onde as flores começavam a desabrochar e as folhas jovens farfalhavam nas árvores.

— Por que estais todos tão alegres, queridos pássaros? — perguntou ela, enquanto as vozes joviais ecoavam por toda parte. — Existe algum festival na Terra que torna tudo tão belo e brilhante?

— Não sabeis que a Primavera se aproxima? Os ventos mornos sussurraram isso há dias, e aprendemos as canções mais doces para recebê-la quando ela chegar — cantou a cotovia, ao alçar voo enquanto a música jorrava de sua pequena garganta.

— E poderei vê-la, Violeta, em sua jornada pela Terra? — perguntou Ondulação novamente.

— Sim, encontrá-la-eis em breve, pois a luz do sol disse-me que ela estava perto; dizei-lhe que ansiamos vê-la novamente e aguardamos para recebê-la de volta — disse a flor azul, a dançar de alegria em seu caule, enquanto acenava com a cabeça e sorria para o Espírito.

— Perguntarei à Primavera onde habitam os Espíritos do Fogo; ela viaja pela Terra todos os anos e certamente poderá mostrar-me o caminho — pensou Ondulação, enquanto prosseguia sua jornada.

Logo ela viu a Primavera chegar a sorrir sobre a terra; raios de sol e brisas flutuavam à sua frente e, então, com suas vestes brancas cobertas de flores, grinaldas nos cabelos, e gotas de orvalho e sementes a cair rapidamente de suas mãos, a bela estação passou a cantar.

— Querida Primavera, poderíeis ouvir-me e ajudar um pobre Espírito que busca por toda parte o lar dos Espíritos do Fogo? — clamou Ondulação; então contou por que estava ali e implorou que revelasse o que procurava.

— A morada dos Espíritos do Fogo fica muito, muito longe, e não posso guiar-vos até lá; mas o Verão vem atrás de mim — disse a Primavera —, e talvez ela saiba melhor do que eu. Contudo, dar-vos-ei uma brisa para auxiliar-vos em vossa jornada; ela nunca se cansará nem falhará, mas levar-vos-á com facilidade por terra e mar. Adeus, pequeno Espírito! Faria mais com prazer, mas vozes chamam-me por toda parte e não posso ficar.

— Muitíssimo obrigada, querida Primavera! — exclamou Ondulação, enquanto se afastava a flutuar na brisa. — Saudai a mãe que espera na praia e dizei-lhe que não esqueci minha promessa, mas espero vê-la em breve.

Então, a Primavera avançou com seu sol e flores, e Ondulação percorreu velozmente colinas e vales até chegar à terra onde o Verão habitava. Ali, o sol brilhava calorosamente sobre os primeiros frutos, os ventos sopravam frescos sobre os campos de feno perfumado e sussurravam com um som agradável entre as folhas verdes das florestas; o orvalho pesado caía suavemente à noite, e os longos e luminosos dias traziam força e beleza à terra em flor.

— Agora preciso encontrar o Verão — disse Ondulação, enquanto navegava lentamente pelo céu ensolarado.

— Estou aqui; o que quereis de mim, pequeno Espírito? — disse uma voz melodiosa em seu ouvido; ao flutuar a seu lado, ela viu uma forma graciosa, com vestes verdes a esvoaçar no ar, cujo rosto agradável a olhava com bondade por baixo de uma coroa de raios de sol dourados, que lançavam um brilho quente e intenso sobre todos abaixo.

Então, Ondulação contou sua história e perguntou para onde deveria ir; mas o Verão respondeu:

— Não posso dizer mais do que minha jovem irmã Primavera sobre onde podereis encontrar os Espíritos que buscais; contudo, eu também, como ela, dar-vos-ei um presente para ajudar-vos. Recebei este raio de sol de minha coroa; ele alegrará e iluminará o caminho mais sombrio por onde passardes. Adeus! Levarei notícias vossas àquela que vigia à beira-mar, se em minha jornada ao redor do mundo eu a encontrar lá.

E o Verão, ao entregar-lhe o raio de sol, desapareceu sobre as colinas distantes, a deixar para trás tudo verde e brilhante.

Assim, Ondulação prosseguiu sua jornada até que a terra sob seus pés brilhasse com as colheitas amarelas a ondular ao sol, e o ar se enchesse de vozes alegres, enquanto os ceifadores cantavam entre os campos ou nos agradáveis vinhedos, onde frutos roxos reluziam entre as folhas. O céu acima permanecia sem nuvens, e as árvores da floresta, em transformação, brilhavam como uma guirlanda multicolorida sobre colinas e planícies; ali, ao longo dos campos de milho a amadurecer, com brilhantes grinaldas de folhas carmesim e espigas de trigo douradas nos cabelos e em seu manto púrpura, a majestosa Outono passou, com um sorriso feliz no rosto sereno, enquanto distribuía generosos presentes de seus braços fartos.

Mas, quando o Espírito errante veio até ela e perguntou o que buscava, esta estação, como as outras, não pôde dizer-lhe para onde ir; então, ao dar-lhe uma folha amarela, o Outono disse, ao partir:

— Perguntai ao Inverno, pequena Ondulação, quando chegardes à sua fria morada; ele conhece bem os Espíritos do Fogo, pois, quando ele chega, eles voam para a terra para aquecer e confortar aqueles que lá habitam; talvez ele possa dizer-vos onde eles estão. Portanto, aceitai este meu presente e, quando encontrardes seus ventos gélidos, aconchegai-vos nele e ficai protegida sob seu abrigo, até que a luz do sol retorne. Levarei conforto à mulher paciente, como minhas irmãs já fizeram, e dir-lhe-ei que continuais fiel.

Então a Brisa incansável seguiu seu curso sobre florestas, colinas e campos, até que o céu escureceu e ventos gélidos assobiaram. Então, Ondulação, envolta na folha macia e quente, olhou com tristeza para a terra, que parecia desolada e imóvel sob seu manto de neve, e pensou em quão frias deviam estar as folhas e as flores; pois o pequeno Espírito da Água não sabia que o Inverno estendia uma cobertura branca e macia sobre seus leitos, para que pudessem dormir em segurança até que a Primavera os despertasse.

Assim, ela prosseguiu tristemente, até que o Inverno, a cavalgar o forte Vento Norte, passou veloz, com uma coroa de gelo cintilante nos cabelos esvoaçantes; enquanto isso, debaixo de seu manto carmesim, onde a geada brilhante reluzia como fios de prata, ele espalhava flocos de neve por toda parte.

— O que buscais em mim, belo espírito, que vindes tão corajosamente até aqui, em meio ao meu gelo e neve? Não me temais; sou caloroso por dentro, embora rude e frio por fora — disse o Inverno, ao olhá-la com bondade, enquanto um sorriso radiante brilhava como a luz do sol em seu rosto afável, que cintilava e reluzia no ar gélido.

Quando Ondulação lhe contou o motivo de sua vinda, ele apontou para o alto, onde a luz do sol brilhava fracamente através das nuvens carregadas, e disse:

— Lá longe, além do sol, fica a morada dos Espíritos do Fogo; e o único caminho é para cima, através das nuvens e da névoa. É uma trilha longa e estranha para um Espírito solitário percorrer; as fadas são criaturas selvagens e caprichosas e, em suas brincadeiras, podem ferir-vos ou perturbar-vos. Voltai comigo e não façais essa jornada perigosa até o céu. Levar-vos-ei de volta para casa com prazer, se vierdes.

Mas Ondulação disse:

— Não posso voltar atrás agora, quando estou tão perto. Os Espíritos certamente não me farão mal quando eu lhes contar por que vim; e, se eu conquistar a chama, serei o Espírito mais feliz do mar, pois minha promessa será cumprida e a pobre mãe ficará feliz novamente. Portanto, adeus, Inverno! Falai com ela gentilmente e dizei-lhe para ainda ter esperança, pois certamente voltarei.

— Adeus, pequena Ondulação! Que os bons anjos vos protejam! Segui em frente com coragem e levai este floco de neve que jamais derreterá, como MEU presente — exclamou o Inverno, enquanto o Vento Norte o levava, a deixar para trás uma nuvem de neve que caía.

— Agora, querida Brisa — disse Ondulação —, voai direto para o alto, até chegarmos ao lugar que tanto buscamos; o Raio de Sol irá à frente para iluminar o caminho, a Folha Amarela proteger-me-á do calor e da chuva, enquanto o Floco de Neve ficará aqui ao meu lado até que seja útil. Portanto, adeus à agradável Terra, até que voltemos. E agora, vamos, em direção ao sol!

Quando Ondulação iniciou sua jornada aérea, tudo era escuro e sombrio; nuvens carregadas amontoavam-se como colinas ao seu redor, e uma névoa fria preenchia o ar; mas o Raio de Sol, como uma estrela, iluminava o caminho, a folha envolvia-a para aquecê-la, e o vento incansável soprava velozmente. Cada vez mais alto subiam; o ar tornava-se progressivamente mais escuro e a névoa úmida aproximava-se, enquanto as nuvens negras rolavam e agitavam-se, como grandes ondas, de um lado para o outro.

— Ah! — suspirou o pequeno Espírito cansado. — Nunca mais verei a luz, nem sentirei o vento morno em minha face? É um caminho realmente sombrio e, não fossem os dons das Estações, eu já teria perecido há muito tempo; mas as nuvens carregadas hão de dissipar-se, enfim, e tudo voltará a ser belo. Portanto, apressa-te, boa Brisa, e leva-me depressa ao fim da minha jornada.

Logo os vapores frios se dissiparam de seu caminho, e o sol brilhou agradavelmente sobre ela; assim, ela prosseguiu alegremente, até chegar entre as estrelas, onde muitas visões novas e estranhas se descortinavam. Com olhos maravilhados, ela contemplou os mundos brilhantes que antes lhe pareciam tênues e distantes, quando os observava do mar; agora, porém, eles se moviam ao seu redor, alguns a brilhar com uma luz suave e radiante, outros circundados por anéis brilhantes e multicoloridos, enquanto outros ardiam com um brilho vermelho e furioso.

Ondulação teria ficado de bom grado para observá-los por mais tempo, pois imaginava que vozes suaves e doces a chamavam, e rostos encantadores pareciam fitá-la enquanto passava; mas,

ainda mais acima, mais perto do sol, ela viu uma luz distante que cintilava como uma estrela carmesim brilhante e parecia lançar um brilho rosado pelo céu.

— Os Espíritos do Fogo certamente devem estar lá, e não devo demorar-me mais aqui — disse Ondulação.

E assim flutuou firmemente, até que diante dela se abriu um caminho amplo e radiante, que levava a um arco dourado, além do qual ela podia ver formas a moverem-se de um lado para o outro. À medida que se aproximava, o céu brilhava com mais intensidade e o ar tornava-se cada vez mais quente, até que o manto de folhas de Ondulação murchou, sem que pudesse mais protegê-la do calor; então, ela desdobrou o floco de neve branco e, ao envolver-se alegremente no manto macio e fresco, entrou pelo arco brilhante.

Através da névoa vermelha que flutuava ao seu redor, ela podia ver altas paredes de luz mutáveis, onde chamas laranja, azuis e violetas tremeluziam de um lado para o outro, a formar figuras graciosas enquanto dançavam e brilhavam; sob esses arcos de arco-íris, pequenos Espíritos deslizavam, de perto e de longe, a usar coroas de fogo sob as quais reluziam seus olhos selvagens e brilhantes; enquanto falavam, faíscas caíam rapidamente de seus lábios, e Ondulação via com admiração, através de suas vestes de luz transparente, que no peito de cada fada ardia uma chama constante, que nunca vacilava ou se apagava.

Enquanto permanecia assim, os Espíritos reuniram-se ao seu redor, e seu hálito quente tê-la-ia queimado, mas ela puxou o manto de neve para mais perto de si, a dizer:

— Levai-me à vossa Rainha, para que eu lhe diga por que estou aqui e peça o que desejo.

Assim, por longos corredores de fogo multicolorido, conduziram-na a um Espírito mais belo que os demais, cuja coroa de chamas ondulava como plumas douradas, enquanto, sob seu manto violeta, a luz em seu peito brilhava forte e intensamente.

— Esta é a nossa Rainha — disseram os Espíritos, a curvar-se diante dela, enquanto ela voltava seus olhos brilhantes para a estrangeira que haviam trazido.

Então Ondulação contou como havia vagado pelo mundo em busca deles; como as Estações a ajudaram gentilmente, ao dar-lhe o Raio de Sol, a Brisa, a Folha e o Floco; e como, através de muitos perigos, ela finalmente conseguiu chegar para pedir-lhes a chama mágica que poderia devolver a vida à criancinha.

Quando ela terminou de contar sua história, os Espíritos cochicharam entre si com fervor, enquanto faíscas caíam em profusão a cada palavra; por fim, a Rainha do Fogo disse em voz alta:

— Não podemos dar a chama que pedis, pois cada uma de nós teria que tirar uma parte dela do próprio peito; e isso não faremos, pois, quanto mais brilhante arder o fogo em nosso peito, mais

belas seremos. Portanto, não nos peçais tal coisa; mas qualquer outro dom daremos com a maior alegria, pois sentimos bondade por vós e vos serviremos se pudermos.

Mas Ondulação não pediu nenhum outro favor e, a chorar tristemente, implorou que não a mandassem de volta sem o presente que viera de tão longe para obter.

— Ó queridos Espíritos de coração bondoso! Concedei-me um pouco da luz de vossos próprios corações, e certamente eles brilharão ainda mais por este ato de bondade; eu vos retribuirei com gratidão, se puder.

Enquanto falava, a Rainha, que avistara um colar de joias que Ondulação usava, respondeu:

— Se me derdes essas pedras brilhantes e cintilantes, conceder-vos-ei uma parte de minha própria chama; pois não temos coisas tão belas para usar no pescoço, e eu as desejo muito. Dar-me-eis isso em troca do que vos ofereço, pequeno Espírito?

Alegremente, Ondulação entregou-lhe a corrente; mas, assim que esta tocou sua mão, as joias derreteram como neve e caíram em gotas brilhantes no chão. Com isso, os olhos da Rainha fulguraram, e os Espíritos reuniram-se furiosos ao redor da pobre Ondulação, que olhou tristemente para a corrente quebrada e pensou em vão no que poderia dar para conquistar aquilo que tanto desejava.

— Tenho muitas joias mais preciosas do que estas em minha morada no fundo do mar; trarei todas as que puder reunir, de longe, se atenderdes à minha prece e me derdes o que peço — disse ela, ao voltar-se suavemente para os Espíritos do Fogo que pairavam ferozmente ao seu redor.

— Deveis trazer a cada um de nós uma joia que jamais desapareça de nossas mãos como estas — disseram eles —, e cada um de nós dará uma porção de nosso fogo; quando a criança ganhar vida, devereis trazer todas as joias que puderdes reunir das profundezas do mar, para que possamos experimentá-las aqui, entre as chamas. Contudo, se elas se desfizerem como estas, manter-vos-emos prisioneira até que nos devolvais a luz que vos emprestamos. Se concordardes com isso, aceitai nosso presente e retornai para casa; mas não deixeis de voltar, ou iramos procurar-vos.

E Ondulação disse que consentiria, embora não soubesse se tais joias poderiam ser encontradas; ainda assim, ao pensar na promessa que fizera, esqueceu tudo o mais e disse aos Espíritos que o que pediam certamente seria feito. Então, cada um deles ofereceu um pouco do fogo de seus peitos e colocou a chama em um vaso de cristal, através do qual ela brilhou e cintilou como uma estrela.

Então, ao pedirem-lhe que se lembrasse de tudo o que lhes havia prometido, conduziram-na ao arco dourado e despediram-se.

Assim, a descer pelo caminho brilhante, através da névoa e das nuvens, ela retornou; até que, lá embaixo, viu o vasto mar azul que deixara há tanto tempo.

Com alegria, ela mergulhou nas ondas claras e frescas e flutuou de volta para seu lar agradável, onde os Espíritos se reuniram alegremente ao seu redor, a ouvir com lágrimas e sorrisos enquanto ela contava todas as suas andanças e mostrava o vaso de cristal que havia trazido.

— Agora vinde — disseram eles —, e terminai o bom trabalho que tão bravamente realizastes.

Então, foram até o túmulo silencioso onde, como uma imagem de mármore, fria e imóvel, jazia a criança. Ondulação colocou a chama sobre o peito dela e observou-a brilhar e cintilar ali, enquanto a luz retornava lentamente aos olhos antes turvos, um brilho rosado iluminava o rosto pálido e a respiração escapava por entre os lábios entreabertos; o fogo mágico queimava ainda mais forte e quente, até que a criança despertou de seu longo sono e olhou, com um sorriso de admiração, para os rostos que se debruçavam sobre ela.

Então, Ondulação cantou de alegria e, com suas irmãs Espíritos, vestiu a criança com graciosas roupas tecidas de algas marinhas brilhantes, enquanto em seus cabelos reluzentes cingiram longas guirlandas de suas flores mais belas, e em seus bracinhos penduraram correntes de conchas luzentes.

— Agora vinde conosco, querida criança — disse Ondulação. — Levar-vos-emos em segurança para a luz do sol e o ar agradável; pois este não é o vosso lar, e lá, na praia, um amigo amoroso vos espera.

Então, subiram através da espuma e dos respingos até chegarem à praia, onde a brisa fresca brincava com seus cabelos soltos e as ondas quebravam cintilantes a seus pés. A mãe solitária permanecia ali, a contemplar o mar com saudade. De repente, numa grande onda azul que se aproximava, ela viu os Espíritos da Água a sorrirem para ela; e lá no alto, em seus braços brancos e brilhantes, seu filho estendeu as mãos para recebê-la, enquanto a vozinha que ela tanto ansiava ouvir novamente cantava alegremente:

— Vede, querida mãe, eu cheguei; e vede que coisas belas os Espíritos gentis me deram, para que eu pudesse parecer mais bela aos vossos olhos.

Então, suavemente, a grande onda quebrou e recuou para o mar, a deixar Ondulação na praia e a criança nos braços da mãe.

— Ó fiel pequeno Espírito! Eu vos daria de bom grado um presente precioso para demonstrar minha gratidão por este gesto gentil; mas nada tenho além deste colar de pequenas pérolas: são as lágrimas que derramei, e o mar transformou-as assim para que eu pudesse oferecê-las a vós — disse a mãe feliz, quando sua alegria inicial passou e Ondulação se virou para partir.

— Sim, aceitarei com prazer o vosso presente e o considerarei meu mais belo adorno — disse o Espírito da Água; e, com as pérolas sobre o peito, deixou a praia, onde a criança brincava alegremente de um lado para o outro, enquanto o sorriso feliz da mãe brilhava sobre ela, até que afundou sob as ondas.

E agora, outra tarefa precisava ser feita; sua promessa aos Espíritos do Fogo devia ser cumprida. Então, ela vasculhou por toda parte as cavernas do mar e reuniu todas as joias mais brilhantes que ali cintilavam; e então, montada em sua fiel Brisa, partiu mais uma vez em sua jornada pelo céu.

Os Espíritos a receberam de braços abertos e a conduziram até a Rainha, diante da qual ela derramou as gemas brilhantes que havia reunido com tanto esforço e cuidado; mas, quando os Espíritos tentaram moldá-las em coroas, elas escorreram de suas mãos como gotas de orvalho coloridas, e Ondulação viu, com medo e tristeza, como se derretiam uma a uma, até que nenhuma das muitas que havia trazido restou. Então, os Espíritos do Fogo a olharam com raiva e, quando ela implorou por misericórdia e pediu que a deixassem tentar mais uma vez, disse:

— Não me mantenhais prisioneira aqui. Não posso respirar as chamas que vos dão vida e, não fosse por este manto de neve, eu também derreteria e desapareceria como as joias em vossas mãos. Ó queridos Espíritos, dai-me outra tarefa, mas deixai-me partir deste lugar quente, onde tudo é estranho e temível para um Espírito do mar.

Eles não quiseram ouvir e aproximaram-se a dizer, enquanto faíscas brilhantes jorravam de seus lábios:

— Não vos deixaremos ir, pois prometestes ser nossa se as joias que trouxestes se provassem inúteis; portanto, jogai fora este manto branco e frio, banhai-vos conosco nas fontes de fogo e ajudai-nos a trazer de volta para as chamas de nosso seio a luz que vos demos para a criança.

Então Ondulação prostrou-se sobre o chão em chamas e sentiu que sua vida estava quase no fim; pois ela bem sabia que o ar quente do palácio de fogo ser-lhe-ia fatal. Os Espíritos reuniram-se ao redor e começaram a erguer seu manto; mas, por baixo, viram o colar de pérolas a brilhar com uma luz clara e suave, que resplandeceu ainda mais quando tocaram nele.

— Oh, dai-nos isto! — exclamaram eles. — É muito mais bonito do que todos os outros e não se desfaz como eles; e vede como brilha intensamente em nossas mãos. Se pudermos ter isto, tudo ficará bem e estareis livre novamente.

E Ondulação, novamente segura sob seu floco de neve, alegremente entregou-lhes a corrente; contou-lhes como as pérolas que agora exibiam com orgulho em seus peitos eram formadas de lágrimas que, não fosse por elas, ainda poderiam estar a fluir. Então, os Espíritos sorriram-lhe com muita gentileza e quiseram abraçá-la e beijar-lhe a face, mas ela recuou, a dizer-lhes que cada toque deles era como uma ferida para si.

— Então, se não podemos expressar nossa alegria dessa forma, demonstraremos de outra maneira e proporcionar-vos-emos uma agradável viagem de volta para casa. Vinde conosco — disseram os Espíritos — e vede o caminho luminoso que preparamos para vós.

Assim, conduziram-na até o portão imponente e ali, do céu à terra, um belo arco-íris estendia suas cores radiantes sob o sol.

— Esta é, de fato, uma estrada agradável — disse Ondulação. — Obrigada, Espíritos amigos, por vosso cuidado; e agora, adeus. Eu ficaria de bom grado por mais tempo, mas não podemos viver juntos e anseio profundamente pelo meu próprio lar fresco. Agora, Raio de Sol, Brisa, Folha e Floco, voai de volta para as Estações de onde viestes e dizei-lhes que, graças aos seus generosos presentes, o trabalho de Ondulação finalmente terminou.

Então, a descer pelo caminho brilhante que se estendia à sua frente, o pequeno e feliz Espírito deslizou até o mar.

— Obrigada, querida Vento de Verão — disse a Rainha. — Lembrar-nos-emos das lições que cada um de vós nos ensinou e, quando nos encontrarmos novamente em Fern Dale, vós nos contareis mais. E agora, querido Trip, chamai-os do lago, pois a lua está a pôr-se rapidamente e precisamos voltar para casa depressa.

Os Elfos reuniram-se ao redor de sua Rainha e, enquanto o farfalhar das folhas permanecia imóvel e as doces vozes das flores se misturavam às suas próprias, eles cantaram isto:

Canção das Fadas

O luar desvanece-se das flores e das árvores,
E as estrelas apagam-se uma a uma;
A história é contada, a canção é cantada,
E o banquete das fadas termina.
O vento noturno embala as flores adormecidas
E canta para elas, suave e baixinho.
Os pássaros da manhã logo despertarão:
É hora de os Elfos partirem.

Sobre a terra adormecida passamos silenciosamente,
Invisíveis aos olhos mortais,
E enviamos doces sonhos, enquanto flutuamos levemente
Pelo céu tranquilo iluminado pela lua; —
Pois somente os olhos suaves das estrelas podem ver,
E somente as flores podem saber,
As festas que realizamos, as histórias que contamos:
Então, é hora de os Elfos partirem.

Dos pássaros, das flores e das abelhas,
Aprendemos as lições que nos ensinam;
E buscamos, por meio de boas ações, conquistar
Um amigo amoroso em cada um.
E embora invisíveis na Terra habitemos,
Doces vozes sussurram baixinho,
E corações gentis saúdam com alegria
Os Elfos aonde quer que eles vão.

Quando nos encontrarmos novamente no Vale das Fadas,
Que a suave luz da lua prateada
Brilhe em rostos tão alegres como agora,
E em corações élficos tão leves.
Agora, abri vossas asas, pois o céu do leste
Logo brilhará com a luz do sol.
A estrela da manhã guiar-nos-á para casa:
Adeus! Pois os Elfos precisam partir.

Quando a música cessou, com um suave sussurro, os Elfos abriram suas asas brilhantes e voaram silenciosamente sobre a terra adormecida; as flores fecharam seus olhos luminosos, os ventos suaves aquietaram-se, pois a festa havia terminado e as lições das Fadas haviam chegado ao fim.